

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 5 DE MARÇO DE 1970 N.º 16 955 ANO 49.º PREÇO 1\$50

Nós e o Mundo em

MESA REDONDA

suplemento das sextas-feiras



DR. AZEREDO PERDIGÃO

O direito à habitação

— TEMA DE UM COLÓQUIO EM QUE SE APONTARAM AS CONDIÇÕES EM QUE VIVEM OS PORTUGUESES

«O problema da habitação não pode ser encarado se não como integrante de um vasto conjunto de questões. Ele está, por exemplo, intimamente ligado ao problema da distribuição dos rendimentos».

Esta declaração resume a intervenção do eng.º Bruto da Costa, num debate ontem realizado no Colégio do Sagrado Coração de Maria, por iniciativa da Paróquia de Arroios. Fundamentando a sua intervenção, o eng.º Bruto da Costa citou números, reservando, embora, o seu carácter pouco rigoroso, mas salvaguardando a aproximação da realidade que eles representam:

Outro dos participantes — o arquitecto Nuno Portas — descreveu a situação habitacional de Lisboa.

O debate, subordinado ao tema «Consciência Crística e Direito à Habitação», organizado pela paróquia de Arroios, teve como pretexto inicial o problema do Vale Escuro, onde vivem cerca de mil famílias que a Câmara Municipal de Lisboa quer transferir para a Musgueira, em virtude da necessidade que tem de cumprir um plano urbanístico destinado a aquela zona. Os habitantes não desejam mudar de local de residência, pois ali se encontram já radicados, ali possuem toda a sua estrutura de vida: escolas, comércio, empregos, etc. Segundo o arquitecto Nuno Portas, o proble-

IMPORTANTES OS BENEFÍCIOS CONCEDIDOS A PORTUGAL PELA FUNDAÇÃO GULBENKIAN NO DECORRER DO ANO FINDO

Com a pontualidade costumeira e a mesma objectividade esclarecedora na larga pormenorização, apresentada da Fundação Calouste Gulbenkian o «resumo das suas principais actividades durante o ano de 1969».

No conjunto dessas valiosas e fecundas actividades, correspondendo à 18.ª gerência anual da prestigiosa ins-

tuição, cujas relevantes actividades abrangem vastas comunidades espalhadas pelo Mundo, assume capital importância a soma de benefícios para Portugal, a que corresponde amplo surto de progresso, com impulsão de espírito de renovação, em sectores predominantes da vi-

(Continua na 22.ª página)

(Continua na última página)



A mesa da presidência do colóquio

TUMULTOS NA CAPITAL DE PORTO RICO (UM MORTO E 55 FERIDOS)

S. JOÃO DE PORTO RICO, 5 — menos, mais 55 pessoas ao regista- (R.) — Foi morta a tiro uma jovem rem-se, durante a noite, desordens e de 19 anos e ficaram feridas, pelo casos de fogo-posto nesta capital.

A rapariga, chamada Antónia Martínez, morreu no hospital em consequência de ferimentos provocados por balas.

As autoridades revelaram que pelo menos mais cinco pessoas feridas a tiro estão hospitalizadas, ao passo que outras 50 foram atingidas por pedras ou estilhaços de vidro.

A ilha de Porto Rico, que tem uma população de quase três milhões de habitantes, possui autonomia de Governo, embora ligada constitucionalmente aos Estados Unidos.

As desordens de ontem à noite foram iniciadas por raparigas do movimento a favor da independência, às

quais se juntaram colegas masculinos.

A Polícia de choque dispersou os manifestantes

nos terrenos da Universidade e estes espalharam-se pelo bairro vizinho partindo vidros à pedrada.

LADRÃO DE AUTOMÓVEIS CONDENADO A CHOQUES ELÉCTRICOS

BRADFORD (Inglaterra), 5 — (A. N. I.) — Um ladrão de automóveis foi condenado a três choques eléctricos por dia durante seis meses — pena e tratamento com que se pretende curar a sua mania de roubar carros.

Christian Bartley vai ser internado num hospital para fazer tratamento, devendo dar um choque a si mesmo, com uma máquina especial, sempre que pensar em carros.

Ralph McGuttre, leitor de Psicologia da Universidade de Leeds, declarou no tribunal de Bradford que Bartley tinha sido já submetido ao tratamento por duas vezes, mas que não estava a segui-lo quando voltou a roubar carros.

HOJE 36 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA



POZZUOLI, antigo posto marítimo italiano e, actualmente, com uma população de 65 mil habitantes, tornou-se mancha nos jornais do mundo inteiro: fenómenos telúricos ameaçam riscar do mapa a pequena localidade. As pessoas, tomadas de pânico, estão a abandonar os seus lares. Algumas, mais renitentes, são convencidas por padres (foto) a sair de suas casas, a fim de escaparem à possível tragédia. (Ler na pág. 11)

DE ONTEM PARA HOJE

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

Ontem, dia do aniversário do nascimento do Infante D. Henrique, foi inaugurada a nova sede do Banco de Fomento Nacional. Lembrou-o o sr. Presidente da República no discurso que proferiu, acrescentando: «Desejo que este Banco se possa expandir da forma como o Infante mandou aos seus navegantes que expandissem Portugal». Antes o governador do Banco, eng.º Daniel Vieira Barbosa, antigo ministro da Economia, acentuara os aspectos sociais do Banco porque a economia não é fim de si própria: existe e tem de modelar-se em função dos valores mais altos da pessoa humana que se destina a servir. Daí: «Tivemos, assim, dentro da linha de pensamento enunciada, e ao concebemos as novas instalações do Banco, o propósito basililar de garantir a todos os nossos colaboradores um ambiente de trabalho dignificante, que perfeitamente correspondesse à dadiiva que constantemente nos fazem do melhor de si próprias. Já no que toca a remunerações, bem como a outros aspectos das relações de trabalho, o Banco não se pauta pelas estritas exigências de contratos colectivos. De resto, dificilmente poderiam elas aplicar-se no nosso caso, atentas as condições peculiares de um Banco de investimentos, com a franca predominância de quadros técnicos e problemas específicos no domínio das funções a exercer. Para além da remuneração mensal, do subsídio de férias e de gratificações de Natal e Páscoa — assegurando, no conjunto, aos nossos colaboradores aproximadamente quinze meses de vencimento —, tem o pessoal, estatutariamente, direito a participação nos lucros do Banco, o que naturalmente concorre para o identificar ainda mais com a vida e os interesses da instituição. E o volume de tal participação, esperamos vê-lo reforçado através dos reajustamentos estatutários que se encontram em estudo e em breve submeteremos à apreciação superior».

UM MORTO E CINCO FERIDOS

Foi perto de Fornos de Algodres que uma camioneta ligeira se despetou. Foi junto da freguesia de Sobral Pichorro

COMUNHÃO PASCAL

A Polícia de Segurança Pública de Lisboa teve ontem a sua comunhão pascal na igreja de S. Roque. Assistiram o comandante geral da corporação o chefe do Estado Maior e outros oficiais superiores. Comungaram muitos oficiais e comissários, chefes e guardas. A missa foi celebrada pelo capelão-chefe, capitão rev. Lúcio Marçal.

que o desastre se deu. Morreu o sr. Albano Janeiro, de 58 anos, negociante, de Forno Telheiro. Feridos ficaram os srs. Albano Marques, de 57 anos, casado, natural e residente em Celorico da Beira; Hermenegildo dos Santos, de 40, natural e residente em

Forno Telheiro (Celorico da Beira); António Caetano Neto, de 32, casado, serralheiro, natural e residente em Celorico da Beira; Manuel Ferreira, de 74, jornalista, também casado, e José Fernando Direito Janeiro, de 27 anos que conduzia.

UM MORTO E TRÊS FERIDOS

Um automóvel despetou-se e foi de encontro a uma árvore, em Cabanas, perto de Palmela. Um dos ocupantes, enfermeiro do Hospital Militar Principal, morreu logo, os outros três, moradores em

Évora, recolheram ao Hospital de S. José, em estado muito grave São: José João Antunes Ribeiro, de 22 anos, Vitor Manuel Fernandes Rosado, de 18 anos e António José Lopes Moura, de 29 anos, pedreiro.

A FACADA

Foi num café de fihavo. O gerente recusou-se a servir o industrial de serralharia Fernando da Silva Pereira, de 30 anos. Houve altercação e foi pedida a comparência da G. N. R. Tudo parecia acalmado com a presença das fardas. De repente, um irmão daquele industrial, Lindolfo Raul da Silva Pereira, de 38 anos, vibrou funda facada no cabo da G. N. R., sr. António de Oliveira Santos

SETE FERIDOS

Na estrada Cacthas-Setúbal, no troço de Colina. Um automóvel foi esmagar-se contra uma furgoneta, ficando de rodas para o ar. Os Bombeiros Voluntários de Almada acorreram. Ao todo sete feridos, três ocupantes da furgoneta e os quatro do automóvel, estando estes em estado grave, no Hospital de S. José. São: António Rodrigues Neves, de 17 anos, ferroviário, de Faro, seu filho, Casimiro José da Silva Neves, de 21 anos, e um tio deste, Armando Fernandes Colado, de 24 anos, ambos mecânicos e José Bruno das Dores, de 45 anos, também ferroviário.

VAI SER FACILITADO O TRÁFEGO MARÍTIMO DE PASSAGEIROS E MERCADORIAS

Foram publicados no «Diário do Governo» o Decreto-Lei n.º 78-70 e o Decreto n.º 79-70, com os quais são revogados vários diplomas legislativos e aprovado o Regulamento das Imposições Marítimas Gerais. Os objectivos dos referidos diplomas são explicados no preâmbulo do Decreto-Lei n.º 78-70, onde se lê:

«A simplificação com que se processa o tráfego aéreo de passageiros e mercadorias mostrou que se poderia facilitar o correspondente tráfego marítimo. Este foi o objectivo da Convenção Que Visa Facilitar o Tráfego Marítimo Internacional de Passageiros e Mercadorias, de 1965.

Verificou-se que algumas das simplificações recomendadas na Convenção são incompatíveis com os procedi-

mentos estabelecidos para cumprimento de exigências da legislação em vigor, nomeadamente a que se refere a imposições marítimas. Parecendo conveniente facilitar a tráfego marítimo de modo a ser eventualmente possível a assinatura da Convenção Que Visa Facilitar o Tráfego Marítimo Internacional de Passageiros e Mercadorias, elaborou-se o presente diploma eliminando as normas que acarretam provas para além das que podem ser deduzidas da documentação acordada como máximo exigível na Convenção.

Assim, eliminou-se o imposto de passagens, que desde a sua criação em 1921 pelo Decreto n.º 7822 tem sofrido múltiplas modificações, no sentido de se liberalizarem as isenções e cujo cálculo requer o conhecimento do

custo das passagens, tendo-se compensado a quebra na receita com um pequeno aumento nos impostos de tonelagem e de comércio marítimo, que, fixados em 1934, se encontram de valor desactualizado. Simultaneamente, unificou-se a legislação, incorporando no presente diploma e no seu regulamento todas as disposições que se encontravam dispersas.»

Obras do metropolitano

Por motivo da construção do Metropolitano de Lisboa, a norte da Rua Frei Francisco Foreiro, vai ser atribuído sentido único poente-nascente ao troço da Rua Cidade de Liverpool, entre a Avenida Almirante Reis e a Rua Zaire.

ora diga-nos...

— É feliz ao jogo?

A vida é um jogo. Um jogo sujo, cheio de contratempos, imprevistos, deslealdade. Mas é também verdade, pureza, luz, tudo.



• O estivador Joaquim Vitor, de 32 anos, respondeu assim à nossa pergunta:

— Não, assim assim. Jogo no Totobola. Nunca fiz mais de dez. Tendo feito muitas vezes 10 e onze.

• Só às vezes. Jogo muito, até já ganhei 220 escudos no Totobola, dizem Jorge Manuel Rodrigues Barbedo de Pinho, de 16 anos.



• Por último, ouvimos o fustileiro António de Vale, de 57 anos.



— Não gosto de jogos. — Jogo na vida, no dia-a-dia. É tudo. Já me esquecia: De vez em quando jogo na lotaria com uns amigos. Sei sempre... o dinheiro da algarbeira...

Em três linhas

Foi classificado de utilidade turística o Restaurante «Snek» Infante, prestes a ser inaugurado em Viseu. Foi seu decorador o artista António Batalha

de Navegação, para o Ministério do Exército, a partir de 23 de Março de 1970.

Foi afretado pelo Ministério da Marinha o navio «Nias», da Companhia Nacional

O prof. Gouveia Monteiro, actual reitor da Universidade de Coimbra, foi exonerado, a seu pedido, de vogal do júri de concurso para cattedrático de Pneumotisiologia

da Faculdade de Medicina de Lisboa.

No Palácio dos foi inaugurada uma exposição fotográfica documental sobre «Etnias do Sul de Angola», da autoria de Emílio Pêque.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Nauticampo 4.º
de 5 a 15 de Março
na
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
Últimas novidades de recreio
na terra e no mar
HOJE: Inauguração
Horário: 5.ª e 6.ª feira das 17 às 24 horas
ENTRADA — 5\$00

UMA INFORMAÇÃO DE INTERESSE PÚBLICO, MUITO ESPECIALMENTE DIRIGIDA AOS SNRS. ARQUITECTOS ENGENHEIROS E CONSTRUT. CIVIS

REVESTIMENTOS E ALCATIFAS

Quizemos fabricar uma alcatifa que estivesse à altura do que de melhor se apresenta nos mais exigentes mercados mundiais, em qualidade, beleza e resistência. E que, apesar de tudo isso, não fosse cara. Para isso escolhemos a melhor maquinaria, as melhores técnicas e preferimos MERAKLON - A FIBRA DO SÉCULO. Porque MAITEX não é só resistência e beleza. Limpa-se facilmente, é anti-nódos e anti-trança. Amortiza os ruídos e não dilata.

PODE SER APLICADA DIRECTAMENTE SOBRE QUALQUER PAVIMENTO OU PAREDE, E SUBSTITUIR COM MUITAS VANTAGENS OS REVESTIMENTOS VULGARES (TACOS, LADRILHOS, PAPIÉS, TINTAS, ETC.).

MAITEX — INDUSTRIA TÊXTIL, LDA. — 10000, 10001, 10002, 10003 — LISBOA 6 — ZONA SANTIAGO — PORTO

POLIÁGUA

— a mais perturbadora descoberta da ciência moderna

WASHINGTON — Toda a gente sabe o que é a água. Ferve a temperatura de 100 graus centígrados e congela à temperatura dos zero graus. Cobre cerca de três quartos da superfície terrestre e o corpo humano contém 90 % de água. Sem água, não haveria vida na Terra.

A primeira fórmula química que as crianças aprendem é precisamente a da água — OH_2 . Mas, agora a ciência descobriu um novo OH_2 — uma substância chamada poliágua, a qual tem a mesma fórmula química da água, mas cujo aspecto e acção são os de uma substância inteiramente diferente.

Os cientistas pouco sabem acerca deste novo tipo de água — só ainda conseguiram criar uma porção que enche uma garrafa de «whisky» de tamanho normal e que esta espalhado por vários laboratórios de todo o mundo.

Sabem contudo, que é muito diferente da água vulgar. Não congela, mas solidifica numa substância semelhante ao vidro — não gelo — a cerca de 40 graus abaixo de zero. No seu estado sólido, expande-se muito menos que a água.

Ninguém sabe qual é o seu ponto de ebulição — mas é superior a 500 graus centígrados. É quase duas vezes mais densa que a água — parecendo, no dizer do dr. Ellis Lippincott, da Universidade de Maryland, glicerina ou gotas de óleo para bebé. Com um arame fino pode abrir-se um orifício naquela matéria.

O que é mais espantoso é que o seu espectro infravermelho — a «impressão digital» linear que todo o composto químico revela quando a luz infravermelha passa através dele — difere do de todas as substâncias conhecidas (como foi determinado quando o espectro da poliágua foi comparado, por computador, com os espectros conhecidos de mais 100 000 compostos).

UMA ESTRUTURA MOLECULAR DIFERENTE

Os cientistas julgam saber a razão por que o OH_2 da água vulgar é diferente do OH_2 da poliágua.

A razão está na estrutura molecular do composto e nos elos que ligam o oxigénio e o hidrogénio. Esses elos (declaram os drs. Lippincott e Gerald Assas, da Universidade de Maryland, e os drs. Robert Stromberg e Warren Grant do Departamento Nacional de Padrões) nunca tinham sido observados nos compostos de oxigénio-hidrogénio, embora já tenham sido sugeridos há muito tempo (em 1920) por Maurice Huggins, um pioneiro nas investigações dos elos de hidrogénio.

Os cientistas até agora têm sido incapazes de a fazer em largas quantidades. Lippincott calcula que na Universidade de Maryland só se conseguiu um grama ou dois — e não ao mesmo tempo.

A poliágua tem que ser feita em tubos muito finos. Os primeiros eram capilares. Mas agora os cientistas de Maryland usam tubos com a grossura de 0.254 centímetros.

Embora se suponha que a poliágua é fácil de guardar a verdade é que nem sempre acontece assim. Tende a mover-se lentamente — subindo pelas paredes do tubo e saindo pela extremidade aberta. Já vários investigadores deram com a sua poliágua desaparecida, deixando apenas como único vestígio uma finíssima camada, sobre a banca.

COMO SE FAZ A POLIÁGUA

A poliágua consegue-se pela condensação do vapor de água em tubos de quar-

por brindeira e sem as tomar a sério. Em 1968, o dr. L. V. Bellamy, do Ministério britânico de Tecnologia pediu-lhe que analisasse a poliágua, conhecida então tanto por «água anormal» como por «produto de água».

«A princípio — lembra Lippincott — não acreditávamos em nada, mas pensamos que podíamos ver. O dr. Bellamy fez as amostras e nós olhámos para elas. Continuámos descrentes, durante algum tempo, mas quando obtivemos o seu sinal, a sua «impressão digital» nos infravermelhos, vimos que tinhamos ali qualquer coisa. Mesmo agora, é tão estranho nós estarmos a pensar no que fizemos. Haverá alguma coisa muito subtil que nos esteja a enganar? Não o creio.

OS CAPRICHOS DA INVESTIGAÇÃO

A história da poliágua é um exemplo fascinante dos caprichos da investigação científica.

Agora que conseguiram fazer poliágua nos laboratórios, os cientistas perguntam onde aparecerá ela — se aparecer — na natureza.

Até agora ainda não foi encontrada nenhuma. Mas a maioria dos cientistas estão convencidos de que ela existe. Lippincott, por exemplo, especula com base na «evidência indirecta» de que a poliágua é responsável pela qualidade plástica da argila.

Os biólogos procuram na poliágua a explicação para muitos aspectos da Natureza, que nos causam perplexidade. Por exemplo, pode conter-se na «cintura de água» a qual se atribui o facto de os bichos da seda não congelarem no solo frio permitindo que os insectos sobrevivam em hibernação aos piores frios do inverno.

As qualidades «trebadoras» da poliágua podem explicar aos botânicos como é que os líquidos são bombeados, por acção capilar, até aos ramos mais altos das gigantes sequóias.

Será muito fácil para os lunáticos imaginarem desde já as utilizações práticas da poliágua — logo que os cientistas aprendam a fazê-la em grandes quantidades.

Os usos propostos vão desde a dessalinização da água até aos compostos anticongelamento ou tratamento de superfícies metálicas para evitar a corrosão. Dado o seu elevado ponto de ebulição podia servir como líquido para trabalhos a elevada temperatura.

Por STUART AUERBACH

(Exc. «The Washington Post» - «D. de Lisboa»)

Os elos que mantêm o oxigénio e o hidrogénio juntos na água vulgar são fracos, como disse o dr. Lippincott numa entrevista, no seu Laboratório de Maryland. O hidrogénio está também ligado ao oxigénio.

Contudo, na poliágua, os elos são muito mais fortes. É isto o que origina as suas propriedades invulgares e leva ao nome de poliágua, ou polímero de água. Um polímero é uma longa cadeia de moléculas gigantes.

As investigações acerca da poliágua têm sido difí-

zais. Estes tubos são suspensos acima de água destilada, em vácuo, durante 18 horas. Ao fim desse tempo, o líquido dos tubos está geralmente transformado em poliágua.

Os cientistas ignoram a causa da transformação. Uma explicação possível é que ela será causada por uma reacção catalítica entre a superfície do tubo e o vapor.

Aliás, nem todos os cientistas entendem que a poliágua é realmente diferente da água. Supõem alguns que as diferenças se devem a impurezas decorrentes da acção de colocar o vapor nos tubos.

O dr. William Barcom, do Laboratório de Investigação Naval de Washington, por exemplo, supõe que a poliágua é uma solução de silício derivada da acção corrosiva de pequenas quantidades de água sobre a superfície do tubo.

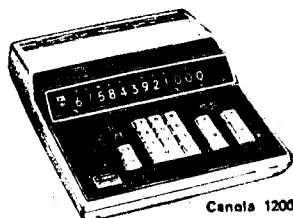
Mas o dr. Lippincott afirma que os seus espectrógrafos não revelaram vestígios de silício na poliágua. Ele e os colegas insistem em que passaram muitíssimo tempo pesquisando a existência de impurezas.

O próprio dr. Lippincott começou as suas investigações com a poliágua, quase

Conte com Canon

Porquê?

O cetro electrónico de secretária Canon Canola 1200, calcula em centésimos de segundo. Silenciosamente. Com segurança. Graças aos minúsculos ICs (circuitos integrados). Sim. Dese dígitos. E um visor de resultados ópticamente perfeito. Teria que ser conhecido. Precisão em óptica e electrónica é o nosso ofício. Que mais poderá desejar? Uma demonstração? Solicite-a e acredite. E conte com o nome Canon.



Canola 1200

...e ao preço de electromecânicas.

COMUNDO: Dept. Equip. de Escritório
Telef. 53 70 91 — LISBOA
SONIPOL: Dept. Equip. de Escritório
Telef. 2 05 53 — PORTO
ZUMA: Telef. 44 54 — COIMBRA

Canon

PROF. DOUTOR EDUARDO AMARAL

Um grupo de amigos e colegas promove no dia 17 do corrente, pelas 21 horas, um jantar de homenagem no Restaurante Mónaco, em Caxias. Pede-se às pessoas que queiram associar-se a esta homenagem o favor de se inscreverem pelo telefone 320236.

Nota do dia

A BENEFÍCIO DE INVENTÁRIO

OS PROBLEMAS DE LISBOA não havemos de os entender como sendo só de Lisboa, mas com expressão pelo País fora. Lisboa é a nossa maior cidade, o nosso maior aglomerado populacional, a sede do Governo e dos principais serviços públicos, a maior concentração de actividades económicas, duas universidades, não se sabe quantos campos de futebol, pois então, a começar pelo do estádio nacional, mais o universitário, mais o corporativo, mais os de uma data de clubes que para isso pediram e obtiveram facilidades de dinheiro público. Com tudo isto, quantos problemas nascem, crescem e morrem todos os dias?

A administração de uma cidade, com as dimensões de Lisboa e a dimensão de tantos problemas, não é coisa de somenos. Exige todo um sistema de serviços técnicos e administrativos que sirvam de apoio à sua cabeça pensante, que é o governo da cidade, na emergência chamado presidente da Câmara. Foi isso que em Lisboa agora mudou ou, antes, está para mudar, porque o presidente cessante está nas despedidas e o presidente novo ainda não entrou em funções. É a este que hoje nos vamos dirigir, sem receio de incomodarmos os leitores do resto do País, pela razão alegada de supormos que todo o País está atento a Lisboa.

Esperamos que o novo presidente esteja perfeitamente ao par da medida e da variedade dos problemas que terá de debrantar, do que aliás já deu algumas provas, em intervenções nas sessões mensais da vereação camarária, de que era um dos componentes e que vai agora conduzir e, mais alto ainda, na tribuna da Assembleia Nacional, onde tem assento de deputado e até onde levou as suas críticas ao andamento das obras do metropolitano marchando a passo de boi cansado. Claro que o metropolitano é um dos pontos críticos da vida da cidade. Sem esse desaguiçadouro, a circulação rebenta.

Esse é, pois, assunto de primeira fila. O complemento da rede subterrânea de transportes (há anos, em Londres, disse-nos um responsável que aquela hora de fim de tarde um milhão de londrinos circulava no subsolo), nas linhas longitudinais e transversais, deve ser remédio por algum tempo para o delírio de trânsito que a cidade está a ser a algumas horas do dia. Do trânsito? Do trânsito que não transita, gerando-se, como se sabe, engarrafamentos monstruosos a algumas horas do dia. Todos os aspectos da circulação na capital têm de ser revistos, com soluções lúcidas e ousadas mas urgentes.

Do rol de coisas à espera que se lhes deite a mão, poderá citar-se, «corrente calamo», tudo o que se relaciona com transportes de superfície, parques de estacionamento, central de camionagem, passagens subterrâneas ou aéreas, sem esquecer pavimentos, que estão como cada um de nós tem a desgraça de saber. E a regulamentação necessária das dimensões de certos transportes que bloqueiam como tampão alguns estreitos arruamentos, na imagem sabida do rossio e da betesga. Tudo isto sem esquecer o caos da habitação mais o caos inerente das vendas de terrenos.

Isto não é para lembrar o que deixa em testamento o sr. general França Borges, mas simplesmente para dizer o que recebe o sr. eng.º Santos e Castro, seu sucessor à cabeça da edilidade lisboeta. Desde as flores dos parques e jardins (sem contar com as da retórica) até aos esgotos de que tanto se tem falado e cujo programa de remodelação tem vindo a ser anunciado de cada vez que há cheias, pode dizer-se que é um programa de atracções que se oferece à meditação de quem chega para tomar o cadeirão presidencial. A cidade, expectante e sofredora, deita as contas ao que lhe falta e, sem lágrimas nem foguetes, dispõe-se a ver quais vão ser, nesta lotaria de necessidades, as primeiras cauteias a contemplar com a «taluda».



Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Novo CASINO ESTORIL



SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 18 ANOS

les ballets de LEON GRIEG

em



2000000M10

Produção de
ROBERT KAPIKIAN
com EDITH MAG e GAIL BRACKEN



SABA

vedeta da canção francesa

JOE WALDYS and partner

magia e ilusão

MARIA VALEJO

CONJUNTO JUAN DE AIZA COM TITIKA
FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

CAPRICE LENOIRE

SO NO WONDER BAR

NO CINEMA: Às 17 e 21.30
A VINGANÇA DO CONDENADO
(M. 12 anos)

No Teatro ABC

«Pega de Caras»

O público apreciador de bom teatro de revista, onde um engraçado poema está ligado a uma excelente montagem, tem hoje, à noite, em 2 sessões, às 20 e 45 e 23 horas, a oportunidade de ver «Pega de Caras». Foi escrita pela conhecida parceria de autores — Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, com música da autoria dos grandes mestres João Nobre e João de Vasconcellos, interpretada de modo «sul-generis» pela grande atracção nacional Fernanda Baptista.

Os artistas Ivone Silva, Francisco Ribeiro (Ribeirinho) e Nicolau Breyner — três nomes grandes do nosso teatro ligeiro — encabeçam o excepcional elenco, de que fazem parte Linda Silva, Oscar Acúrsio, Clarisse Belo, Carlos Gonçalves, Maria Eva, Carlos Queirós e Maria Tavares, além das duas jovens revelações Fernanda Franco e Lima Santos. Um «ballet» de 30 figuras nacionais e estrangeiras completa o «cast».

Todas as noites, às 20 e 45 e 23 horas, e aos domingos, em «matinée», tem o público Lisboa a sua disposição um espectáculo cheio de ritmo, cor e grandeza, no Teatro ABC.

VASCO MORGADO APRESENTA

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
(ADULTOS)

HOJE, ÀS 21 H. e ÀS 23 HORAS



MARIA

é o escultural modelo que mostra a visão e outras coisas na comédia

OVISON VOADOR

com

RAUL SOLNADO

IO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLA, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA, ROLANDO ALVES e a colaboração de MARIA PAULA

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

TODAS AS NOITES ÀS 21.45 H.
Sábados e Domingos também às 16 horas

A DIVERTIDA SATIRA

A RELÍQUIA

DE QUEIROZ

em teatralização de Sttau Monteiro e Artur Ramos

Uma produção de IGREJAS CAEIRO

(Maiores de 17 anos)

Os jovens dos 17 aos 24 anos beneficiam de 50 % de desconto na tarde de Sábado e nos dois espectáculos de Domingo.

Depois de «O CASO IPCRESS»
e «FUNERAL EM BERLIM»

Michael Caine

**SURGE NUM FILME MAIS TRUCULENTO,
MAIS INTRANSIGENTE, MAIS DENUNCIANTE!**



JOGO SUJO

'Play Dirty'

UM GRANDE ACONTECIMENTO
CINEMATOGRAFICO

ROMA

HOJE ÀS 21.45
ESTREIA

com NIGEL DAVENPORT - NIGEL GREEN - HARRY ANDREWS - ALY BEN AYED - MICHAEL BEN ABDOU - DANIEL ARAB - TONY EMMERSON - MORGAN MORGAN - SCOTT MILLER
HARRY SALTZMAN - ANDRE DE TOTH - LOTTE COLIN - MELVYN BRAGG
TECHNICOLOR PANAVISION
United Artists

FUNDAÇÃO CALOUSTE
GULBENKIAN

música barroca

para
órgão

DOIS ÚLTIMOS RECITAIS
pelo organista

ANTOINE SIBERTIN-
-BLANC

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN
Sábado às 16,30 h.

Obras de Lübeck, Pachelbel, J. S. Bach,
Carlos Seixas, etc.

SÉ CATEDRAL • Domingo às 16,30 h.
Obras de Couperin, Cabanilles, Buxtehude, J. S. Bach, Vivaldi

Preços: Grande Auditório, 20\$00 e 10\$00;
Sé Catedral, 10\$00 e 5\$00. 50 % de desconto
aos estudantes. Bilhetes à venda na Sede
da Fundação e, no domingo na Sé Catedral.
N. B. — A bilheteira está encerrada hoje.
(Espectáculos para maiores de 6 anos)

SE O PÚBLICO ACORRE, TEM MÉRITO O ESPECTÁCULO!

4ª SEMANA

ODÉON

O Destino
Marca a
Hora

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO MUNDIAL

TÍTULO — «A Governanta».
REALIZADOR — Lee H. Katzin.
INTERPRETES — Geraldine Page e Ruth Gordon.

Certamente por lapso (qualquer um se pode enganar) do distribuidor e exibidor, a publicidade anunciava um filme assinado por Robert Aldrich que, há cerca

de vinte anos, realizou (ao que consta) dois ou três filmes razoáveis e, depois disso, trocou as qualidades que tinha por uma confrangedora e progressiva obesidade. O nome aparece, no filme sim, mas como produtor que, por ser uma pessoa que assina cheques, não tem por isso o direito de assinar filmes. Feito este esclarecimento, não há dúvida que Katzin, seu funcionário de serviço, procurou executar ao gosto do patrão, abrindo *grandes* angulosamente o espaço para que, á vista do cliente, ficasse escancarada a sua incompetência de enquadrar nele o que quer e o como quer que seja, tudo em cores contrastadas, um sentido de teatro-histórico no jogo dos actores para dar a tinteagem expressionista e uma montagem balofa que Aldrich himself, e não fora a vista grossa teria pelo menos compulsado com outra violência. E daí...

Quando se abriram as luzes para o intervalo deste, que é um dos piores e mais maçadores filmes do ano, tive o bom senso de me retirar polidamente da sala porque masoquismo, sim, mas devagar...

J. C. M.

• NO AVIS

TÍTULO — «Assalto à Cidade» («Mise à Sac»)
REALIZAÇÃO — Alain Cavalier, 1968 (França).
INTERPRETES — Michel Constantin, Daniel Juvanel, Franco Interlenghi, Irene Tunc, etc.

Alain Cavalier é um cineasta com indelével talento. «O Indomável» e «Combate na Ilha» demonstraram-no primeiramente. «Mise à Sac» data de 1968, assegurando a continuidade a uma carreira. O seu tom despre-

(Continua na página seguinte)

«...NÃO PERCA A ÚLTIMA OBRA DE FRANÇOIS TRUFFAUT, A POESIA E A AVENTURA FEITAS CINEMA»

EDUARDO GEADA IN «A CAPITAL»



A SEREIA DO MISSISSIPPI

de
FRANÇOIS TRUFFAUT
com
JEAN-PAUL BELMONDO
CATHERINE DENEUVE



APRESENTA EM

(ADULTOS)

2ª SEMANA

UMA OBRA DE CINEMA DE GRANDE CLASSE

pagamentos periódicos

o Serviço de Transferências

da CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

incumbe-se,

sem qualquer encargo

do pagamento mensal de recibos emitidos por:

Companhias Reunidas de Gás e Electricidade

Companhia das Águas de Lisboa

Telefones de Lisboa e Porto

... e também dos respeitantes a

assinaturas de jornais e revistas

prémios de seguro

quotas de agremiações

(desportivas, recreativas, beneficentes, culturais, etc.)

e outros com carácter periódico

através das contas deste serviço

podem ainda fazer-se gratuitamente:

transferência de fundos

(de e para qualquer ponto do País)

cobrança de cheques e vales de correio

e outras operações

pedir esclarecimentos nas filiais, agências e delegações da Caixa
(existentes em todos os concelhos do continente e ilhas adjacentes)
ou directamente à sede do

SERVIÇO DE TRANSFERÊNCIAS

RUA ÁUREA, 49-1.º • LISBOA-2

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

tensioso poderia marcar uma simples pausa no processo criativo do seu autor caso se lhe não tivesse seguido «A Chamada» (segundo Sagan), película certamente interessante, mas já de evidente compromisso. Pelo que se poderá pensar estar em presença de mais uma demissão (ou de mais uma conquista da engrenagem tentacular do cinema comercial, como preferirem...).

«Assalto à Cidade» é, em princípio, um mero divertimento, razoavelmente bem trabalhado, descrevendo minuciosamente a história (e as horas) de um assalto a uma cidade. A cidade é Sewage no vale de Isère e serve de cenário a um hold up fabuloso que falha (mais uma vez) por um simples imprevisto.

Com argumento do próprio Alain Cavalier e de Claude Santet («Contra Todos os Riscos» e «Um late para a Jamaica») sobre história de Richard Stark (cultos de que se extrairam já várias películas, entre as quais «A Queima Roupa», de John Boorman), «Assalto à Cidade» não é, apesar de tudo, mais uma fita. Ou, simples-

mente, mais uma fita. Existe uma intencionalidade de escrita que vai semeando pistas para leitura possível desta obra que chega por vezes a entusiasmar o público por processos de suspense de grande simplicidade. Mas, se por um lado essa face cifrada do argumento pode proporcionar prolongamentos curiosos (caso de Edgar que organiza o assalto para se vingar de um antigo patrão que lhe fugiu com a mulher, ou ainda o caso de uma telefonista de Sewage que se deixa contaminar pela aventura inesperada de um assalto a uma cidade morta), por outro encaminha o filme para os terrenos da ambiguidade e de um certo oportunismo. Talvez fosse preferível assumir integralmente o divertimento inconsequente a procurar n-rinquer (por vezes com simplicidade) essa trama base com anotações sociais deslocadas ou pouco aprofundadas.

Muito sóbrios e seguros são os intérpretes, onde sobressai Irène Tunc e Michel Constantin.

LAURO ANTÓNIO

• NO COLISEU

TÍTULO — «O Conde de Monte Cristo»,
REALIZAÇÃO — Leon Klimovsky,
INTERPRETAÇÃO — Jorge Mistral e «milhares de figurantes».

Na simpática sala do Coliseu, onde se pode fumar e ouvir aos intervalos um autêntico concerto coral sinfónico interpretado por um batallhão de vendedores de rajás fresquinhos, estreou-se ontem, precedida de quatro documentários arqueológicos, essa pe-

ça de museu («Mistério! Romance! Amor! Ódio!») que é «O Conde de Monte Cristo», desta vez posta em imagens (anacrónicas) por um tal, Klimovsky, que deve ser russo branco ou ainda menos, a julgar pela papmeira que ousou rubricar.

Besuntado (com o precioso auxílio da tela, esplendorosamente enodada), Jorge Mistral foi o Dantès. Fartou-se de sofrer mas acabou a beijar a favorita. Para isso mesmo o público foi à sessão. P.S. — O intervalo (musical) valeu a pena.

V. S. T.

• NO OLÍMPIA

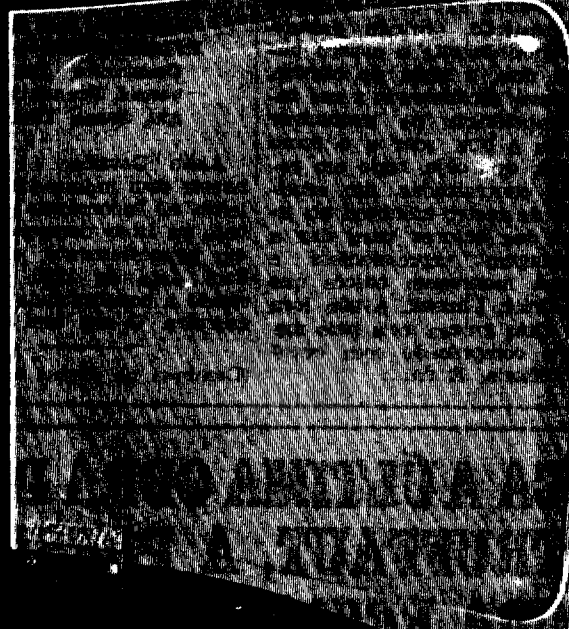
TÍTULO — «Os Dias da Ira»,
REALIZAÇÃO — Al Bradley, 1967 (Itália),
INTERPRETES — Peter Lee Lawrence, Bela Loncar, Luigi Vannuchi, Andrea Bosic, Lucio Rosato, Rosalia Neri, etc.

Com argumento de Mario Amendola, Gian Luigi Buzzi, Paolo Lombardi e Antonio Baccacci, sobre história de Gian Luigi Buzzi, «Os Dias da Ira», assinado (ou assinado?) por Al Bradley é mais um horroroso e inqualificável «western» italiano sem ponta por onde se lhe pegue. Igual a centenas de outros já vistos, nada mais poderemos dizer de tanta imbecilidade, de um sadismo tão despido de nexo, de um erotismo (aqui não erotismo; aqui sim pornografia, já que a pornografia se caracteriza pelo tratamento fácil e gratuito de certos temas) de pecaúilha.

Em «écran» largo e muitas cores, «Os Dias da Ira» oferece generosamente doses medíças de brutalidade embrutecedora. Vamos deixar que tudo isto se consuma impunemente?

L. A.

SIEMENS ESTORIL



Um luxo em televisão

- Imagem insuperável
- 6 teclas para 6 programas

IMPORTADO COM GARANTIA DA PROCEDÊNCIA



GRÉSIL

GRUPO CÊNICO DE LETRAS: MAIS QUATRO ESPECTÁCULOS COM «O ANFITRIÃO»

O Grupo de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa volta a apresentar, nos próximos dias 9, 10, 11 e 12, às 21 e 30, no Teatro Vasco Santana, a peça «Anfitrião», de António José da Silva, que foi encenada pelo estudante Luís Miguel Cintra.

Entusiasmaticamente recebido pela crítica quando da sua estreia, este espectáculo veio confirmar, mais uma vez, o grande alcance cultural dos grupos de teatro de estudantes, nomeadamente universitários, e o papel importantíssimo que eles podem desempenhar na valorização do Teatro português.

Isto mesmo foi reconhecido pelo júri dos «Prémios da

Imprensa», ao distinguir os grupos de teatro da Faculdade de Letras e da Associação Académica da Faculdade de Direito que, nos últimos anos, têm tido uma actividade digna dos maiores louvores.

Regressando agora ao Vasco Santana, o Grupo de Teatro da Faculdade de Letras vai ao encontro dos espectadores que gostam de teatro sério. Recorde-se que, quando da sua estreia, a crítica recebeu o «Anfitrião» como uma das experiências mais válidas levadas a efeito em Portugal nos últimos anos, no campo do teatro universitário.

TEATRO ABC ADULTOS

JOSÉ MIGUEL apresenta a revista

• PEGA DE CARAS •

com um fabuloso elenco de «vedetas»

• IVONE • RIBEIRINHO • NICOLAU • FERNANDA •

à frente de uma companhia de 50 figuras

2 SESSÕES / ÀS 20.45 e 23 H. / DOMINGOS e FERIADOS matinéas

ESTA A RECEBER AS COLECÇÕES

PRIMAVERA-VERÃO

Rua do Carmo, 51, 5.º-C

Telef. 368456 — (Elevador)

• 6.º MES!!!



MARIA VITÓRIA (ADULTOS)

UM ESPECTÁCULO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

• HOJE, ÀS 20.45 E 23 HORAS

• DOMINGO, ÚLTIMA «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

• SÓ ATÉ DOMINGO!!!

• ÚLTIMOS DIAS DA COLOSSAL REVISTA DA GARGALHADA

ESPERTEZA SALOIA

O triunfo de um grande elenco, com:

• SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA • BARROSO LOPES • DORA LEAL

e as atracções:

• HELENA TAVARES e «THE MELODIES» à frente de uma grande companhia!

• A SEGUIR: A NOVA REVISTA «O PRATO DO DIA...»

• 6.º MES!!!



DORA LEAL no «Filarmónico»

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco

Borja, 22

Marçães

Tel. 677299

apenas até dia 8, às 22 h.

HOJE E AMANHÃ ÀS 16 e 22 horas

OS DIAS FELIZES

de Samuel Beckett com Glícinia Quartim

(por amável deferência do Teatro Nacional D. Maria II)

e Jorge Vale

(Maiores de 17 anos)

Subsidiado pelo Fundo Teatro

COLISEU

HOJE À NOITE, ÀS 21.30 (Maiores de 12 anos)

O grandioso filme

O CONDE DE MONTE CRISTO

PREÇOS POPULARES

AMANHÃ, ÀS 21.30

SÁBADO e DOMINGO À TARDE (às 16 h.) À NOITE (às 21.30)

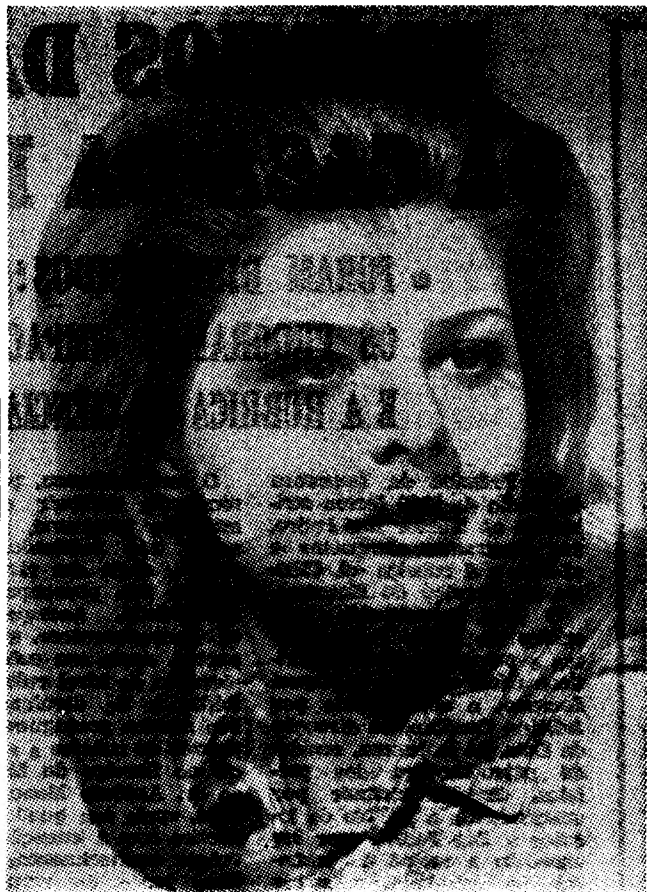
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

COLÓQUIO COM TITO GOBBI NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

A direcção do Instituto Superior Técnico e a da Associação dos Estudantes daquele estabelecimento de ensino, em colaboração com a direcção do Teatro Nacional de S. Carlos, promovem amanhã um colóquio em que participarão o mundialmente famoso barítono Tito Gobbi e ainda o dr. João de Freitas Branco e o maestro Mário Pellegrini.

Este colóquio marca o início das actividades do Conselho Cultural do Instituto e nele será discutida a encenação da ópera Falstaff de Verdi, que Tito Gobbi vem realizar no Teatro S. Carlos, bem como a interpretação deste cantor do papel principal nesta ópera, a personagem «sir» John Falstaff.

A sessão efectua-se às 18 e 15, no salão nobre do Instituto, e a entrada é livre.



Helena Isabel, que se classificou brilhantemente no segundo concurso para «Princesa das Teen-Agers Portuguesas», vacilou entre uma carreira de assistente de bordo e os palcos teatrais. Os tabladros levaram a melhor e Helena Isabel, depois de ter feito uma larga digressão pelo Continente integrada no elenco da comédia «Os direitos da mulher», prepara-se para uma deslocação ao Ultramar, incluída na Companhia de Teatro Alegre, dirigida por Henrique Santana.

QUINZENAS DE CINEMA COM CRITÉRIO

«A PALAVRA», DE CARL DREYER NO DOMINGO (ÀS 11 DA MANHÃ) NO CINEMA SÃO JORGE

O Cinema São Jorge prossegue no próximo domingo (às 11 horas), as quinzenas de «Cinema com Critério», desta vez com o filme «A Palavra», de Carl Dreyer. É o quarto filme do ciclo «A Responsabilidade na Vida», e o tema agora equacionado é «A

responsabilidade na opção». O Cinema São Jorge, com o patrocínio do Cineclube Católico, continua assim a proporcionar ao grande público, cinema de qualidade, a baixos preços.

«A Palavra» é uma obra-prima da cinematografia mundial, um poema místico, carregado de dúvida, de angústia, de fanatismo, de maravilhoso.

Todas as classes sociais, nossas contemporâneas, com as suas virtudes e com os seus defeitos, passam pelo «écran».

Todo o filme é pouco movimentado o que nos comunica mais a intimidade, mais possibilidade de acompanharmos a densidade do tema.

Estamos perante uma obra séria pelo seu contexto e pelo seu epílogo e toda ela terá de ser vista com olhos de fé sob pena de nada entendermos, e até de encontrarmos tudo muito estranho.

Dreyer deixou-nos em «A Palavra», uma mensagem cristã, rica viva, actual, do melhor que o cinema nos tem oferecido, numa linguagem simples e impavél.

«JAZZ»

NO PRIMEIRO ACTO

Com a colaboração do «Hot Club de Portugal», o «Primeiro Acto, Clube de Teatro», de Alges (Rua Eduardo Augusto Pedrosa, 16-A), promove amanhã, e no sábado, uma sessão de jazz, dedicada aos associados do Clube. Será apresentador Manuel Jorge Veloso.

«Record» batido Mais de 300 composições no «Grande Prémio da Canção»

Terminou ontem o prazo para a entrega dos originais concorrentes ao VII Prémio da Canção de 1970, promovido pela R. T. P.

Foram recebidos na secretaria de programas 310 originais, aguardando-se agora apenas as composições que foram enviadas pelo correio, com data de 4 e provenientes não só do continente mas também das ilhas adjacentes e do ultramar.

De 9 do corrente a 13

de Abril o júri de selecção, composto por 9 elementos pertencentes aos quadros da R. T. P. apreciará as canções concorrentes, seleccionando as 10 que serão apresentadas num espectáculo público, que será transmitido em 22 de Maio do Cinema Monumental.

Sallente-se que diversos compositores portugueses radicados no Brasil também concorreram a este «Grande Prémio da Canção».



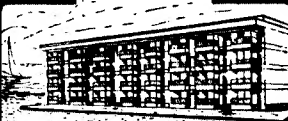
Para actuar no Casino Estoril chega hoje a Lisboa a cançonetista francesa Sabrina, intérprete destacada da melodia «Paris sobre a neve», um dos «hits» actuais da Rádio do seu país.



APROVEITE OS PRÓXIMOS FERIADOS E FINS DE SEMANA PARA PASSAR UNS DIAS INESQUECÍVEIS COM SUA FAMÍLIA.

OS NOSSOS APARTAMENTOS ESTÃO AO SEU DISPOR PARA ALUGUER E VENDA, EM:

LAGOS



CONJUNTO TURÍSTICO «ROSSIO DA TRINDADE»
102 APARTAMENTOS, PISCINA, SNACK BAR, RESTAURANTE, DISCOTECA, SUPERMERCADO E PARKING JUNTO A ALGUMAS DAS MAIS BELAS PRAIAS E A 300 METROS DA FAMOSA PRAIA D'ANA.

PRAIA DA ROCHA



EDIFÍCIO «AQUAZUL»
12 ANDARES, 72 APARTAMENTOS, TERRAÇO SOLÁRIO, RESTAURANTE, LAVANDARIA, MINI-MERCADO, ETC. SOBRE A PRAIA DO MESMO NOME.

APROVEITE OS NOSSOS PREÇOS ESPECIAIS DE BAIXA ESTAÇÃO PARA UMAS FÉRIAS REPOUSANTES



TODOS OS APARTAMENTOS ESTÃO COMPLETAMENTE MOBILADOS E EQUIPADOS

PEDIDOS DE RESERVA A

AQUAZUL

INVESTIMENTOS TURÍSTICOS E HOTELEIROS, S.A.R.L.
LISBOA
AV. DUQUE DE LUIZ, 47-5º D-TEL. 53895/6/7
PORTO
RUA SÁ DA BANDEIRA, 52-2º - TEL. 34703
COIMBRA
PRACA 8 DE MAIO, 42-1º - TEL. 22552
LAGOS
ROSSIO DA TRINDADE - TEL. 127
PRAIA DA ROCHA
EDIFÍCIO AQUAZUL - TEL. 2433



Escolha o ambiente em que quer viver...

... ou trabalhar. A Sopal e o Banco Totta & Açores criaram, pela primeira vez em Portugal, o sistema moderno e prático que torna possível a decoração e o equipamento da sua casa ou do seu escritório. O pagamento dos seus serviços

é feito através de fracções mensais, sem qualquer agravamento de preços. A Sopal resolve o problema da decoração consigo. O Banco Totta & Açores resolve para que o pagamento não seja problema.

UTILIZE O NOSSO «PLANO DE VENDAS A PRESTAÇÕES» EM COLABORAÇÃO COM O

BANCO TOTTA & AÇORES



SOPAL DECORA/REVESTE/EQUIPA

Rua Ivens, 58-64 • Tel. 37 01 66/7/8/9
LISBOA

A SOPAL
Rua Ivens, 58-64

Queiram enviar-me o vosso folheto explicativo sobre Decoração, Revestimentos e Equipamento.

Nome

Morada

LEE MARVIN (FAMOSO ACTOR DE VOZ ROUCA) À FRENTE DO «HIT PARADE» BRITÂNICO

LONDRES, 5 — (R.) — O famoso actor cinematográfico Lee Marvin, com a sua voz rouca, ficou provavelmente mais surpreendido do que qualquer outra pessoa por se encontrar, esta semana, no topo do «Hit Parade» britânico.

A canção «Wandrin' Star», de Lee Marvin, que conta 46 anos, é um dos êxitos do filme musical «Paint your wagon», que foi estreado recentemente nesta cidade.

Perto dele, na classificação geral, aparecia o «beatle» John Lennon, que anunciou que porá em breve à venda as suas guedelhas, cortadas recentemente. O seu último disco «Instant Karma» encontrava-se em quarto lugar. Trata-se de um tra-

balho conjunto com sua mulher Yoko Ono, japonesa de nascimento, e da «Plastic Ono Band», que ela própria inventou.

À frente, na tabela dos Estados Unidos, estava, pela segunda semana consecutiva, «Bridge over troubled water», o último êxito da londrina equipa de Simon e Garfunkel.

Os dois iniciaram a sua carreira há 11 anos quando eram ainda estudantes do ensino secundário em Nova York e no ano passado receberam o prémio anual «Grammy», pela sua canção «Mrs. Robinson», que se tornou mundialmente famosa como parte da banda sonora, feita por Simon, do filme «The Graduate» («A primeira noite», entre nós).



Lee Marvin — a maior surpresa

PRÉMIOS DA RÁDIO DA CASA DA IMPRENSA

• FORAM DISTINGUIDOS: O LOCUTOR RUI PEDRO,
OS PROGRAMAS «IMPACTO» E «1-8-0»
E A RUBRICA «A CIÊNCIA AO SERVIÇO DO HOMEM»

Os Prémios da Imprensa de Rádio de 1969 foram atribuídos ao locutor Rui Pedro, aos programas «Impacto» e «1-8-0», e à rubrica «A Ciência ao Serviço do Homem».

O júri, constituído pelo crítico de Rádio Pedro Santos e pelos jornalistas e críticos César Afonso e Miguel Serrano, e secretariado por Adelino Cardoso, da direcção da Casa da Imprensa, entidade patrocinadora dos prémios, decidiu atribuir por unanimidade o prémio de locutor a Rui Pedro, «por ter excedido a rotina do trabalho de estúdio, realizando trabalho de exterior com sentido de objectividade e sobriedade».

O júri deliberou, por unanimidade, atribuir os prémios de programa, «ex aequo», aos realizadores de «1-8-0», «pela sua vivacidade e pela sua preocupação de actualidade, acompanhando os acontecimentos», e a «Impacto», «pelo seu esforço de elevação do nível cultural da Rádio e de divulgação da boa música portuguesa»; e o prémio de rubrica a «A Ciência ao Serviço do Homem», do dr. António Manuel Baptista, «pela sua qualidade didáctica com a intenção de divulgar conhecimentos científicos junto do grande público».

A equipa «Zip-Zip» na festa da entrega dos Prémios da Imprensa

Abriu já a bilheteira para o grande festival que a Casa da Imprensa organiza na no-

te do próximo dia 21, no Pavilhão dos Desportos, para entrega dos Prémios da Imprensa.

Começamos hoje a divulgar os nomes que vão colaborar nesse inesquecível espectáculo, acedendo muito gentilmente ao convite dos jornalistas portugueses. Assim, por exemplo, podemos já garantir a presença de Raul Solnado, Carlos Cruz e Filipe Gouveia, a premiada equipa de «Zip-Zip» que, no palco do Pavilhão dos Desportos, fará um «show» inédito, decerto destinado à mais franca hilaridade.

Os bilhetes encontram-se à venda na Agência A. B. E. P. (Restauradores) e nas sucursais do «Diário de Notícias» (Chiado e Rossio) e de «O Século» (Rossio). O espectáculo é para maiores de 6 anos.



João Martins, produtor do programa «Impacto»

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Acaba de sair o romance

O DIÁRIO

por HENRI TROYAT

1.º vol. da série «OS HERDEIROS DO FUTURO»

1 vol. 50\$00

Clássica Editora — Restauradores, 17 — Lisboa

CONFIE NA

Curiosaria da
GUIA

COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA
CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Fundada em 1875

Pasta Medicinal Cout

«VÁ» À VOLTA A PORTUGAL

COM O

motor

QUE SAIU HOJE

TUDO SOBRE O MAIS DURO
RALLYE PORTUGUÊS

UM NÚMERO DE 32 PÁGINAS
QUE INCLUI UM

SUPLEMENTO ESPECIAL

COM MAPA, REGULAMENTO
E OUTRAS INFORMAÇÕES

PREÇO 2\$50

DIÁRIAMENTE ACOMPANHE
O DECORRER DA PROVA NO

Diário de Lisboa

O actor e

OVOS

NO SE

DOS J

Os nov
do Sndi
Jornalista
dia 23 de
e significa
profissio
mam poss
horas, na
ismo. A
jornalista
tos Jorge
da assem
verá usar
dendo em
dos o nos
da Redac
rio de Li
presidente

Espera-s
emposado
numeroso
presentant
directa ou
gados á I
Nos nov
presidem
e cons
disciplina
das Julho
cha.

«O Ir
e a pl
dos f
políti

Foi tran
xima quer
30, a sessã
nascimento
Henrique,
cidade de

Como fo
dirá o m
Nacional,
prof. dr. A
proferirá
sobre «O I
zação dos
cos».

TRAB
CRUZ

a bordo d
na comp

MT-MARSHALL
Prepo

LIBRA-África

Mais um

GERALMENTE BEM RECEBIDO

O NOVO REGIME DO IMPOSTO PROFISSIONAL BENEFICIA OS PEQUENOS RENDIMENTOS



actor e locutor Rui Pedro

OS NOVOS DIRIGENTES DO SINDICATO DOS JORNALISTAS

Os novos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos jornalistas, eleitos no passado 23 de Fevereiro por alta significante percentagem de profissionais da imprensa, tomam posse amanhã, pelas 17 horas, na sede daquele organismo. A cerimónia preside o jornalista José Estêvão Santos, presidente cessante da assembleia geral, que deverá usar da palavra, respondendo em nome dos empregados do nosso camarada e chefe de Redacção adjunto do «Diário de Lisboa», Silva Costa, presidente da nova direcção. Espera-se que, além dos possuídos, assistam à posse numerosos jornalistas e representantes de organismos lecta ou indirectamente ligados à Informação.

Nos novos corpos gerentes presidem à assembleia geral o conselho técnico e de disciplina os nossos camaradas Julio Sereno e Mário Ro-

O Infante a planetização dos fenómenos políticos

foi transferida para a próxima quarta-feira, pelas 21 e a sessão comemorativa do nascimento do Infante D. Henrique, a realizar na Sociedade de Geografia.

Como foi anunciado, preside o ministro da Educação, sendo orador o sr. Af. Adriano Moreira que fará uma conferência sobre «O Infante e a planetização dos fenómenos políticos».

Importantes alterações foram introduzidas no regime do imposto profissional. Assim, os pequenos rendimentos parecem sair beneficiados, uma vez que o limite de isenção subiu de 18 para 30 contos; por outro lado a progressividade do imposto acentuou-se: a taxa de 8 por cento, que anteriormente era a máxima incidente sobre rendimentos superiores a 400 contos, foi sucessivamente aumentada por escalões que atingem os 15 por cento para rendimentos superiores a 1000 contos.

Todavia, no percurso da nossa reportagem muitas foram ainda as pessoas, na to-

—Devo ficar isenta!

Informámos a sr.^a D. Maria de Lurdes Perez que sim, que ela devia ficar isenta, mas que havia outros cujos rendimentos eram bastante agravados, o que não acontecia anteriormente. Por exemplo, quem ganhasse mais de 400 contos, por cada centena de contos a mais a taxa aumentava 1%; isto até 1000 contos, pois daqui para cima era indiferente o que se ganhasse: a taxa era fixa — de 15%.

— Não é que me importasse de pagar esses quinze por cento se ganhasse mais de

bom som, do imposto profissional. E' um disparate...

«Uma medida mais simpática»

«Uma medida mais simpática» — eis a opinião do sr. Manuel de Almeida, gerente de restaurante, que nos disse:

— A nós, a entidade patronal, não nos sobrecarregaram muito. E para os empregados é melhor.

— Então — adiantámos nós — isso quer dizer que o senhor pode aumentar os ordenados dos empregados até 2500\$00, que eles mesmo assim não pagam imposto...

— Bem — respondeu — os meus empregados tinham uma parte de gratificação dada em comida, que fazia com que o que recebiam nunca atingisse mais de dezoito contos. Agora ainda menos.

«Escusamos de andar a correr todos os meses para as Finanças»

— Não, fotografias não! — Pode estar tranquila, minha senhora — dissemos nós, juntando que, mais especificamente, queríamos saber se o novo modo de cobrança tinha introduzido alguma perturbação na contabilidade da empresa.

Palávamos com a sr.^a D. Diamantina Neves da Silva, representante da gerência e técnica de contas de uma grande e conhecida loja da cidade.

O conselheiro Gonçalves Pereira de visita a Cabo Verde

MINDELO, 5 — Vindo da Cidade da Praia, chegou a esta cidade o conselheiro dr. Carlos Renato Gonçalves Pereira, juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, que se encontra de visita a Cabo Verde, a convite do Governo da Província. O conselheiro Gonçalves Pereira é acompanhado de sua esposa, devendo partir amanhã para a ilha do Fogo e regressar a Lisboa dentro de alguns dias.

Arquitecto Keil do Amaral

Amanhã, pelas 21 e 30, o nosso estimado colaborador arq. Keil do Amaral, professor de «Introdução à Arquitectura» no Instituto de Arte e Decoração, fará uma conferência, seguida de colóquio sobre o tema «Um inquérito à arquitectura popular portuguesa». A palestra deste notável arquitecto e professor, um dos inspiradores do referido inquérito, realizar-se-á na Escola Internacional de Decoradores do IADE, R. do Alecrim, 70.

Barbosa, Esteves & C., Lda.

Ouvides-Joalheiro

293-RUA DA PRATA-295
COMPRA E VENDA AS SUAS
JOIAS NESTA ACREDITADA
CASA DA ESPECIALIDADE



«Devia haver cooperativas onde os pequenos se defendessem» — opinião do sr. Vítor Hugo Dias

Efectivamente desde «ainda não estudei o assunto, volte depois», passando por «o gerente não está, talvez ele queira atender logo à tarde», até «os serviços que podiam informar não são nesta secção» ou «eu por mim penso... Olhe, o que eu penso não interessa pr'aqui» — são reticentemente demorações da seguinte questão: «em duvida, é pró fisco ou contra o fisco?». Esta pergunta, que tanto fez discorrer os tratadistas medievais, é hoje, como sempre, significativamente resolvida pelo senso comum, a seu favor até quando a forma das mais diversas justificações se assume como silêncio defensivo.

As reticências...

Tínhamos andado, um pouco sem plano, a ouvir vários tipos de pessoas acerca das alterações do regime do imposto profissional. Como talvez não seja evidente, aquelas de quem obtivemos respostas sobre o assunto foram um reduzido numero daquelas outras que abordámos. Aí a razão do silêncio.



«É uma medida simpática» — segundo o sr. Manuel de Almeida

O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E A AUTOMATIZAÇÃO A AR COMPRIMIDO — Tema de um curso na Atlas Copco

Um dos problemas com que luta a indústria nacional é a falta de mão-de-obra. O problema não nos afecta em exclusivo: é fenómeno geral que levou a «inteligência» industrial a conhecer técnicas capazes de substituir o homem, genericamente designadas por automatização.

Um prática corrente em países que procuram activamente a sua industrialização consiste em as empresas interessadas incluírem nos seus planos de marketing o ensino de novas técnicas.

Entre nós é de assinalar o Curso de Automatização a Ar Comprimido realizado pela

Atlas Copco e destinado a técnicos da indústria nacional. O Curso Intensivo, de três dias, foi dirigido pelo técnico da Atlas Copco de Portugal, sr. José Novais, especializado no estrangeiro. Assistiram representantes de empresas de todo o País que se interessaram pela aplicação económica e racional do ar comprimido na automatização.

A Atlas Copco prossegue mensalmente com a realização destes cursos, participando assim na formação de quadros tão necessários para o desenvolvimento económico acelerado que se pretende conseguir.

CONVITE

OUÇA A MENSAGEM CRISTÃ DO DR. J. HAGGAI

«PARA UMA VIDA FELIZ»

DE 25 DE FEVEREIRO A 8 DE MARÇO — 21 HORAS, (AOS DOMINGOS AS 16 HORAS) NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

Os convites (gratuitos) podem ser levantados no próprio dia, a partir das 19 horas, nas bilheteiras do Pavilhão dos Desportos

TRADICIONAL CRUZEIRO ABREU à RUSSIA

bordo do moderníssimo paquete «Yvan Franko» de 20 000 tons. a companhia de competentes tripulantes ABREU De 18/4 a 11/5

CE-MARSELLA-ATENAS-CORINTO-DELFOUS-ISMIRO-ATHENS-BOESSA-LENINGRADO-MOSCOW-ITALIA-PALERMO e AGRIGENTO

Preços desde 14.900\$00 • Peça programa detalhada

Escolha dos camarotes no acto da inscrição

180A-Avenida da Liberdade, 160 • 180B-Avenida dos Aliados, 207 • COIMBRA-Rua do Seta, 2

Este é um **CRUZEIRO - SUCESSO ABREU**

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TACIDES

BARREIRO - LISBOA - QUELUS

Auto Evita e trata doenças da boca **PORQUE É MEDICINAL**

Actualidade internacional

Intensificadas as buscas para localizar o submarino «Eurydice»

TOULON (França), 5 — (A. N. I.) — Unidades da Armada francesa intensificaram as buscas ao largo da Riviera para tentarem localizar o submarino «Eurydice», dado como desaparecido ontem, com 57 homens a bordo, quando fazia um exercício de des-

Depois de uma noite de buscas por aviões e barcos foi pedida a colaboração do porta-aviões «Arromanches» que fazia a sua viagem anual ao largo da costa da África do Norte, e do navio oceanográfico «Jean Charcot». Julga-se

que o «Eurydice», de 1040 toneladas — submarino gémeo do «Minerve», que se afundou em 1968 com 52 homens a bordo — tenha desaparecido a 66 milhas a leste de Marselha. O general de Gaulle, então presidente da França, desceu uma vez no «Eurydice», pouco depois do desastre do «Minerve», para mostrar à Armada que confiava nos submarinos franceses.

Um informador da Armada afastou ontem a hipótese de sabotagem no caso do desaparecimento do submarino, mas mostra-se bastante reservado quanto à possibilidade de se encontrar o vaso de guerra.

Referindo-se a uma explosão registada pelos sísmógrafos da zona, o oficial afirmou que «o barco se afundou numa área entre mil e 1500 metros de profundidade. Quando um submarino se afunda a esta profundidade o casco é esmagado pela pressão e explode».

O «Eurydice» deixou o porto de St. Tropez ontem ao amanhecer, para um exercício de rotina, e devia voltar à superfície pelas dez horas, o mais tardar — segundo informaram as autoridades navais.

O barco esteve em contacto com o avião patrulha de ligação «Breguet-

-Atlantic» quinze minutos antes dos sísmógrafos terem registado uma violenta explosão, às 7 e 28.

As autoridades informaram ainda que documentos, encaixes de plástico e outros objectos encontrados na área do desastre por um barco patrulha, pertencem ao «Eurydice».

OS DESASTRES COM SUBMERSÍVEIS PROVOCAM 750 MORTOS DESDE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

LONDRES, 5 — (R.) — Os desastres com submarinos ocorridos depois da segunda guerra mundial já causaram até agora a morte a mais de 750 marinheiros.

O maior desastre em tempo de paz foi a misteriosa explosão do submarino nuclear americano «Thresher», que em 1963 desapareceu durante um mergulho de rotina com 129 homens a bordo. Em 1968 o submarino norte-americano «Scor-

pion» afundou-se no Atlântico com 99 homens a bordo em consequência de uma avaria que nunca pôde ser satisfatoriamente determinada.

Além destes, os mais importantes desastres com submarinos em tempo de paz foram os seguintes:

1949 — Devido a um incêndio a bordo do submarino norte-americano «Chachino», ao largo da costa da Noruega, morreram 83 homens.

1953 — O submarino turco «Dumlupinar» afundou-se nos Dardanelos causando 81 mortos.

1968 — Afundou-se o submarino israelita «Dakar» no Mediterrâneo com 89 homens a bordo. Um jornal de Cairo declarou que foi metido no fundo por um navio egípcio.

Dois dias depois afundou-se ao largo de Toulon o submarino francês «Minerve», tendo morrido 62 homens.

Greve «congelada» nos EUA

WASHINGTON, 5 — (R.) — O Congresso aprovou a noite passada legislação especial de emergência para impedir até 11 de Abril uma greve nos caminhos-de-ferro de todo o país, que deveria principalizar à meia-noite, e enviou-a ao presidente Nixon para ser assinada.

A medida «congela» por 37 dias a greve declarada por quatro sindicatos, após se terem gorado negociações com a administração sobre um novo contrato.

A Câmara dos Representantes aprovou a lei por 343 contra 15 votos, logo depois dela ser sancionada pelo Senado por 83 contra zero votos.

Mais tarde, o presidente Nixon assinou a lei aprovada pelo Congresso apenas três horas antes que quatro sindicatos ferroviários declarassem a greve.

O CASO DA BASE DE SARAGOÇA

SARAGOÇA, 5 — (F. P.) — Causou certa sensação — na imprensa espanhola e de decisão americana — a reacção da base aérea de Saragoça. Embora a reabertura da base seja provisória, visto que os acordos hispano-americanos caducam em 26 de Setembro próximo, a imprensa espanhola considera uma «provação» a reinstalação de forças dos E. U. A. naquela base.

Ao passo que o departamento da Defesa americano afirma que a base servirá para o treino de 600 militares ao todo, certos jornais espanhóis, insistindo em notícias alarmistas, garantem que, antes do fim do mês, mais de oito mil americanos e civis e militares estarão em Saragoça.

A ESPANHA INTERESSADA EM PETRÓLEO BOLIVIANO

LA PAZ, 5 — (R.) — Continuam as negociações com a Espanha sobre a venda de petróleo boliviano, segundo revelou o ministro boliviano das Minas, Marcelo Quiroga Santa Cruz.

O ministro fez esta revelação a noite passada ao afirmar que nenhuma companhia estrangeira substituiria a Bolivian Gulf Oil Company, pertencente aos Estados Unidos e que foi nacionalizada pela Bolívia.

Israel reagirá contra novos ataques a aviões civis

TEL-AVIV, 5 — (F. P.) — «Se se registarem novos ataques terroristas contra aviões civis a caminho de Israel, reagiremos de maneira muito interessante», declarou ontem o ministro dos Transportes israelita, general Ezer Weizman, acrescentando estar convencido de que «os atentados vão inevitavelmente continuar, pois os seus autores são assassinos sem qualquer escrúpulo moral, e não combatentes».

O ministro acrescentou que se os atentados fossem coroados de êxito «não seria só o turismo israelita que ficaria a perder, mas também uma série de sectores capitais da economia nacional».

O ministro dos Transportes falou seguidamente da indústria aeronáutica israelita, que está em pleno desenvolvimento, porque, «se temos a melhor força aérea do mundo, é natural que possamos construir nós mesmos os aviões de que precisamos».

LA MINERAL

Em mantas e a granel
LUSOSITE
Rua Armando Cardoso, 119
PORTO
TEL: 44637

MELHORA O ESTADO DE JOHNSON

SAN FRANCISCO, 5 — (F. P.) — Continua a melhorar o estado de saúde do antigo presidente Johnson, hospitalizado desde segunda-feira no hospital militar de San António.

Um familiar de Johnson esclareceu que este já não sente as fortes dores cardíacas que motivaram a sua hospitalização.

O antigo presidente, que tem agora 61 anos, sofreu grave crise cardíaca há 15 anos, quando era chefe da maioria democrática do Senado.

SE ISRAEL RETIRAR

O EGIPTO RESTABELECE RELações COM OS EUA

CAIRO, 5 — (A.N.I.) — O Egipto está pronto a restabelecer relações diplomáticas com os Estados Unidos se o Governo de Washington fizer pressão sobre Israel para uma retirada imediata dos territórios árabes ocupados — afirmou ontem o ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Mahmoud Riad.

Falando na assembleia nacional egípcia, numa sessão à porta fechada, Riad sublinhou que as últimas propostas apresentadas pelos Estados Unidos para se conseguir uma solução para o problema do Médio Oriente «não podem sequer ser discutidas».

As declarações de Riad são hoje reproduzidas pelos jornais do Cairo.

FIM DA VISITA

CAIRO, 5 — (R.) — A assembleia nacional egípcia, de 360 membros, aprovou uma moção acusando os Estados Unidos pela escalada recente da luta no Médio Oriente que, dizia, causara a morte de dezenas de civis egípcios.

Os apelos americanos de negociações directas para pôr termo à crise de uma limitação dos embarques de armas eram um convite claro a Israel para permanecer nos territórios que ocupou em 1967 — prosseguiu a resolução.

A moção foi aprovada após o ministro dos Negócios Estrangeiros, Mahmoud Riad, declarar que Israel não podia ter desenhado as recentes ofensivas aéreas e terrestres sem apoio militar, económico e político de Washington.

O subsecretário soviético dos Negócios Estrangeiros,

Vladimir Vinogradov, partiu a noite passada do Cairo para Moscovo no fim de uma visita de quatro dias, durante os quais travou conversações com funcionários egípcios sobre o Médio Oriente.

O FBI esmagou uma rede de venda de acções e títulos roubados

WASHINGTON, 5 — (R.) — O F. B. I. comunicou a noite passada que esmagara uma rede que negociava em todo o país com títulos de crédito e acções roubados e falsificados e que prendera um alegado patrão da Mafia. No caso estavam envolvidos títulos de crédito, incluindo governamentais, e acções no valor aproximado de dois milhões de dólares (cerca de 58 000 contos).

O NORTE DESPORTIVO

NA EDIÇÃO DE HOJE

- ★ A grande época do futebol sportingista apreciada pelo maior Lobo da Costa em sensacional entrevista de Vasco Resende
- ★ O Benfica já tem treinador!

REVOX

O extraordinário gravador de características profissionais.

Consulte os PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A. Lda
RUA NOVA DO ALMADA, 88-97 LISBOA
No norte: VADECA —
R. de S. João António, 210 — PORTO

Administração

de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Mais de 30 mil pessoas deixaram já Pozzuoli

POZZUOLI (Itália), 5. — (F. P. e R.) — Mais de 30 mil pessoas fugiram já dos seus lares em Pozzuoli, convencidas de que as estranhas convulsões subterráneas, que empurram a terra para fora do mar, anunciam desgraça para este antigo porto marítimo.

Boatos de destruição iminente espalharam-se hoje pelas ruas do porto da baía de Nápoles, enquanto prosseguia a evacuação gradual de cerca de metade do 65 mil habitantes.

Pozzuoli, não distante do vulcão do monte Vesúvio, tem-se deslocado lentamente para cima e para baixo durante séculos. Contudo, o nível do solo começou a subir acentuadamente — 70 cm — desde 1968.

Uma série de pequenos abalos telúricos, a água do porto que à noite aparece com um brilho vermelho e os lugubres pilares de um anfiteatro romano afundando, que se vêm saírem das águas calmas do mar, aumentaram os receios dos habitantes e funcionários locais.

Alguns estão convencidos que um vulcão surgirá no meio da cidade, enquanto outros, recordando que os antigos romanos descreviam a área como uma porta para o Inferno, acreditam que Pozzuoli será engolida pelo leito de lava derretida sobre a qual flutua.

Contudo, os peritos encontram-se divididos acerca das causas da elevação repentina de Pozzuoli: será devida à actividade vulcânica ou a brandíssimo

(um lento movimento ondulante da crosta terrestre)?

Pelo menos um sismologista afirmou que a situação é similar à que ocorreu em 1538 quando uma colina de 105 metros apareceu perto da cidade numa questão de horas.

Dois técnicos japoneses são aguardados na cidade no fim da semana com instrumentos sofisticados para medir o fenómeno do subsolo. Toda a área à volta da cidade está juncada de vulcões extintos e fumos e vapores de enxofre e lama quente saem ainda de algumas fendas.

Funcionários decidiram fazer a evacuação na semana passada, após um aumento repentino de fendas em muros e edifícios.

Os habitantes estão a partir para outras cidades italianas e até mesmo para França, Alemanha e Grã-Bretanha.

Entre os que partiram encontra-se Domenico Villani, avô da famosa estrela de cinema Sofia Loren, que passou a infância na cidade.

Inundações aumentaram as dificuldades para evacuar milhares de pessoas e cerca de mil polícias estão a manter a ordem e a evitar actos de pilhagem.

PESCADOS PEIXES COZIDOS

O Governo italiano isentou já o porto de todos os impostos estatais e municipais até novo aviso e está a estudar formas de auxiliar financeiramente o resto da população.

Entretanto, marinheiros afirmam que os pilares do antigo templo romano, agora surgindo lentamente do seu tumulto no mar, encontram-se cheios de fendas e isso apenas pode ser um mau presságio.

Um pescador afirmou ontem que a água à volta da

cidade fervia quando levantou a sua rede.

Ao largo eleva-se fumo do mar proveniente de emissões de gás vulcânico a temperatura de 60 a 70 graus. Alguns pescadores apanharam peixes cozidos nestas águas quentes o que aumentou a inquietação dos habitantes.

Começa hoje o festival de Mar del Plata

MAR DEL PLATA (Argentina), 5. — (A. N. I.) — Personalidades do cinema, incluindo actores, actrizes, produtores e realizadores de vários países, reúnem-se hoje em Buenos Aires, a fim de participarem no décimo festival, anual cinematográfico de Mar del Plata. O festival, que começa hoje, durará dez dias, durante os quais serão exibidos filmes de longa metragem de 17 países,

que vão ser classificados por um júri internacional.

Chegarão ontem ao aeroporto internacional de Ezeiza, em Buenos Aires, representações do Brasil, da Alemanha Ocidental, da Espanha, da Itália, da U. R. S. S., da Jugoslávia, da Checoslováquia e da Polónia.

No princípio da semana haviam chegado delegações do Estados Unidos e de outros países.

OLHE-A BEM...



Francamente, estarmos a falar-lhe de Vaqueiro... Para quê?... Sabe muito bem o que ela representa na sua cozinha. Aquelas refeições saborosas, tão elogiadas, a quem o deve, vá!... Pois claro! É a Vaqueiro... Para quê estar com mais "coisas"?... Dizemos-lhe apenas que a "sua" Vaqueiro tem uma nova composição — mais leve, delicada e cremosa! Por isso dá melhores resultados ainda. Feitos por si e com a nova Vaqueiro, até os pratos mais simples têm outro gosto e outro aspecto. (Os olhos também comem...)

EXPERIMENTE-A!...

A Santa Sé aceitará o divórcio em casamentos não-religiosos

— diz o «Civiltà Cattolica»

CIDADE DO VATICANO, 5. — (R.) — Um jornal jesuíta afirmava a noite passada que a Santa Sé concordaria com a introdução do divórcio em Itália de casamentos civis mas não católicos.

Comentando a melindrosa questão, que já fez gorar uma série de negociações para formar um novo Governo italiano, o quinzenário «Civiltà Cattolica» diz que o Parlamento tinha duas escolhas: podia suspender a discussão pelo Senado da lei do divórcio, já aprovada pela Câmara dos Deputados, e concordar com os pedidos do Vaticano para conversações sobre o assunto, ou permitir que o Senado continuasse a discutir a lei com a condição que a limitasse a casamentos civis mas não a católicos.

O quinzenário declarava que qualquer outra medida,

como permitir que a lei seja aprovada sem alteração por ambas as Câmaras do Parlamento, seria inconstitucional, visto que violaria o acordo de 1929 entre a Santa Sé e a Itália que dá aos casamentos católicos toda a força da lei italiana.

Contudo, é improvável que a solução do quinzenário resolvesse a crise.

Os democratas-cristãos, católicos romanos, julgam que se deveria responder a uma nota do Vaticano, pedindo conversações bilaterais, mas partidos laicos creem que a nota representa interferência nos assuntos internos de Itália e pretendem que ela seja rejeitada.

A mudança mesmo de uma vírgula na lei, a pedido da Santa Sé, seria inaceitável por eles.



Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

A NOVA VAQUEIRO TORNA TUDO AINDA MAIS APETITOSO

UNIAS 70/100 102

«A praia-jardim de Lisboa» em vez de «Costa do Sol»

— novo «slogan» de promoção
turística do Estoril

A promoção turística da Costa do Sol vai passar a fazer-se com um novo «slogan», em torno de nova designação. Em vez de «Costa do Sol», a zona turística do Estoril (incluindo como atractivos Queluz e Sintra), passará a dizer-se «The Seaside Garden of Lisbon», que é como quem diz «A praia-jardim de Lisboa» ou «O Jardim de Lisboa á beira-mar».

Isto foi ontem revelado e explicado durante um jantar efectuado no Hotel Estoril-Sol, que a Junta de Turismo da Costa do Sol e os hoteleiros da região ofereceram a numerosas individualidades, e a que presidiu o eng.º Alvaro Roquete, director-geral do Turismo.

— A designação de «Costa do Sol» já não serve para uso externo, pois o turista estrangeiro logo a liga a Torre Molinos — afirmou o sr. Hermínio Simões. Cartazes, fotografias, filmes e outro material de promoção do Estoril já estão a ser planeados com a nova designação: «The Seaside Garden of Lisbon», que diz respeito á faixa que vai de Lisboa ao Guincho.

No Algarve

só há hotéis de luxo

Houve debate animado, em que tomaram parte vários agentes de viagens. Afirmou a sr.ª D. Ester Velha:

— No Algarve há hotéis maravilhosos, mas só de luxo; o Minho, uma das regiões mais belas do País, não tem hotéis; Lisboa, uma das mais limpas e bonitas cidades do mundo, também tem falta de hotéis. Temos de construir

mais hotéis, mas com menos luxo, para termos mais turistas.

O dr. Paiva Raposo, do Automóvel Club de Portugal:

— Use-se a nova designação, mas não se deixe de falar em Estoril, palavra bem conhecida no estrangeiro. E não se esqueçam as atracções portuguesas.

O director-geral do Turismo concluiu, em substância:

— Dei a maior atenção ao diálogo travado. Chegou a altura da acção, mas o Estado não pode fazer tudo. Está-se a reestruturar o sistema de informação ao turista, e posso adiantar que vamos dar um passo em frente.

Necrologia

FALECIMENTOS

António de Seixas Paiva
Faleceu o sr. António de Seixas Paiva, de 71 anos, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Maria José da Silva Paiva, pai das sr.ªs D. Palmira da Silva Paiva Vieira e D. Maria Augusta da Silva Paiva da Silva, sogro dos sr.ªs Américo da Silva Vieira e António da Silva. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, pelas 12 horas, na Igreja de Santa Isabel, para jazigo no cemitério do Alto de S. João, sendo celebrada missa de corpo presente às 10 horas no referido templo.

Dr. Carlos Rodrigues Borges

PORTO, 5. — Na sua residência, nos Carvalhos (Gaia), faleceu, esta madrugada, o dr. Carlos Augusto Rodrigues Borges, de 72 anos, casado com a sr.ª D. Maria Eugénia Forbes Costa Meneses Borges. O extinto, conhecido clínico especialista em Urologia e director deste serviço no Hospital Geral de Santo António, era pai da sr.ª D. Maria Eugénia Meneses Borges Abrantes e do dr. Carlos António Meneses Borges.

O funeral, a cargo da Casa Alberto Pereira, efectua-se amanhã, às 10 e 30, após missa de corpo presente na Igreja da Lapa, onde o corpo já se encontra depositado, para o cemitério de Agitmonte.

Luís Prates Jordão

MONTARGIL, 5. — Foi a enterrar, no cemitério local, com grande acompanhamento, o sr. Luís Prates Jordão, casado, proprietário, de 68 anos, natural desta freguesia.

SUFRÁGIOS

Comandante Otero Ferreira

O capitão-de-mar-e-guerra Faustino Otero Ferreira faleceu no passado dia 27 de Fevereiro, sem que tivessem sido feitas participações.

Tendo interrompido a sua carreira militar por ter revoltado um navio de guerra, em 1927, foi desligado do serviço, passando a partir de

então a dar a sua colaboração de técnico do mar á Sociedade Geral de Comércio e Transportes.

Todavia, uma portaria, recente, do ministro da Marinha, almirante Pereira Crespo, reintegrava-o na situação de reserva, com o posto de capitão-de-mar-e-guerra.

Foi rezada missa por sua alma, ontem, á tarde, na Igreja da Estrela.

Artes plásticas

VII Salão de Arte de Motivos Ribatejanos

A semelhança dos anos anteriores, a Casa do Ribatejo promove, de 16 a 29 de Maio, o VII Salão de Arte de Motivos Ribatejanos (pintura, escultura, cerâmica e desenho), encontrando-se, desde já, abertas as inscrições na secretaria daquela instituição, Rua do Salitre, 136-1.º, em Lisboa.

Serão atribuídos diversos prémios aos trabalhos classificados pelo júri, nomeadamente, a medalha de ouro da Casa do Ribatejo, galardão que se destina exclusivamente a sócios. Pela primeira vez, a organização do certame atribuirá uma medalha de ouro á melhor reportagem da cerimónia da inauguração do VII Salão de Arte de Motivos

Ribatejanos. Assim, cada concorrente deverá apresentar 4 exemplares do jornal ou revista, em que tenha publicado essa reportagem, em prazo não superior a três semanas após a data da inauguração.

Pode concorrer toda a Imprensa do Ribatejo, de Lisboa, bem como a Imprensa que possua delegações em Lisboa.

O júri será designado pela Casa do Ribatejo, e poderá não atribuir o prémio desde que assim o entenda.

Exposição de Joalharia no Estoril

Continua patente ao público, com grande afluência de visitantes, na Junta de Turismo da Costa do Sol, Arcadas do Estoril, a exposição de joalharia de arte de Alberto Gordillie.

O certame pode ser visitado, todos os dias, das 10 às 22 horas.

Exposição de pintura de Tomás Mateus

Na Galeria Interforma, na Av. Casal Ribeiro, 44, abre esta noite, pelas 22 horas, uma exposição de pintura de Tomás Mateus.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Manhã na praça

No passado dia 16 de Dezembro, aconteceu uma troca de fotografia, na secção «Manhã na Praça», que levou a sr.ª D. Flora da Silva Tavares dos Santos a escrever-nos uma carta com o pedido de publicação do seguinte:

«A signatária não proferiu as frases que lhe são atribuídas, na secção «Manhã na Praça», no passado dia 16 de Dezembro de 1969, nem nunca prestou quaisquer declarações a representantes do vosso jornal, nem sequer teve conhecimento ou percepção de que fora tirado o instantâneo que foi publicado sem autorização.»

Na referida «Manhã na Praça» nunca foi citado o nome da sr.ª D. Flora da Silva Tavares dos Santos, nem qualquer outro nome. Só a troca de fotografia, que lamentamos, poderia levar a admitir que a frase glosada na crónica «Que enfiada eu estou», fora proferida pela referida senhora, o que não aconteceu.

MILITAR FALECIDO EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 5 — (A. N. I.) — Morreu, em Moçambique, num acidente de viação, o soldado Fernando Eugénio, natural da cidade da Beira.

QUINZENA TÉCNICA DE PARIS

No dia 18, às 17 horas, no Hotel Ritz, o secretário-geral da Quinzaine Technique de Paris, M. de la Roncière, fará uma conferência, seguida de cocktail.

A Quinzaine Técnica de Paris decorre em Maio e Junho.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES PILOTOS «AB INITIO»

4.º CONCURSO

Habilitações: frequência de um curso universitário ou equivalente

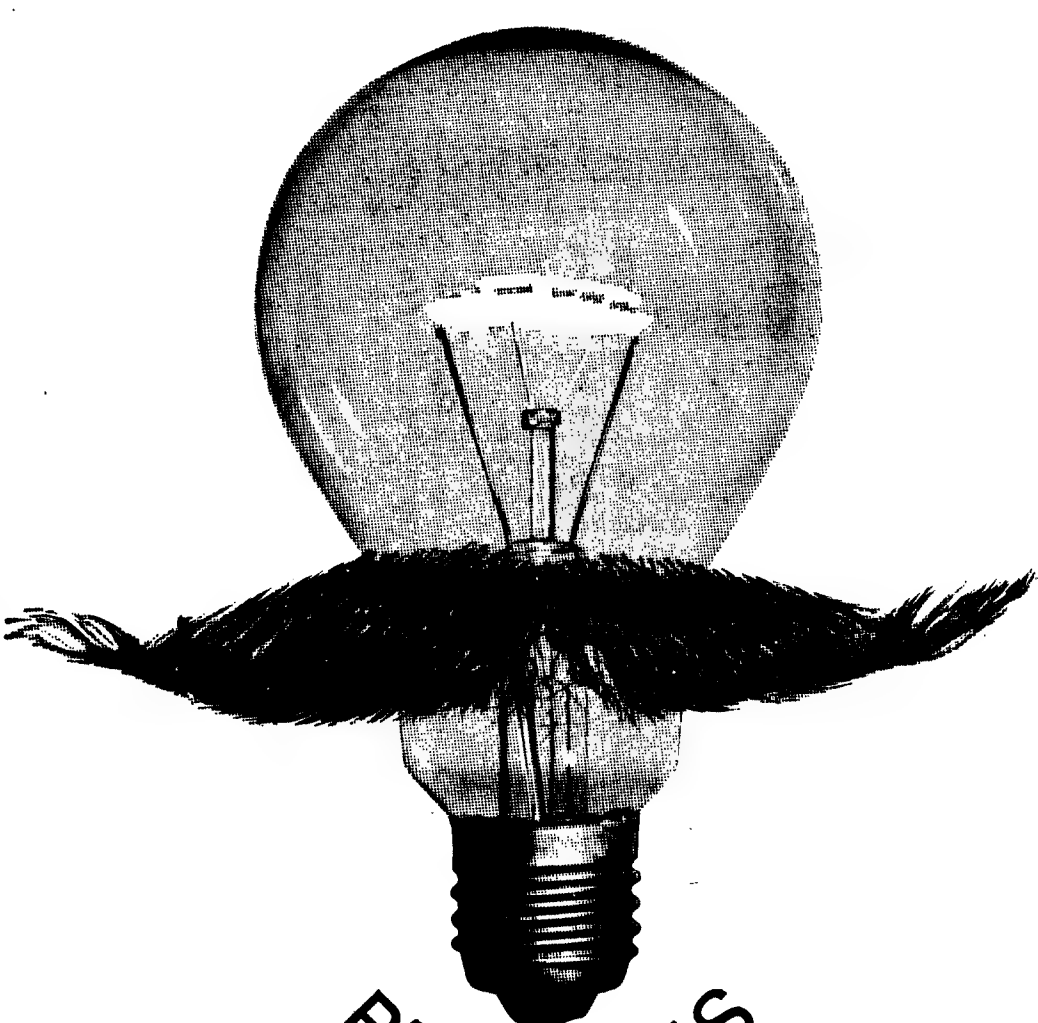
Idade: menos de 32 anos até 15 de Abril p. f.

Situação militar regularizada

Inscrições e informações:

Os interessados devem dirigir-se com urgência á Divisão do Pessoal Navegante — Edifício n.º 25-2.º andar — Aeroporto de Lisboa.

**BRILHANTE
IDEIA**



**PARA TODAS
AS COMPRAS**

3 — QUANTO CUSTAM OS DIVERTIMENTOS?

Como
se divertem
os
portugueses

por
Antónia de Sousa

DEPOIS de, em linhas gerais, termos referido as actividades recreativas que contam entre nós maior número de adepto-praticantes, cumpre-nos levantar o aspecto consequente do problema: quanto gastam os portugueses nos seus divertimentos?

A resposta é assaz difícil tanto ao nível individual com colectivo. Iremos, no entanto, servir-nos do «Anuário Estatístico» para referir as despesas com as actividades recreativas, no Continente e Ilhas, no ano de 1967.

O total das despesas com espectáculos públicos foi de 343 111 000\$00, a maior parte do qual gasto no cinema (267 818 000\$00), o que não é de estranhar dado ter o cinema sido o espectáculo que registou maior número de sessões e de espectadores.

Aludimos já aos principais motivos que porventura influem na predilecção acentuada do público pelo cinema, em detrimento de outros espectáculos. Acentuaremos de novo um aspecto que tem de ser devidamente considerado: o preço médio dos bilhetes de cinema é o mais baixo de todos os espectáculos públicos.

EM LISBOA O PREÇO MÉDIO DUM BILHETE DE CINEMA É DE 12\$80

O preço médio de um bilhete para ir ao cinema custa 9\$00 (em Lisboa 12\$80 e no Porto 9\$20), enquanto uma ida ao teatro declamado fica por 29\$70 e um bilhete para um espectáculo de «ballet» por 98\$50 (preços médios).

Em face do custo elevado dos bilhetes para assistir ao «ballet», não seria de admitir diminuta frequência a esse tipo de espectáculos? Mas tal não sucede. O número de espectadores a um espectáculo de «ballet» (579) é mais elevado do que a uma

750\$00 POR MÊS PARA DIVERTIMENTOS!

— Como se diverte? Quanto gasta por mês nos seus divertimentos? Qual o seu nível económico? Como gostaria de se divertir?

Responde José Vieira Lopes Courinha, estudante do Instituto Superior de Agronomia, de 29 anos:

— Tenho uma tertúlia de amigos onde encontro os companheiros para os divertimentos que Lisboa pode oferecer a uma pessoa com a minha idade e formação. Adoro as «matinées» de cinema; vejo as modas masculinas postas nas montras; visito livrarias na esperança de encontrar obras de interesse humanístico, económico e técnico, procurando seleccionar, já que o orçamento não suporta poder adquirir todos os livros que desejaria. Gasto em média em livros e revistas, por mês, cerca de 200\$00. Não compro discos. Não possuo um bom aparelho que me proporcione ouvir música em boas condições. Adoro nadar no Verão, viajar, e sempre que posso, e tenho companhia, vou



— Visito as livrarias na esperança de encontrar obras de interesse humanístico, económico e técnico.

a uma «boite». Gasto, em média, em divertimentos, por mês, 750\$00. O meu nível económico: sou filho de pequenos comerciantes, e tenho economias para suportar um orçamento de estudante universitário que está a terminar o curso, mas, claro, vivendo à quem do nível de

vida a que aspiro, e me preparo para adquirir brevemente. Gostaria imenso de viajar. Escolheria dois pólos: os países francamente evoluídos, os países de vanguarda, e países onde o isolamento, a natureza, as más condições de vida e outras dificuldades se adensaram.

sessão de cinema (288). Simplesmente enquanto se realizaram durante todo o ano de 1967 só 38 sessões de «ballet», registaram-se 96 184 sessões de cinema.

O problema é muito complexo e foge do âmbito da nossa reportagem. Não quisemos, porém, deixar de o assinalar, até para possível aumento de sessões no «ballet» e noutros espectáculos como forma de fomentar maior interesse por parte dos espectadores.

Depois do «ballet» é a ópera que vende mais caro os seus lugares (média de 60\$60); vêm a seguir as touradas (56\$50) com 3101 espectadores por sessão — quase aficionados somos! No ano a que temos estado a referir-nos, houve 139 touradas, mais 101 espectáculos do que de «ballet», mais 132 do que de concertos, mais 91 do que ópera, etc.

Ainda na ordem decrescente do custo dos bilhetes, estão depois os concertos (51\$90), o teatro musical (34\$60), o teatro declamado (29\$70), o circo (20\$10), e as variedades (19\$10).

Grosso modo e com todos os defeitos dos números estatísticos, que atribui a todos o que foi benefício de alguns, geralmente uma minoria, e considerando só os maiores de 14 anos, os portugueses gastaram nos espectáculos públicos «per capita», no ano de 1967 cerca de 50\$00. Se considerarmos só a população activa então a despesa «per capita», em espectáculos públicos, subiria para 100\$00, mas há a ter em conta as crianças com mais de 7 anos assim como a população inactiva por reforma e invalidez, que também frequentam espectáculos públicos.

AS DESPESAS COM DIVERTIMENTOS DE CARÁCTER CULTURAL

Quem vai ao cinema, ao teatro ou ao futebol não

gasta com essas distrações simplesmente o dinheiro do bilhete de entrada, mas também os transportes, a gorjeta á arrumadora (cinema e teatro), a almofada (no futebol), etc. Só po-

deria fazer-se uma estimativa correcta dos gastos com os divertimentos através de um inquérito directo á população. Como nos dis-

(Continua na página seguinte)



— As pessoas querem compreender o mundo em que vivem. A leitura só por distração creio que acabou.

— A LEITURA SÓ POR DISTRACÇÃO CREIO QUE ACABOU!

— Vendo poucas revistas. É uma secção que temos pouco cuidada. Há tabacarias para aí que vendem muito mais! — afirmou-nos o sr. Manuel Ferreira da Costa, da Livraria Sá da Costa.

Procurámos-lo para saber números de venda, tanto das revistas como dos romances, e quanto gastam, em média, por mês ou por ano, em livros e revistas, os clientes certos. Parte das perguntas não foram satisfeitas: não têm «controle» no número de livros que vendem, nem a quem os vendem. Mas algo de interessante disse o sr. Ferreira da Costa:

— O romance tem tido uma venda muito mais limitada. As pessoas querem ensaio, filosofia, arte, história e, até, poesia. É uma tendência, estou convencido, á escala mundial. Contribuiu muito para a queda do romance a falcatrua dos prémios. Mas não escreva isto! (Ficou escrito, desculpe!) Os prémios literários deixaram de ser a garantia de um livro bom. Antigamente, quem comprava um «Prémio Goncourt» sabia que levava um livro bom, agora, levava um livro razoável.

Mais disse o sr. Ferreira da Costa sobre as capelinhas de atribuição dos prémios literários. Passamos adiante, para registar o seu depoimento quanto aos géneros que actualmente mais se lêem:

— A sociologia e a economia. Estamos numa altura de charneira, de viragem, as pessoas querem compreender o mundo em que vivem. A leitura só por distração creio que acabou.

SE FOSSE RICA...

A pergunta abre perspectivas já sonhadas. Quem não pensou alguma vez «Se fosse rico faria assim... e assim»? Se fosse rica como se divertiria?

Responde a jovem, 19 anos, Albertina da Piedade, empregada numa sapataria:

— Visitaria o estrangeiro e integrar-me-ia nos grupos de «hippies», que aprecio bastante.

— Como escolhe os seus divertimentos?

Hesitou. É muito difícil, e depois:

— Tenho vários divertimentos preferidos. Cinema...

Adoro dançar, e «rallies». Já tenho participado em alguns. Gosto de entrar em grupos com rapazes e raparigas, e irmos todos para o mesmo sítio dançar, ao cinema, á praia no Verão, ao futebol, por exemplo, já tenho ido ao futebol! Sempre todos juntos. Prefiro divertir-me em grupo, porque não me sinto tão só. Há um melhor ambiente. Quando estou em casa leio.

— Romances?

— Folionovelas.



— Se fosse rica visitaria o estrangeiro e integrar-me-ia nos grupos de «hippies».

COMO SE DIVERTEM OS PORTUGUESES VÃO SER ENCERRADAS AS MINAS DE S. PEDRO DA COVA

(Continuação da pág. anterior)

seram porém na Estatística, um inquérito nesses moldes seria muito oneroso e há falta de técnicos que o levem a cabo.

No estrangeiro o problema está a ser tratado de forma diferente. O Anuário das Estatísticas Nacionais inclui elementos precisos acerca das despesas com divertimentos «per capita» em diversos países. Assim, sabe-se que em Espanha a despesa com os lazeres é de 44 dólares por habitante, e que triplicou de 1958 a 1965; em França é de 59,8 dólares, e de 1958 a 1966 duplicou; na Alemanha Federal é de 85 dólares; nos Estados Unidos, de 128 dólares; e na Suécia, de 134 dólares.

Como é óbvio, os gastos dos portugueses com os divertimentos não se limitam aos espectáculos públicos nem na actividade desportiva e recreativa. Há o sector cultural, que também acarreta despesas, que podem incluir-se na rubrica dos divertimentos.

SEIS MESES DE FÉRIAS POR ANO

Temo a considerar agora as despesas gastas com a actividade desportiva (163 858 000\$00), recreativa (53 275 000\$00), mista (135 237 000\$00) e ainda as quotizações de grupos desportivos recreativos (116 214 000\$00), o que perfaz 468 384 000\$00.

Segundo a regra que

adoptamos para encontrar a despesa «per capita» em espectáculos públicos os portugueses — população activa — gastaram cerca de 120\$00 por ano em actividades desportivas e recreativas. A considerar toda a população dos 14 aos 60 anos e mais, a média «per capita» desce para cerca de 60\$00 por ano.

Os números a que chegamos são necessariamente defeituosos. A estatística é omissa quanto à despesa em divertimentos «per capita». Aliás, o problema das despesas com divertimentos tem sido descurado entre nós. Os economistas que contactamos confessam não estar suficientemente informados do assunto. O problema dos tempos livres e da forma como são ocupados parece ser considerado entre nós como fenómeno de somenos importância.

Que assim não é confirmam-nos as palavras de Peggy Landers: «Talvez um dia os economistas calculem o progresso dum país não pelo produto nacional bruto, mas pelo tempo e o dinheiro que cada cidadão dispõe para os seus lazeres.»

Segundo estimativas, essa dia não está longe. Um estudo feito na Califórnia prevê que os americanos possam gozar, em 1985, seis meses de férias por ano, mantendo o mesmo nível de vida.

Lê-se um romance por prazer visita-se um museu por curiosidade intelectual,

mas também porque nos agrada a visão das obras de arte. A leitura quotidiana do jornal é uma necessidade e também, um entretenimento. Há quem se «divirta» a ler os anúncios nos jornais, outros a encontrar as gralhas, a fazer as palavras cruzadas ou a digerir os maus contos que publicam.

Existem os coleccionadores, que arrecadam obras de arte e nisso empatam fortunas, ou juntam simples e economicamente etíquetas de hotéis ou caixas de fósforos. Há, ainda, os que podem viajar e no Turismo despendem grandes somas. Os que frequentam hotéis, restaurantes e «botéis». E depois, existem as férias como ocasião ideal para uma pessoa se divertir.

É impossível traduzir em números os gastos com todos estes divertimentos. E pouco esclarece acrescentar que o índice dos preços das distrações em Lisboa, para 100 em 1948 a 1949, registou um aumento de 36 a 37,9 em 1967 ficando, pois, de 136 a 137,9.

Contamos, porém, com elementos, fornecidos sob reserva pelo Instituto Nacional de Estatística, de um inquérito levado a cabo entre 10 400 famílias sobre receitas e despesas familiares. Os resultados parciais já apurados documentam quanto gasta em média a família portuguesa nos seus divertimentos. Será este aspecto que trataremos a seguir.

AS MINAS DE S. PEDRO DA COVA

PORTO, 4 — Numa importante e prolongada reunião na sede da empresa exploradora das Minas de São Pedro da Cova, entre administradores e directores daquela empresa foi tomada a resolução do encerramento das referidas minas, situadas no concelho de Gondomar. A drástica resolução foi objecto de longo estudo.

Tal decisão vai originar sérios problemas, incluindo o desemprego de cerca de 800 trabalhadores (na maior parte com mais de 40 anos), agrupados em dezasseis sindicatos. É todo o pessoal que ali trabalha (mineiros, empregados

de escritório, electricistas, etc.); e assim serão afectadas entre 3000 a 4000 pessoas, números que correspondem aos agregados familiares dos trabalhadores ao serviço da Companhia das Minas de Carvão de São Pedro da Cova.

As causas do encerramento, agora tornado público, resultam da grave crise que tem afectado, nos últimos tempos, as empresas carboníferas; e, como causa imediata, surge a suspensão da compra do carvão, que atingia três quartos da produção daquelas minas, por parte da antiga termoelectrica Portuguesa (agora incluída na Companhia Portuguesa de Electricidade), que utilizava aquele produto como combustível, mas passará a gastar «fuel-oil», mais barato e de mais fácil aplicação.

«JUVENTUDE SEM FRONTEIRAS» — CAMPANHA DO SERVIÇO MISSIONÁRIO DOS JOVENS

Efectuou-se, com o patrocínio do bispo D. Manuel Falcão, mais uma reunião do Serviço Missionário dos Jovens (S. M. J.) de Lisboa com o fim do lançamento da «Campanha» da Quaresma, que os jovens decidiram intitular «Juventude sem Fronteiras».

O S. M. J. é um movimento missionário de jovens, muito actual e dinâmico, dirigimos mesmo um movimento de vanguarda, que visa a formação missionária dos próprios elementos e a consequente abertura dos jovens aos problemas dos povos subdesenvolvidos.

Sabendo que os jovens hoje não se podem demitir frente à tarefa ingente da construção dum mundo mais humano, mais justo e mais fraterno, os rapazes e raparigas do S. M. J. procuram, neste sentido, fazer alguma coisa de válido.

A campanha «Juventude sem Fronteiras» envolve dois aspectos: *mentalização* e *acção*. Na linha da mentalização, decidiram utilizar todos os meios que lhes sejam facultados, como a Imprensa, a Rádio e a TV, para criar em si e nos outros uma consciência lúcida dos problemas do «Terceiro mundo».

O funeral do menino operado ao coração

BARREIRO, 5. — Está marcado para hoje, ao fim da tarde, directamente do aeroporto de Lisboa para o cemitério do Lavradio, o funeral do menino Mário Manuel Reis Marques, de 8 anos, que faleceu numa clínica em Londres, como noticiámos, após uma intervenção cirúrgica ao coração.

O garoto sofria de deficiências congénitas, denominadas de tetralogia de Fallot (doença azul). Acompanham o préstito diversos superiores da C. U. F. e da U. F. A. O pai do infeliz garoto, sr. Angelo dos Santos Alves, é desenhador nesta última empresa.

Manuel Thomaz Rodrigues Troya

Missa do 1.º Aniversário

A Direcção da Prudência Comp.ª Portuguesa de Resseguros, participa que mandará celebrar Missa, por eterno descanso do seu saudoso colega, na Igreja do Loreto, no dia 6 de Março, pelas 12,15 horas.

sobretudo do nosso, de modo a poder colaborar com os mais responsáveis para a sua solução.

A linha de acção da campanha ficou assim definida:

1) Trabalhar no levantamento do bairro da Bela Flor; 2) Construção duma escola no Ultramar, onde de modo particular predomina o subdesenvolvimento. Para tal, os jovens do S. M. J. de Lisboa vão lançar algumas iniciativas, como sessões de cinema, espectáculos de variedades, etc. destinadas a angariar fundos.

Qualquer esclarecimento pode ser pedido a S. M. J. — Rua de Campolide, 124-3.º — Lisboa (Tel. 68 15 59).

Conferência do escritor

José Maria Cossío

No Auditório Dois da Fundação Calouste Gulbenkian o escritor e crítico espanhol D. José Maria Cossío, director do Ateneu Científico, Literário e Artístico de Madrid, proferirá uma conferência no próximo dia 10 do corrente, às 18 e 30, versando o tema «Júlio Dinis, Eça e Pereda», a literatura portuguesa e espanhola vistas pela penetração crítica e alta erudição de um autêntico Homem de Letras.

CURSO DE EDUCAÇÃO SEXUAL

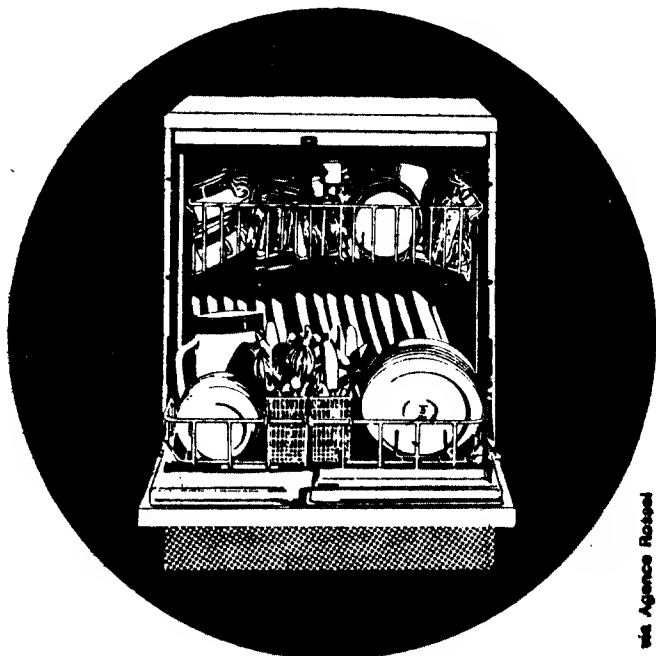
ÉVORA, 5. — Promovido pela secção social do Liceu Nacional desta cidade, está a decorrer, com muito interesse, um curso de Educação Sexual, naquele estabelecimento de ensino.

As lições prosseguem amanhã, pelas 16 e 30, a cargo das dr.ªs D. Maria José Falcão e D. Beatriz Sampa Branco, que versarão o tema a «Educação Sexual e suas implicações com a Pedagogia».

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova da Almada, 99 — LISBOA

modernize o seu lar



com uma máquina de lavar louça

Miele

Grande capacidade. Sistema de tripla dispersão. Máquina automática de lavar louça, duma perfeição sem igual. V.Exa. está livre para sempre da tarefa de lavar a louça!

Distribuidor oficial:

OLIVEIRA

Electrodomésticos
Av. Almirante Reis, 91-A

ANTÓNIO DE SEIXAS PAIVA

FALECEU

Maria José da Silva Paiva, Palmira da Silva Paiva Vieira, Américo da Silva Vieira e filhos, Maria Augusta da Silva Paiva da Silva, António da Silva, filhas, genros e neto, Irene Paiva Rodrigues, filha, genro e neto, Artur da Silva Paiva, participam a todas as pessoas de suas relações o falecimento do seu extímulo marido, pai, sogro, avô, irmão e tio e que o funeral se realiza amanhã, às 12 horas, da Igreja de Santa Isabel para o cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

ANTÓNIO DE SEIXAS PAIVA

FALECEU

R. PAIVA & C.ª (IRMAO), LDA. — (GUARDA-ROUPA PAIVA) — cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio-gerente Sr. António de Seixas Paiva e que o funeral se realiza amanhã, às 12 horas, da Igreja de Santa Isabel para o cemitério do Alto de São João. As 10 horas será rezada missa de corpo presente no referido templo.

AGÊNCIA SALGADO

Foi lançada a edição francesa de «O Instinto Supremo» de Ferreira de Castro

O último romance de Ferreira de Castro, em que o autor de «A Selva» revivifica a epopeia humana de Rondon para trazer os peritamentos à civilização, saiu, agora, em francês, na Casa Grasset, o grande editor que lançou já «A Selva», a «Terra Fria», os «Emigrantes» e «A Missão».

«O Instinto Supremo» tem, na tradução francesa, o título de «Mourir peut-être». A apresentação é sóbria e elegante, como é norma da Casa Grasset.

O título da tradução francesa, como se sabe, é da norma que levou Rondon à selva amazônica e que norteou o seu contacto com os índios: morrer se preciso for; matar nunca. Ferreira de Castro pensou durante muito tempo nessa mesma frase para o título do seu romance, decidindo-se, por fim, por «O Instinto Supremo». A tradução é de Georgette Tavares-Bastos.

«Mourir peut-être» vai, com certeza, conhecer os êxitos das anteriores obras de Ferreira de Castro saídas em francês, contribuindo para a projecção das letras portuguesas contemporâneas no mundo.

Fanfarra

Gago Coutinho e Sacadura Cabral

A fanfarra Gago Coutinho e Sacadura Cabral, de Angra do Heroísmo, tem novos corpos gerentes. A assembleia geral e a direcção são presididas, respectivamente, pelos srs. arquitecto Fernando Augusto de Sousa e Emílio Martins Ribeiro.

Desaparecimento misterioso

PORTO, 5 — O sr. José da Costa Santos, residente no lugar do Covelo, Mindelo, em Vila do Conde, participou à Judicatura que da sua residência desapareceu, há ha dias, um seu cunhado, de nome Baptista Dias Gonçalves, de 51 anos, solteiro, agricultor. Este indivíduo, a propósito de um outro desaparecimento, há tempos, tem uma história curiosa, pois foi dado como morto. Nessa altura também o cunhado participou o seu desaparecimento à Polícia, que o procurou durante alguns meses. Entretanto, o cunhado através dos jornais, soubera que, na Mealhada, foram atropelado mortalmente um indivíduo desconhecido e, através de uma série de circunstâncias e coincidências, tanto ele como a família acabaram por confirmar tratar-se do cadáver do sr. Baptista Dias Gonçalves. Providenciaram a trasladação para a sua freguesia e efectuou-se o respectivo funeral, a que se seguiu, exclusivamente, uma missa do 7.º dia. Entretanto, uma vizinha afirmava ter visto, em Oliveira do Douro (Gava), o sr. Baptista Dias Gonçalves e, ante a incredulidade e a duvida dos familiares, tanto insistiu na sua afirmação que acabou por os convencer a deslocarem-se àquela localidade, onde acabaram, na realidade, por encontrar o parente em causa a trabalhar numa quinta ali existente. Isso motivou, como é natural, complicados trabalhos nas conservatórias, para «dar vida» a um «morto». Esse mesmo indivíduo, como dissemos, desapareceu agora misteriosamente.

Cursos sobre biologia nos Estudos Avançados da Fundação Gulbenkian

Está aberta a inscrição para uma série de oito cursos pós-graduados sobre biologia, que vão ser realizados, de Julho a Dezembro, nos Estudos Avançados de Oeiras, com a colaboração do Instituto Gulbenkian de Ciência e da Estação Agronómica Nacional.

Os cursos que serão regidos por especialistas de Universidades e Institutos nacionais e estrangeiros, versarão, respectivamente, os seguintes temas: Genética Molecular (dr. L. Archer, da Universidade do Porto, e prof. dr. G. Venema, da Universidade de Groningen); Fotosíntese (prof. dr. C. P. Whittingham e dr. J. W. Hannay, do Imperial College of Science and Technology, Londres); Fisiologia Celular (dr. A. Pato de Carvalho, Institute for Muscle Disease, Nova York, e um segundo professor, a indicar); Bioquímica Microbiana (prof. dr. A. H. Rose, da Universidade de Bath, e prof. dr. J. F. Wilkinson, da Universidade de Edimburgo); Bioquímica Vegetal (eng.º dr. J. Contreiras, da Estação Agronómica Nacional, Oeiras, e prof. dr. D. Davies e dr. C. Greenwood, da Universidade de East Anglia); Ultra-estrutura Celular (dr. J. F. David-Ferreira, do Instituto Gulbenkian de Ciência, Oeiras, dr. B. Afzelius, da Universidade de Estocolmo, e prof. dr. A. Marmshach da Universidade de Aarhus); Termodinâmica (prof. dr. H. A. Bent e prof. dr. C. G. Moreland, da Universidade da Carolina do Norte); Química e Energética Celulares (dr. N. Van Uden, do Instituto Gulbenkian de Ciência, Oeiras, e prof. dr. R. Blitonen,

da Universidade John Hopkins de Baltimore).

Cada curso terá uma duração de quatro a seis semanas e vai ocupar o dia inteiro com lições teóricas, trabalhos práticos e seminários. O número de participantes inscritos que poderá ser admitido a cada curso terá um máximo de vinte, aceitando-se candidatos qualificados da Metrópole, do Ultramar, da Espanha, do Brasil e das Comunidades Americanas. As lições teóricas, no entanto, podem ser frequentadas pelo público interessado sem necessidade de inscrição.

Pedidos de informação e de boletins de inscrição devem ser dirigidos ao secretário dos Cursos, Estudos Avançados de Oeiras, Fundação Calisto Gulbenkian, Oeiras, telef. 242 133.

CONCURSO PARA PROFESSOR DE LETRAS

Presta provas para professora extraordinária de Fisiologia Românica da Faculdade de Letras de Lisboa, a dr.ª André Jeanne Françoise Crabbé Rocha.

O sorteio do ponto, para a lição a pronunciar no dia 10, realiza-se no dia 8, às 15 horas.

NOVOS CARGOS DIRECTIVOS DA SOUTH AFRICAN AIRWAYS

A fim de assinalar a nomeação dos srs. J. J. van der Wath e Orlando Damásio para os cargos de director regional para o sudoeste da Europa e director comercial e administrativo para Portugal, a South African Airways ofereceu, ontem, um beberete no Hotel Fénix, onde estiveram presentes directores de todas as companhias com delegações em Lisboa, e representantes da Direcção-Geral do Turismo e da Segurança, do Aeroporto de Lisboa, dos C. T. T. e das Alfândegas, recebidos pelos empossados e ainda, pelos funcionários superiores da companhia, srs. Joaquim Silva e Vítor Costa.

Rumos

da arquitectura portuguesa

Prosegue amanhã, no Museu Nacional de Arte Antiga, pelas 18 e 30, como habitualmente, a 7.ª palestra da série intitulada «Rumos da arquitectura portuguesa», especialmente orientada para a juventude, pelo dr. Jorge Henriques Pais da Silva, professor de História de Arte na Faculdade de Letras de Lisboa.

O tema da palestra será: A actividade arquitectónica durante o período oitocentista.

Entrada livre pela Rua das Janelas Verdes.

PRESOS DOIS SUSPEITOS DA AUTORIA DO ROUBO E DESPISTE DE UM CARRO

LEIRIA, 5. — Dois suspeitos da autoria do roubo de um automóvel, atropelamento e consequente despieste, foram detidos pela P. V. T. desta cidade, que rodava continua a investigar.

As testemunhas que assistiram ao espectacular acidente, viram sair dois jovens do veículo acidentado, desapare-

cendo pelos pinhaes que margeiam a estrada, o que levou os agentes investigadores a supor que se trata dos autores do roubo do carro.

Entretanto, o ciclista atropelado, sr. José da Fonseca, foi internado no hospital de Leiria, havendo a lamentar apenas a fractura de um braço, contrariamente às primeiras previsões.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Estes	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	5185	—	5185
Unificada 3%	—	—	5235
Consolidado 3 1/2%	6205	6205	6255
Unificada 4%	1.4805	1.4805	—
Org. (seu) 5%	1.0005	—	1.0005
Ext. 5% Série A	—	—	—
Ext. 5% Série B	—	7505	—
Ext. 5% Série C	8205	8205	—
Ext. 5% Série D	—	1555	1605

OBRIGAÇÕES	Estes	Compra	Venda
Agua Lisboa 5%	—	—	9205
A. P. 1 5% 56	—	—	9105
A. P. 1 5% 58	—	—	—
C. P. 4 1/2% 65	—	—	1.0105
C. P. 5 1/2% 67	—	—	9975
C. U. F. 6%	9955	9955	—
C. U. F. 6% 68	—	—	8105
Gas Elect 4% 48	—	—	8405
Gas Elect 4% 51	—	—	8805
Gas Elect 5% 52	—	—	8755
Gas Elect 5% 58	8855	8855	—
Gas Elect 5% 59	—	—	9255
Gas Elect 5% 62	—	—	9255
Gas Elect 5% 63	—	—	8955
Gas Elect 5% 65	—	—	1.0045
Gas Elect 5% 67	—	—	8105
H. e A. Alentejo 5%	8105	8105	8205
H. e Alentejo 5%	—	—	8155
H. e Alentejo 6%	1.0005	1.0005	—
H. e Douro 5%	—	—	8205
H. e Douro 6%	1.0025	1.0025	1.0025
H. e Norte Port 5%	—	—	8355
H. e S. Estrela 6%	—	—	1.0025
H. e Zêzere 5% 52	—	—	8305
H. e Zêzere 5% 57	—	—	8305
L. S. 5%	—	—	1.0105
Metropolitano 4%	—	—	8805
Metropolitano 5 3/4%	1.0105	—	1.0125
Mozambique 5%	—	—	8505
Nac. Elect 5%	—	—	8205
Nitrolos 5%	—	—	7955
Nitrolos 5% 50	—	—	8105
Petroquímica 5%	—	—	8605
Port. Celul 5%	—	—	9505
Sacar 5% 54	—	—	—
Sacar 5% 56	—	—	9005
Siderurg 5% 2.º	8155	—	—
Siderurg 5% 3.º	—	—	—
Siderurg 5% 4.º	—	—	8255
Sonete 5%	—	—	—
T. A. P. 4%	—	—	9405
Temperact Port 5%	—	—	8705
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	—	825
U. E. P. 5% 60	—	—	8255
U. E. P. 5% 63	—	—	8605

ACCÕES	Estes	Compra	Venda
Bancos			
Agricultura	2.4405	2.4305	2.4505
Alentejo	1.3205	1.3205	1.3245
Anglo	4.0205	4.0005	4.0505
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	—	5.5005	5.5005
E. Santo	22.9505	22.9005	23.0005
S. Santa n	—	—	—
Fonseca S. n	—	21.5005	—
Fonseca Nacional	—	—	2.8005
L. B. Açores n	—	7.4505	7.5005
L. B. Açores n	—	—	—
P. Atlântico n	6.1055	6.1005	6.1105
Portuga n	—	—	3.4505
Portuga n	—	—	4.4005
Totta Alentejo	6.6005	6.6005	6.6205
Ultramarino n	3.7205	3.7205	3.7405
Ultramarino p	4.0505	4.0405	4.0505
Seguros			
Alentejo	15895	1584	1584
Douro	—	—	—
Mundial	8905	8905	8955
Saúde	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	—	—

Ultramarinos	Estes	Compra	Venda
Agua de Angola	8455	8405	8505
Ag. Cascais	8005	7955	8005
Ag. Incomat	—	—	2.5005
Ag. Nova	—	—	5005
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	3405
Berar	—	—	—
Bur	8795	874	8745
Cabinda	2865	2855	2875

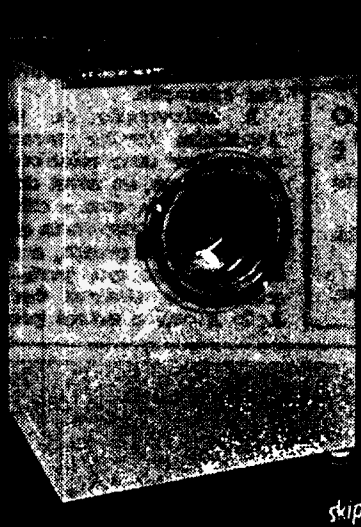
ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base Dez 65 100)

GERAL	26/2/70	4/3/70	5/3/70
METROPOL	167,5	166,1	165,2
ULTRAM	157,1	155,5	154,7
ULTRAM	243,5	243,7	242,6

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36550	38550
América		
— Dólar de 1 e 2	28515	28565
— Dólar de 5 e 000	28560	29500
Canadá		
— Dólar de 1 e 2	26500	26550
— Dólar de 5 e 00	26530	26580
Argentina — Peso	7560	7590
Austria — Schilling	305	309
Braer — Cruzeiro Novo	1408	1415
Espanha — Peseta	5500	5500
Eslovénia — Florin	759,8	760,3
Inglaterra — Libra	7570	8500
Itália — Lira	68530	10530
Bélgica — Franco	104,3	104,6
Frância — Franco	155	158
Frância — Franco	435	435
Suiza — Franco	6453	6453
Marracos — Dirham	4390	4390
Dinamarca — Coroa	3360	3390
Noruega — Coroa	3385	4315
Suécia — Coroa	5335	5365
Dólar		
Inglaterra — Libra ester	800500	820500
Inglaterra — 1/2 Libra	290500	310500
Douro Novo — Berro	34500	36500

J. BURNAY, L. DA Nota estrangeira
RUA DO OURO, 70
Pagão de crédito
Tel. 221273



LIVRE
dos problemas da lavagem

LIBERTA
enquanto Indesit lava sozinho

LIBERDADE!

Liberdade é o que a máquina de lavar INDESIT automática lhe oferece.

INDESIT

Diário de Lisboa



Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

A consciência cristã e o direito à habitação

discutidos num colóquio em Arroios

(Continuação da 1.ª página)

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava limpo, à excepção do litoral oeste a norte do Tejo. O vento era fraco de norte, por influência de uma zona de altas pressões estacionária que se estendia da Gronelândia até à Madeira.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua e Fonte Boa, 16,5; mínima: Viseu, -3.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 3; Lisboa e Faro, 11; Funchal, 14; Penhas Douradas, 16; Portalegre, 6; Porto, 5.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 11,5; na água do mar, 12,8.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

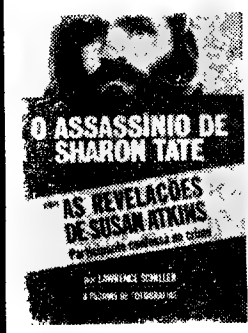
Céu em geral limpo, à excepção da faixa costeira a norte do Tejo, onde poderão ocorrer períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de norte.

Amãhã
Nascer às 8 e 3
Ocaso às 19 e 34

DIÁRIO
Dia 7 Dia 14 Dia 23 Dia 30

MARES
PREIA-MAR: Hoje — 2 e 20 (3,8 m); 14 e 57 (8,8 m); 14 e 57 (3,8 m). Dia 6 — 3 e 15 (4,1 m); 15 e 42 (4,0 m). Dia 7 — 3 e 55 (4,4 m); 16 e 23 (4,2 m); BAIXA-MAR: Hoje — 8 e 21 (1,0 m); 20 e 40 (1,0 m). Dia 6 — 9 e 12 (0,7 m); 21 e 28 (0,8 m). Dia 7 — 9 e 35 (1,0 m); 21 e 6 (0,5 m).

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE



Novidade sensacional
Apresenta-se pela primeira vez, em exclusivo, a descrição de
O ASSASSÍNIO DE SHARON TATE
tal como Susan Atkins a proferiu para um gravador.
1 vol. de 173 pp. e 8 fotografias 30\$00
EDITORIAL MINERVA — Lisboa

remediados); sublocação; ou bairros clandestinos.

Caracterizando o carácter social destes bairros clandestinos, o arq. Nuno Portas salientou que eles não têm, em Portugal, a qualidade de «invasões» com que aparecem na América Latina: trata-se, sim, de pequenas urbanizações especulativas, de barracas construídas em terrenos pelos quais se paga uma renda.

Quanto ao eng.º Bruto da Costa, a sua intervenção foi orientada no sentido de demonstrar que o problema da habitação não era um problema específico de sector, mas uma consequência de muitos factores interligados.

Entre algumas soluções que apontou para a melhoria da situação conta-se a dinamização de áreas rurais com capacidade de desenvolvimento e o desenvolvimento paralelo de vários centros urbanos. Outra via seria a da localização industrial, planificada de modo que as pessoas que não encontrassem possibilidades de emprego na sua zona pudessem deslocar-se para regiões diversas do País e não apenas para as grandes cidades.

O eng.º Bruto da Costa citou, depois, várias possíveis políticas de habitação, mas salientou:

mas, o padre Jardim afirmou:

— O mundo deixou de ser, para os cristãos, aquela terra de vale de lágrimas em que os homens têm de resignar-se a viver, mas passou a ser um lugar de Deus, onde nós temos de construir o plano de Deus, que é um plano de felicidade e de fraternidade universais. Os homens passaram a ser um sinal da acção de Deus no mundo. Não é de improvisação ou de mágica que se trata. Mas de um olhar atento sobre o mundo. Cito o Evangelho: «Importa, antes de fazer a oferta diante do altar, ir reconciliar-se com os irmãos».

No colóquio que se seguiu, em que intervieram numerosas pessoas da assistência, foram debatidos vários pontos do problema habitacional, nomeadamente a acção das Camaras na política de venda de terrenos. Em resposta a um participante, o arquitecto Nuno Portas afirmou:

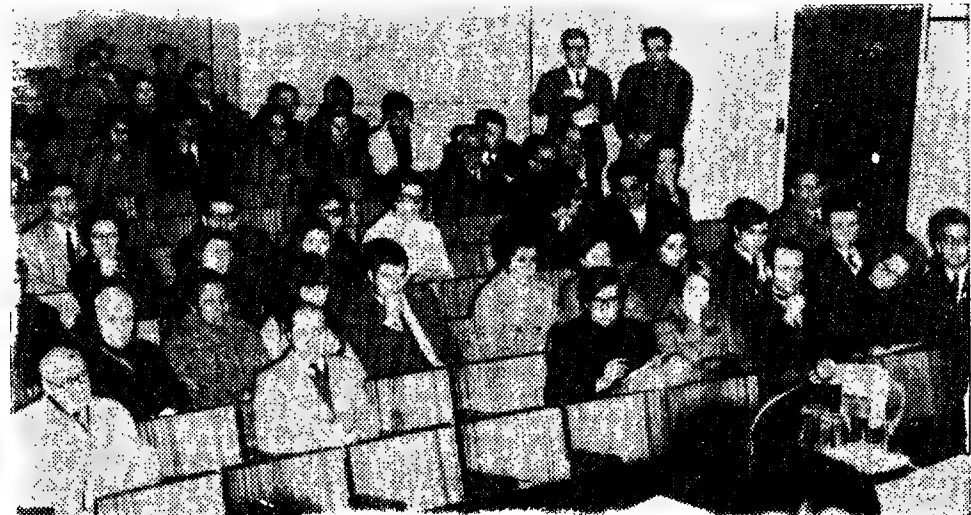
— As Camaras são ao mesmo tempo motores e vítimas do processo especulativo. Empenhadas numa concorrência e com pesados encargos de administração, elas agem como empresas particulares. O grave não é, pois, que uma Camara venda terrenos a 14 contos o metro quadrado. O grave é que toda a gente — incluindo as Camaras — o possam fazer.

entenda, pois neste sector específico as leis de livre oferta e procura têm consequências sociais verdadeiramente desastrosas.

Ainda acerca da acção das Camaras neste sector, o dr. Manuel Cabecadas referiu que existe há muitos anos uma lei — a Lei 2030 — que permite aos Municípios a cedência de terrenos a particulares para a construção de edifícios, mantendo-se as áreas ocupadas em regime de propriedade municipal. Apesar das vantagens deste sistema nenhum Município, até hoje aproveitou aquela disposição legal.

Antes de encerrada a sessão — algumas questões, devido ao adiantado da hora tiveram de ser transferidas para a segunda parte da mesa-redonda — o pároco de Arroios, José de Freitas, fez algumas considerações sobre a importância do colóquio, acentuando:

— Não tenham medo de puzar pelas barbas à moral cristã. Ela é capaz de muito mais do que aquilo que nós muitas vezes pensamos. E discutindo e estudando que nós nos intrometamos dos problemas. O nosso objectivo neste colóquio não é resolver nada: fundamentalmente, é conhecer o problema. E depois, então, ver-se o que se pode fazer, de que maneira se poderá actuar...



Um aspecto da assistência ao colóquio

— O que é importante, no final de contas, é haver órgãos administrativos, capazes de definir uma política de habitação e de assegurar a sua execução.

A intervenção do padre Agostinho Jardim caracterizou-se por uma relação do problema, ao nível da responsabilidade, com a existência de uma consciência cristã.

Apreciando, porém, o novo interesse que, por parte dos cristãos, se observa em relação a este e outros proble-

ma, o padre Jardim afirmou: — O mundo deixou de ser, para os cristãos, aquela terra de vale de lágrimas em que os homens têm de resignar-se a viver, mas passou a ser um lugar de Deus, onde nós temos de construir o plano de Deus, que é um plano de felicidade e de fraternidade universais. Os homens passaram a ser um sinal da acção de Deus no mundo. Não é de improvisação ou de mágica que se trata. Mas de um olhar atento sobre o mundo. Cito o Evangelho: «Importa, antes de fazer a oferta diante do altar, ir reconciliar-se com os irmãos».

— Seria desejável — salientou — que os preços dos terrenos fossem tabelados e que um particular não pudesse vender uma propriedade sua — apenas pelo facto de ser uma propriedade sua — pelo preço que bem

De vez em quando

Somos todos muito bons moços mas o certo é que, a maioria das vezes, não passamos de uns impulsivos. Se temos um rasgo de génio logo explodimos em entusiasmo, mas somos incapazes de continuidade. A perseverança não é virtude da qual possamos vangloriar-nos. Vai daí, quantas boas intenções ficam pelo caminho? Vem isto a propósito da ideia de se construir em Lisboa um Palácio dos Espectáculos, expressa há dias pelo dr. Manuel Teles, durante a homenagem que lhe prestaram os seus companheiros de lides profissionais. Desta forma pretendia ele, muito meritóriadamente, projectar no futuro o movimento de solidariedade que conjugou esforços no sentido de reunir à sua volta quase três centenas de amigos. Da vulgar homenagem (ele há para aí tantas e tão variadas) sairia algo de mais positivo. A ideia surgiu — «Lux facta est». Mas as pessoas e as entidades a quem, eventualmente, competiria gerar energia para manter a lâmpada acesa, essas, muita carrasco, que isto de trabalhos é bom para os outros. Querem apostar que vamos ficar apenas pelas boas intenções? E dessas, como se sabe, está o Inferno cheio.

V. D.

Melia

A AGÊNCIA DE VIAGENS QUE TRABALHA PARA SI, SUGERE:

FÉRIAS DA PASCOA

MAIORCA — Partidas em Março:
dia 23 (estadia de uma semana)
dia 25 (estadia de 5 dias)
dia 26 (estadia de 4 dias)

IBIZA — Partida em 25 de Março (5 dias de estadia)

CANÁRIAS — Partidas em Março:
dia 23 (estadia de uma semana)
dia 25 (estadia de 5 dias)

VIAGEM EM AVIÃO

Preços desde 1325\$00 (tudo incluído)

Também neste período:

BENIDORM - SEVILHA - MARROCOS - TORREMOLINOS - ANDORRA - CASTILHA - PARIS

VIAGENS EM AUTOCARRO

Preços desde 1100\$00

RÚSSIA

Excursão em autocarro — Duração: 23 dias
Partidas: Junho — dias 1 e 29; Julho — dias 6, 13 e 20; Agosto — dias 3, 10, 17 e 31; Setembro — dia 7

Preço — 15 600\$00 (tudo incluído)

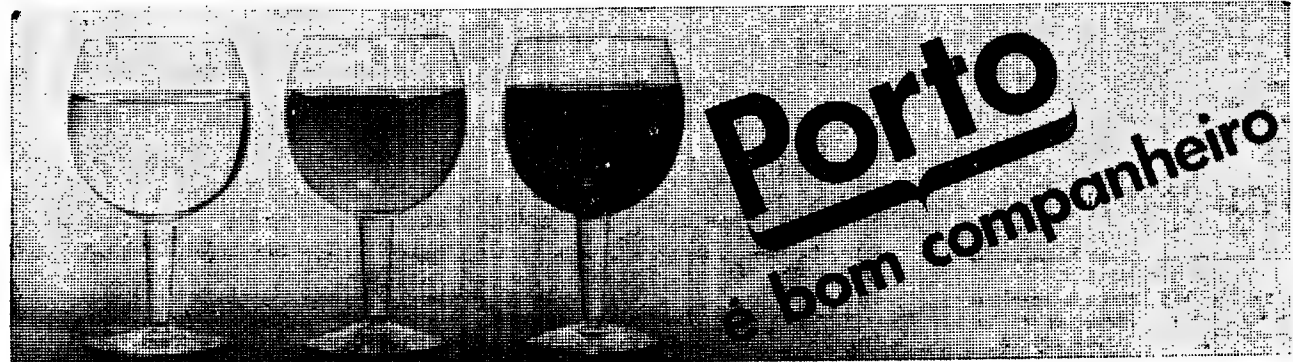
CRUZEIROS

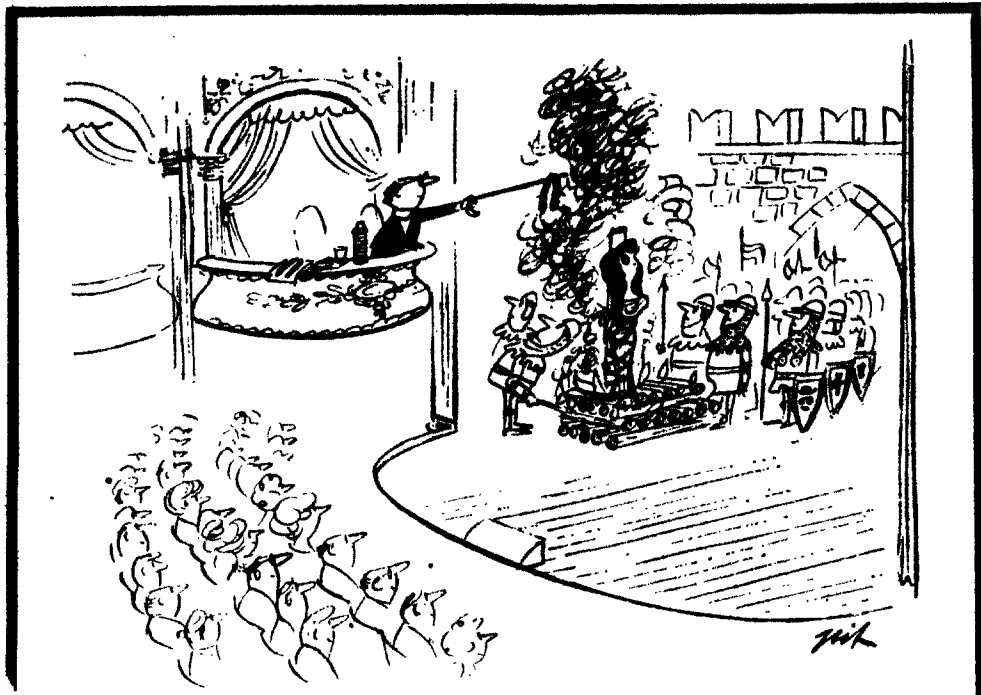
MAR NEGRO - MEDITERRÂNEO - RÚSSIA - BALTICO PAÍSES NÓRDICOS

A bordo dos modernos transatlânticos «Cabo de S. Roque», «S. Vicente» e «Monte Umbe»

Preços desde 5 850\$00

INFORME-SE DO NOSSO PLANO DE CRÉDITO
Rua Rosa Araújo, 2 (esquina da Av. da Liberdade)
Telef. 63 69 71 - LISBOA





Mesmo na hora da ceia



— Não o conheço. E tu? —

COLÓQUIOS SOBRE «MANAGEMENT»

Continua a decorrer, no auditório da Feira Internacional de Lisboa, o ciclo de colóquios sobre o «Management» e a Empresa, comemorativo do 10.º aniversário do Centro de Estudos e Organização de Escritórios do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório de Lisboa.

A sessão inaugural presidiu o subsecretário de Estado do Trabalho e Pre-

vidência, director do Instituto Nacional de Investigações Industriais, director-geral da Feira Internacional de Lisboa e o presidente da direcção do Sindicato, Rogério Mendes Romão Vieira.

Foi debatido o tema «O Management, seu conceito e sua posição na vida da Empresa», conduzido pelo dr. António Magalhães, director do Centro de Estudos.

Os Serviços Fiscais de Coimbra têm instalações dispersas

Do nosso leitor sr. Francisco Cunha Santos, de Coimbra, recebemos a seguinte carta:

«Li no «Diário de Lisboa» e na secção «Dizem os leitores», a carta de um deles, lamentando a dispersão de instalações dos serviços da Caixa de Previdência de Beja.

El logo me lembrei do que, desde há muito, se verifica nesta cidade relativamente aos serviços fiscais: as informações num prédio que aguarda demolição; a 1.ª repartição de finanças e a tesouraria da Fazenda Pública, em frente, no edifício da Câmara Municipal; mais longe, numa ingreme e escura rua, a 2.ª repartição, e ain-

da nesta mesma rua a respectiva tesouraria; os serviços de prevenção e fiscalização, juntamente com o tribunal da 1.ª instância, mais longe ainda, a obrigar, quando haja pagamentos que a estes serviços digam respeito, a uma deslocação àquela Tesouraria da Fazenda Pública e consequente recurso a meios de transporte; as restantes secções da Direcção de Finanças ainda numa outra construção, afastada também das repartições; a secção do visto no edifício do Banco de Portugal; a brigada móvel em local desconhecido do público. Tudo, exceptuando a 1.ª repartição, instalado em imóveis destinados

a habitação, sem quaisquer obras de adaptação.

Por este rol pode imaginar-se o duro calvário do contribuinte que queira cumprir as suas obrigações fiscais: obtenção de guias num local, informações noutro, pagamentos num terceiro, para regressar ao ponto de partida. Subidas e descidas de ruas, utilização de transportes colectivos. Tempo perdido muito para além do necessário e indispensável, sem contar as afeições sofridas.

Quando se terão em conta, pelo menos, os direitos dos contribuintes, mesmo aqueles que não vêm expressamente consignados nas leis, já que a Administração parece apostar em desconhecer uma ruilosa sobrecarga de rendas e dispersão de actividades, para além da incomodidade das instalações?

Ficamos aguardando que tanto as autoridades locais como as centrais se disponham a obter um imóvel único que a complexa máquina fiscal exige para instalação de todos os seus serviços nesta cidade e satisfação dos interesses dos contribuintes, a par de um melhor rendimento profissional dos seus servidores.

E oxalá que a publicação desta carta nesse conceituado vespertino possa contribuir para esse objectivo.

BOLSAS DE ESTUDO OFERECIDAS PELA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO

Estão abertas as inscrições para as bolsas de estudo que a Reitoria da Universidade de São Paulo oferece, para o ano de 1971, a pós-graduados brasileiros e estrangeiros, interessados em realizar pesquisas de natureza cultural ou científica em qualquer das Unidades Universitárias que integram a Universidade de São Paulo. Cada bolsa tem o valor mensal de N\$ 650,00 (seiscentos e cinquenta cruzeiros novos) e a duração de um ano, a partir de Janeiro, devendo correr por conta dos contemplados as despesas de viagem e de hospedagem.

Os interessados deverão solicitar à Divisão de Difusão

Cultural da Reitoria da Universidade de São Paulo (Cidade Universitária «Armando de Salles Oliveira», Caixa Postal 8191 — São Paulo, SP, Brasil) um formulário de inscrição que deverá ser devolvido até 31 de Agosto do ano corrente, devidamente preenchido.

As bolsas são concedidas somente aos portadores de diploma universitário, com um plano definido e pormenorizado de trabalho e pesquisa, de preferência, aos que se estejam preparando para o magistério superior. Não se destinam a cursos de pós-graduação.



JORNALISTAS DE TURISMO EM LISBOA

Chegaram esta tarde a Lisboa os directores dos jornais de turismo «Editura», de Madrid, «Travel Trade Gazette», de Londres, «Repertoire des Voyages» e «Gazette Officielle du Tourisme», de Paris, «Welt am Sonntag», de Hamburgo e «Reise Varlden», de Estocolmo, que vêm ao nosso País para assistir às comemorações do segundo aniversário do jornal português para profissionais de turismo «Publicturis».

Os jornalistas participam hoje numa recepção em sua honra na «Varanda do Chanceler», à qual estarão presentes os srs. secretário de Estado da Informação e Turismo, directores-gerais do Turismo e da Aeronáutica Civil e mais de cem personalidades ligadas ao turismo.

Amanhã serão recebidos pelo dr. César Moreira Baptista, no Palácio Pz, e pelo eng.º Vaz Pinto, na sede da TAP e seguem, à tarde, para o Algarve, onde se realiza um colóquio promovido pelo jornal português sobre «Imprensa de Turismo na Europa».

Os jornalistas regressam aos seus países no domingo.

Apresentação dos novos uniformes das assistentes da TAP

No sábado, pelas 17 e 30, efectua-se, no Hotel Avenida Palace, um «cocktail» promovido pelos Transportes Aéreos Portugueses e pelo Secretariado Internacional da Lã para apresentação dos novos uniformes das assistentes da TAP e, também, de uma passagem de modelos do conhecido costureiro parisiense Louis Férard.

ENCANTO E SIMPATIA ABREM AS PORTAS DA FAMA

Porto, Póvoa de Varzim e Amadora com credenciadas candidatas ao título de «Maja de Portugal»

Prossegue, com a demora exigida pelo exame de mais de 300 candidatas, a apreciação das inscrições recebidas no «Diário de Lisboa» remetidas pelas jovens aspirantes ao título de «Maja de Portugal-1970». O numero de inscrições ilustra o êxito da iniciativa do nosso jornal da entidade organiza-

dora — a Associação Goya Internacional e da patrocinadora — a Ibéria (Líneas Aéreas de España). Ultrapassada toda a expectativa, registou-se um volume de inscrições que não deve ter paralelo em certames desta índole, em que se exige, para além de excelente presença física, um certo nível cultural.

trapassaram a primeira barreira e se candidataram a um título aberto a todas as portuguesas, solteiras, que tenham já completado 18 anos de idade e possuam simpatia e fotogenia, cultura e presença. Até ao próximo domingo um júri prévio analisará todas as candidatas, de molde a que nos primeiros dias da próxima semana seja conhecida a lista das finalistas.



Lina Maria Castro Sousa

Nas nossas edições de hoje apresentamos mais três candidatas que o júri já seleccionou para nova eliminatória: trata-se das jovens Maria Almira Braga Barroso, Maria Odette Correia Antunes e Lina Maria Castro Sousa.

Maria Almira Braga Barroso tem 19 anos e reside, actualmente, na Póvoa de Varzim (na Rua da Alegria). Mede 1 e 69 de altura, tem 92 cm de busto, 64 de cintura e 92 de anca. Terminou o quinto ano do ensino técnico e prepara-se agora para o exame de admissão ao Instituto. Diz-nos:

— Considero-me uma rapariga bastante moderna. E, como tal, gosto de tudo o que é belo. Daí que sinto grande admiração pela

obra de Francisco Goya. O identificada com a juventude actual, Maria Odette Antunes reúne fotogenia e pintor homenageado neste concurso.

Modelo profissional, Maria Odette Correia Antunes (de 26 anos de idade) reside na Amadora, na Praça D. João I. Plenamente encanto suficientes para se considerar uma candidata muito credenciada ao título de «Maja de Portugal-1970». Aliás, exactamente o mesmo se pode dizer de Lina Maria Castro Alves Sousa (23 anos), empregada de escritório, moradora no Porto (R. Alvaro Castelões). Pesa 52 quilos, tem 1 e 6 de altura, 90 cm de busto, 63 de cintura e 90 de anca.

Mais três jovens que ul-



Maria Almira Braga Barroso



Maria Odette Correia Antunes

Festival em Almeirim com touros à portuguesa

ALMEIRIM. 5 — Realiza-se no próximo domingo, pelas 16 horas, nesta vila, um

festival taurino à portuguesa cuja receita reverte a favor da comissão concelhia do Movimento Nacional Feminino nesta vila.

Colaboram os cavaleiros José Maldonado Cortes, Vítor Ribeiro, José L. Sommer Andrade e D. José João Zoilo; os Forcados Amadores do Ribatejo capitaneados por Júlio Parente de Almeida e os bandarilheiros Augusto Gomes, Manuel Joaquim dos Santos, António Sacramento e Alberto Bartissol.

Os bilhetes estão à venda nos Restauradores e nas bilheteiras da Praça de Touros de Almeirim.

Serão lidados 6 touros gentilmente cedidos pelos ganadeiros dr. José Manuel de Andrade, Manuel Coimbra, Herdade de Santo Estêvão e Herdeiros de António Silva.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ACADÉMICA-MANCHESTER (0-0)

«NULO» COMPREENSÍVEL POIS HOUE EQUILÍBRIO

Apesar de tudo, continua a existir em Coimbra a única esperança de continuação portuguesa nas provas europeias de futebol. A Académica é a única sobrevivente das equipas nacionais que nelas estiveram envolvidas. E mesmo com o resultado de 0-0, verificado ontem à noite, no seu campo, contra o Manchester City, jogo que contava para os quartos-de-final da Taça dos Vencedores das Taças, os estudantes mantêm intactas (ainda que mais dificultadas) as suas esperanças e a esperança de todos os desportistas portugueses.

Depois de um dia de sol primaveril, que os ingleses não se cansaram de elogiar (e que por certo vão fazer boa propaganda), a noite arrefeceu bastante, mas só a noite, porque o entusiasmo dos adeptos escolares, e de todos aqueles que gostam de futebol, esse aquecia com o aproximar da hora do começo do desafio. E quando às 21 e 45, o árbitro, Robert Schaut, apitou para dar início à partida e apesar de não se registar a enchente que se previa, logo se começaram a ouvir os incitamentos à Académica, pois, apesar de tudo, era uma noite europeia, era a festa do futebol.

Contrariando as afirmações do seu treinador, Allyson, que nos declarara, antes do jogo, que a sua equipa actuaria abertamente ao ataque, cedo se verificou que tal não acontecia, pois a distribuição das pedras, no relvado, era nitidamente de 4x3x3, incorporando-se, naturalmente, no ataque e na defesa, os homens que jogavam a meio do terreno. A Académica perfilhou o mesmo sistema, mas actuando de Serafim um pouco recuado.

Depois dum início, em que as duas turmas procuraram assentar jogo, os ingleses, com o seu tipo de futebol simples, sem objectivo, co-

meçaram a criar imenso trabalho à defesa escolar, que actuava com muita segurança e ia pondo termo às tentativas do adversário.

Decorrido o primeiro quarto de hora, os portugueses equilibraram a partida sobretudo por influência do bom jogo de Rocha, que aparecia em todo o lado a tentar empurrar a equipa para a frente.

Assim, a Académica, imprimiu maior velocidade ao jogo, fazendo correr a bola e procurando furtar-se ao choque, numa tentativa de por este processo, impor a sua superioridade técnica individual. Entretanto, a ansiedade do golo, que começava a tardar, levou a equipa para um tipo de futebol, que não está dentro das suas características e que facilitava grandemente a tarefa da defesa adversária; eram os lançamentos por alto, para a grande área. Ora, aí quem mandava eram os ingleses.

Não nos recorda, uma só vez, em que os estudantes,

naquela zona, tivessem ganhado um lance de cabeça. Verificava-se, assim, que os defesas chegavam para os ataques, obrigando, por isso, os guarda-redes a estarem praticamente inactivos.

Com o começo do segundo tempo, em virtude do esforço despendido pelos jogadores, pensou-se que a pujança física dos ingleses criasse aos estudantes problemas cuja solução se anteviam difíceis. Isto quer dizer que o sistema do Manchester poderia acabar por se impôr e ditar o resultado da partida. Mas tal não aconteceu, pois todos suportaram muito bem o ritmo da partida, especialmente Rocha, que foi impressionante a forma como lutou e, sobretudo, como jogou, procurando e conseguindo que a sua turma, durante largo tempo, tivesse o domínio do jogo, pecando no capítulo do remate.

Aos 18 m, o árbitro deixou passar em claro um «penalty» nítido, quando Artur, já dentro da grande área, agarrou Young, quando este se ia a escapar.

Com o aproximar do fim da partida, os ingleses passaram a acautelar mais a defesa e criaram assim mais dificuldades aos avançados contrários, que não conseguiam penetrar na grande área adversária, nem criar qualquer espaço vazio para rematar com possibilidades de êxito.

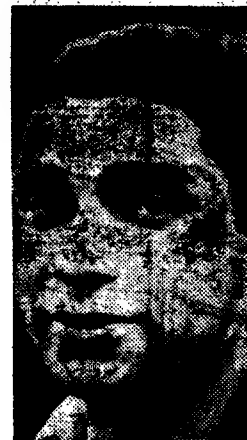
Assim, o final foi assinalado com o «nulo» a zero bolas, resultado que serve muito melhor à equipa inglesa, que jogará o segundo jogo no seu ambiente.

As equipas:

ACADÉMICA — Cardoso; Artur, Alinho, Rui Rodrigues e Marques; Mário Campos, Rocha e Vitor Campos, (Gervásio); António Jorge Nêne e Serafim.

MANCHESTER — Corrigan; Booth (Hercolop), Doyle, Booc, Mann; Oakes, Bell e Pardoe; Sunnerbec, Lee e Young.

MANUEL UMBELINO



RUI RODRIGUES

A JORNADA DE ONTEM NAS PROVAS EUROPEIAS

Nas restantes encontros ontem realizados a contar para as competições do futebol europeu, registaram-se os seguintes resultados:

Taça dos Campeões Europeus:

Glasgow-Florentina... 3-0
Standard de Liege-Leeds 0-1
Galatasaray-Legia ... 1-1

Taça das Taças:

Dynamo Zagreb-Schalke 04..... 1-3

Taça das Feiras:

Hertha de Berlim-Inter 1-0

Voleibol

CONCLUIU-SE A PRIMEIRA VOLTA DO CAMPEONATO DE LISBOA

Para conclusão da primeira volta do Campeonato Regional de Voleibol, na categoria de seniores, defrontaram-se no Estádio Universitário, o C. D. U. L. e o Externato de Moscavide.

A vitória pertenceu aos «universitários» por 3-1 (10/15; 15/7; 15/11; 15/6) e as equipas alinham:

C. D. U. L. — José Brochado, Barão Pinto, Rui André, Nuno Pinto, Monreia, Pedro Romiz, Alena Reis e Carlos Pereira.

MOSCAVIDE — João Ruivinho, Fernando Riga, Carlos Félix, Vítor Gomes, José Fernando, Helder Silva e António José.

Triunfo certo e justo da equipa mais homogênea, embora os vencidos tivessem oferecido boa réplica e até superado os vencedores na primeira partida.

Para o campeonato de juniores, o Externato de Moscavide venceu, facilmente, a equipa do Costa do Sol por 3-2 (12/15; 15/12; 7/15; 15/11; 15/9).

O SELECCIONADOR-TREINADOR DA EQUIPA PORTUGUESA



VAZ

Fernando Vaz, José Maria Pedroto ou Mário Wilson: um deles deverá ser o seleccionador-treinador da equipa nacional de futebol. O assunto encontra-se



PEDROTO

em estudo, e, na reunião federativa marcada para o próximo dia 13, a dúvida ficará esclarecida. Entretanto, fala-se que para a turma de «Promessas» também será nomeado um seleccionador-trei-



WILSON

nador. De qualquer maneira, a medida pode resultar proveitosa: re- corde-se que a Inglaterra (por Alf Ramsey) e a Espanha (por Ladislau Kubala) já adoptaram o figurino do seleccionador-treinador.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da II Divisão: Boa Hora-Madre de Deus, às 21; e Vencedores de Jornaiz-Encarnação, às 22 e 15, no Pavilhão da Ajuda.

— Campeonato de Setúbal: Clube Naval-Palmelense, às 21 e 15 (juvenis); e Clube Naval-Palmelense, às 22 e 15 (juniores), no pavilhão da Naval.

CICLISMO — Tour d'Inche et Loire (três etapas), em França, com a participação de Joaquim Agostinho.

FUTEBOL — Espanha-Portugal, em juniores, em Cádiz, às 20 e 30.

«DIA DO ATLÉTICO»

Considerando o encontro de domingo frente ao Portimonense como «Dia do Clube», o Atlético tem à venda, na sede e secretaria, bilhetes especiais destinados aos sócios.

MOTORISMO — Partida dos concorrentes para a Volta a Portugal, no Parque Eduardo VII, às 22.

AS MEIAS FINAIS DO MUNDIAL DE ANDEBOL

Disputam-se amanhã as meias finais do 7.º Campeonato Mundial de Andebol de Sete, com os jogos seguintes:

Em Lyon: Roménia-Dinamarca.

Em Bordéus: Alemanha Ocidental-Jugoslávia.

Ocidental-Jugoslávia.

Nos encontros a contar para os lugares de 9 a 12, os resultados foram os seguintes:

Rússia-Islandia, 19-15. Japão-França, 22-13. Rússia-França, 25-14 e Japão-Islandia, 20-19.



CAMPEONATO HOTELEIRO

Os hotéis resolveram, em boa hora, organizar o seu campeonato.



lo, que está a decorrer com a maior animação.

Recomendamos, sinceramente, a ida aos campos onde se servem os encontros desta competição.

É que, por vezes, sai cada pra-

COMPOSITOR PARA PELÉ

Pelé está em todas. Como se lhe não bastasse enriquecer a dar pontapés na borracha, tem, presentemente, um compositor espanhol a trabalhar para ele.

Quem duvida que as canções do «Rei» serão vendidas aos milhares (ou milhões)?

«Notas» são com ele!

PROTESTOS E RECURSOS

Os protestos e os recursos estão na moda. Os clubes ora protestam ora recorrem.

As pessoas que acompanham apaixonadamente estes assuntos chegam, no entanto, mais longe. Simultaneamente, protestam com todos os seus recursos...

ITALIA MIA

Os Italianos não negam a sua propensão para a música. Assim



acabam de organizar uma «claque» para funcionar no México, durante os jogos do «Mundial».

Não admirará, portanto, que, nos estádios, os «operários» transepinos cantem, a plenos pulmões, a «Itália mia».

Mas para os seus incitamentos serem bem sucedidos, será necessário que a «squadra azzurra» não interprete a «Tosca».

TOTOFRANCES

A França resolveu ter também o seu Totobola. Até agora, os gaulenses achavam as apostas desportivas como uma coisa com o seu quê de imoral, mas chegaram, por fim, à conclusão de que estavam a exagerar.

As meninas do «Folies», por

exemplo, não faltarão com o seu boletim. Elas não acreditam nes-



sa baleia de que a sorte ao amor é inimiga da sorte ao jogo.

Vão ver que não faltarão «mi-Rondrias» em Paris...

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

HOJE (21.30 H.) EM CÁDIZ CONTRA A ESPANHA

OS JUNIORES PORTUGUESES VÃO LUTAR PELO APURAMENTO PARA A ESCÓCIA

CÁDIZ, 5 (Especial para o «Diário de Lisboa») — Para o jogo Espanha-Portugal (Juniões) que hoje às 21 e 15 horas se realiza no Estádio Ramon de Carranza, em Cádiz está tudo a postos. Inclusivamente foi já dada pelos responsáveis a constituição de ambas as equipas. Por Portugal deverão alinhar: Matos (F. C. Porto); Fernando (Benfica), Laranjeira (Sporting), Vítor Pereira (CUF) e Oliveira (F. C. Porto); Fraguito (V. Real) e Duarte (F. C. Porto); Ratinho (F. C. Porto), Castro (F. C. Porto), Nando (Sporting) e Coelho Faria (Portimonense). Figuram como suplentes Pinhal (Sporting), Cardoso (Sacavenense), Leite (V. Se-

túbal), Vítor Alves (Atlético) e Correia Dias (F. C. Porto).

A Espanha deverá apresentar a seguinte formação: Campa (Avilés); Carrasco (S. Fernando), Gomez (Espanhol), Espinal (Tarrasa) e Zuluaga (Guecho); Ortega (R. Madrid) e Planas (Girona); Gomez Gonzales (Atl. Madrid), Alvaro (Torrelavega), Porteros (R. Madrid) e Avila (R. Madrid). Suplentes: Garcia (Europa), Ballesster (R. Madrid), Arteche (Guecho), Jual (Constância) e Gallardo (Atl. Madrid).

O árbitro é o italiano Fabio Monti, auxiliado pelos espanhóis Quintas e Navarrete.

Os espanhóis chegaram a

Cádiz na terça-feira, fazendo o percurso Madrid-Sevilha de avião e de Sevilha para Cádiz de autocarro instalando-se no Hotel Playa.

Os portugueses que pernoveram em Sevilha na terça-feira, fizeram toda a viagem de autocarro chegando a Cádiz cerca das 13 horas e ficaram hospedados no Hotel Atlántico, onde já esteve o Benfica.

O seleccionador nacional espanhol, José Santamaría, interrogado acerca desta eliminação, declarou:

— Creio que a nossa selec-

ção está bem. Se jogarmos contra Portugal como temos feito nos treinos, o triunfo não nos fugirá. A derrota de Lisboa justifica-se pela inexperience da nossa equipa ainda em formação e por termos jogado sobre um terreno pesado que prejudicou o nosso futebol.

Por seu turno o dr. David Sequerra, seleccionador português, mostra-se esperançado numa vitória que permita continuar a ter esperanças na qualificação para a Escócia.

Os espanhóis treinaram on-

tem de manhã e os nossos representantes fizeram também um ligeiro treino ao princípio da noite.

O interesse pelo encontro não parece grande, mas como o tempo está excelente (a temperatura ronda os quinze graus e não há vento) espera-se que o público não deixe de comparecer em número elevado.

O preço dos bilhetes oscila entre cinquenta e cem pesetas com um pormenor curioso: as senhoras e as crianças não pagam quando acompanhadas de cavalheiro.



Joaquim Agostinho em plena campanha internacional. No próximo dia 8 (domingo) o grande campeão português participará nos «preliminares» de Paris-Nice, uma «clássica» do ciclismo mundial que envolve grandes nomes actuais da velocipédia (Van Looy, Altig, Pingeon, Bracke, Janssen, Motta, Merckx e Poulidour).

«REGIONAL» DE ANDEBOL DE SETE

Belenenses (grande equipa!) campeão de Lisboa

Pavilhão da Luz. Não esgotou! Outra força terá afastado público. Um grande jogo a corresponder à expectativa. Uma finalíssima e como tal a ter que ser encarada. Venceu o Belenenses: 18-13, com 11-4, ao intervalo.

Começo fulgurante dos «azuis»: 5-0, com os «deões» a enviarem à madeira da baliza quatro remates e José Manuel (Bel.) a desperdiçar um castigo máximo. Depois 6-1, 7-2, 8-3, 9-4 e 11-4, superioridade belenense, com calma, sem pressas perante um adversário pouco afortunado e um tanto transviado, remates sem direcção, mais remates à trave para ambos os lados!

2.ª parte Entram Moisés e Feijó no Sporting, mas o Belenenses passa para 14-4! Vislumbra-se a goleada! Brito dá o grito de alarme e o Sporting recompõe-se e chega aos 8-15. Brito sai lesionado, o jogo endureceu, mais no reduto defensivo dos «verdes».

Os «deões» diminuíram a desvantagem, mas já sem hipóteses. O campeão estava conhecido, moralizado, seguro do seu valor e da justiça do seu triunfo. Cada equipa desperdiçou ainda um castigo máximo! Depois a euforia dos «azuis», cumprimentados desportivamente pelos seus adversários.

O Belenenses estreou finalmente o seu junior Mendes na categoria principal. Para quem já conhece várias vezes a internacionalização sénior, aquele jovem não fez mais que mostrar as suas excepcionais qualidades de jogador de eleição. Que dizer dos guarda-redes Diamantino e Carrasco, sem um erro, dando confiança aos seus

companheiros, todos em grande plano, desde Franco, José Manuel (só um golo!) toda aquela juventude amparada pela experiência dum Costeira, dum Casaca, que com eles, formaram um bloco duma só vontade. Uma grande equipa!

Paulo, outro jovem, foi excelente na baliza sportinguista. Substituiu Anaia, menos feliz. Mesquita regressou com autoridade e dureza. M. Marques longe da sua eficiência. Brito, classe áparté, mas apenas com rasgos e os restantes longe do seu melhor.

A Carlos Mendes e José Trindade, foi destinada missão difícil e injusta. Nada a dizer. Autoridade e excelente condução de jogo.

Antes, e surpreendentemente, o C. N. O. C. A. venceu o Técnico por 25-16, com 11-4, ao intervalo, a transparcer pouco interesse por parte dos «engenheiros» e com benefício apenas para o Passos Manuel, que assim se qualificou para o «Nacional» da II Divisão.

Como nota final a assinalar, o facto de o Sporting ter apresentado declaração de protesto, por motivos que não foram revelados.

No jogo principal alinharam e marcaram:

BELENENSES — Diamantino, depois Carrasco; Franco (7), Rocha (2), José Manuel (1), Costeira (2), Casaca (1), Magalhães, Mendes (3), Cascaes (1), Cruz e Pereira.

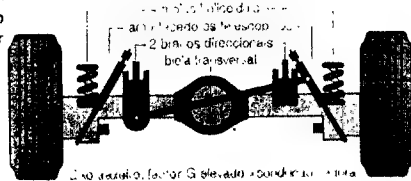
SPORTING — Anaia (Paulo); Mesquita, Alfredo, Marques (5), Ramiro (2), Brito (2), Castanheira (1), Vladimiro (1), Trigo, Moisés (2) e Adão.

ANTÓNIO FREITAS

O Factor-G

É sabido que, nas curvas, certos carros podem desenvolver muito maior velocidade do que outros. Isto acontece porque, ao conceber-se esses automóveis, atribui-se a devida importância ao Factor-G. O Factor G representa a relação entre a aceleração e a estabilidade do seu carro, quando este entra numa curva. Por outras palavras, condiciona a máxima velocidade possível que o condutor pode imprimir ao carro numa curva. O Opel Rekord

graças a uma seguríssima suspensão e ao desenho do seu chassis, tem um Factor-G de 0.65, enquanto a maioria dos condutores dirigem com um Factor-G de apenas 0.30. O Opel Rekord oferece-lhe, portanto, uma confortável reserva de segurança. Os proprietários do Rekord sentem essa vantagem todos os dias. Para eles este anúncio não traz novidade alguma. O seu concessionário Opel tem segurança de reserva para si. Procure-o.



Opel. É sempre mais carro.



Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Acontecimentos DE ONTEM

Disputou-se ontem à noite a terceira eliminatória da «Taça de Portugal» em ténis de mesa, na categoria de seniores, apurando-se os seguintes resultados:

Desp. Operário-Belenenses, 3-0; Sporting-Lisgás, 3-0; Centro Católico-Mercês, 3-0; Estrela da Amadora-Cimentos Tejo, 3-0; Benfica-Intendente, 3-0; Mirantense-Combatentes, 3-0.

«XXI VOLTA A PORTUGAL» EM AUTOMÓVEL

Três dias e três noites ao volante

Com 34 equipas inscritas, começa hoje à noite a disputar-se a «XXI Volta a Portugal», a mais antiga prova automobilística do calendário nacional.

Durante três dias e três

noites, ao longo de 2600 quilómetros, pelas mais difíceis estradas do país, os concorrentes efectuarão uma verdadeira maratona automobilística.

Nas estradas florestais das

regiões de Arganil, Lousã, Calveira e Gerez, situam-se os troços mais selectivos de uma prova que se antevê difícilíssima, não só pelo seu traçado como, especialmente, pelas condições de tempo que se

agravam a todo o momento. O concorrente n.º 1 partirá às 22 h., do Parque Eduardo VII, seguindo-se os restantes com intervalos de dois minutos. A primeira etapa termina amanhã cerca das 11

horas em Elvas. As 17 horas começa a 2.ª etapa que finaliza cerca das 5.45 horas da madrugada de sábado em Vila Real. Finalmente a última tirada principia às 17 horas e termina na Praça do Império às 11 horas de domingo.

Luís Neto, campeão nacional de Rally de 1969 considera esta «Volta» difícilíssima e susceptível de provocar numerosas desistências.

— A prova é duríssima e há francas possibilidades de não chegar nenhum ao fim. Basta que váre o tempo. Haverá diferenças enormes no caso de alguns concluírem a prova. A «Volta» está estruturada ao nível internacional. Heitor de Moraes e Américo Nunes são, quanto a mim, os mais favoritos.

Van Bergen, o concorrente sul-africano vencedor do «Prémio Sonap» de 1969 do «Rally» Internacional da Beira, regressou ontem a Lisboa após ter efectuado os últimos treinos. Revelou-nos que o seu carro — um Datsun 1600 SS — tem a preparação normal que utilizou no «East African Safari» e não se adapta muito bem a uma prova de montanha como é a «Volta». É especialmente desvantajosa a caixa de cinco velocidades que utiliza, em que a 5.ª velocidade é praticamente «Over-drive».

— A prova é duríssima — declarou-nos — exigindo muito dos pilotos e das máquinas. Mas é este tipo de provas que eu gosto. Espero fazer uma boa prova.

Van Bergen tem como «co-équipier» a esposa, uma desleixada automobilista que com ele tem partilhado de numerosas vitórias.

O mais experiente na «Volta» é provavelmente César Torres. Participa na importante prova, de que já foi vencedor, pela décima vez.

«A «Volta» segue a linha que tem orientado nos últimos dois ou três anos o automobilismo nacional, nas provas de mais projecção. A organização deste ano oferece garantias de experiência e bom senso que nos levam a pensar que, mau grado as dificuldades que já estão no traçado da «Volta» e se adivinham pelas más condições atmosféricas não vai conhecer descalabro idêntico ao que sucedeu em 1969. Penso que terá idênticas dificuldades do T. A. P. Hoje porque foi escolhido o sistema de «controle» que iniciámos o ano passado.

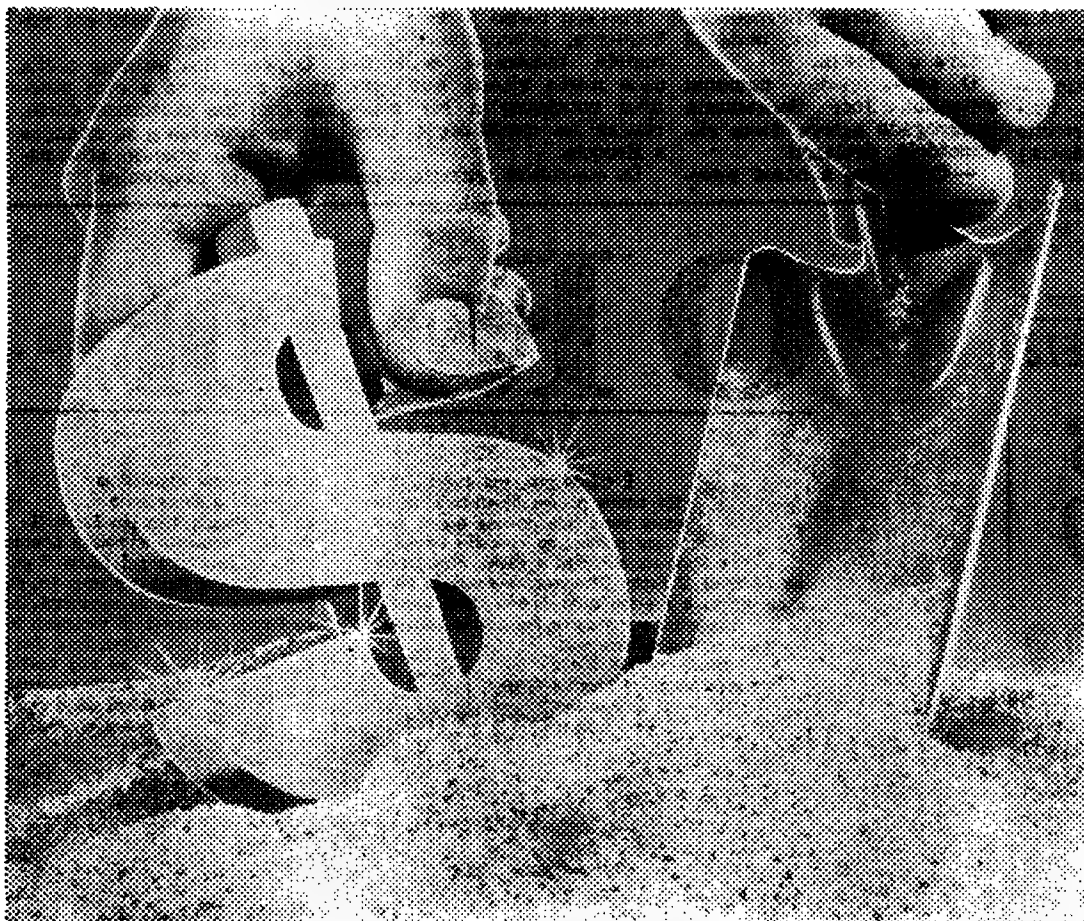
Analisando o lote dos concorrentes inscritos César Torres afirmou ainda:

— Do lote destes apenas cerca de uma dezena poderá acalentar esperanças de uma vitória. A não ser que surja uma espantosa revelação de factores bastante estranhos. Desconheço o valor de Van Bergen e o Belville ainda não o vi a não ser ao lado do campeão. Ao nível nacional penso que Américo Nunes, Heitor de Moraes... Apenas três concorrentes já ganharam a «Volta»: eu, Heitor e Américo. Penso que qualquer de nós pode ganhar embora reconheça que qualquer dos meus adversários está bem «montado». Mas a «Volta» tem tanta contingência...

No grupo 1 Jorge Nascimento, em BMW, considera a «Volta» com um traçado muito bem escolhido, mas cheia de dificuldades.

— A terceira etapa será talvez demasiado dura na medida em que a segunda é fortíssima e os concorrentes devem vir de lá penalizados.

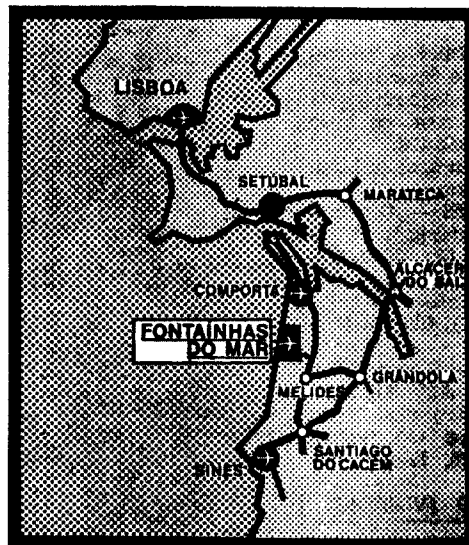
Fontainhas do Mar



**Plante o seu capital
nos nossos terrenos
confinantes com o mar.
Veja-o crescer e
multiplicar-se**

- Quintas entre praias e lagoas com área mínima de 5.000 m² por Esc. 70.000\$00
- Valorização mínima de 10 % ao fim do primeiro ano (com garantia bancária)
- Zona fértil, de clima ideal para construir a sua casa de férias e fins de semana
- Fontainhas do Mar tem electricidade, água, telefone e acessos
- Quilómetros de praia de areia branca e de águas aquecidas por um braço da quente Corrente do Golfo
- A 75 Km. de Lisboa (ligação por ferry-boats), a 35 Km. de Setúbal
- 15 minutos em táxi aéreo até ao aeroporto da Portela
- Entrada para Fontainhas ao Km. 25 da estrada nacional 261 da Comporta a Melides

CONTACTE-NOS PELOS TELEFS.: 76 98 02 - 56 13 16
VISITE-NOS NA NOSSA SEDE, AV. DA REPÚBLICA, 56-D-7.ª-E.
OU NA SUCURSAL, R. LATINO COELHO, 10-2.ª-E.



Partida dos barcos em Setúbal 9.30 — 14.30 h.
Deixe o seu carro em Setúbal
O nosso autocarro aguarda na outra margem do Rio.

GRANDE RALI DO BENFICA

os campeões

preferem



VENCEDORES NOS GRUPOS

TURISMO DE SÉRIE

Jorge Nascimento — "BMW-2002"

GRANDE TURISMO, DESP. E PROTÓTIPOS

Américo Nunes — "PORSCHE 911 S"

TURISMO ESPECIAL

Heitor de Moraes — "MORRIS COOPER S"

CIDLA Distribuidores Exclusivos dos Lubrificantes SACOR



PONTEVEDRA — FRANQUEIRA



**D. MARIA DE LAS ANGUSTIAS
DOVAL ALVAREZ**

Missa do 7.º Dia e Agradecimento

MANUEL DOVAL ALVAREZ e mais família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram testemunhar-lhes o seu pesar, especialmente aquelas a quem e não fizeram directamente, por ignorar as suas moradas, ao mesmo tempo que participam, que amanhã, dia 6, às 9 horas, na Igreja de S. Domingos, será rezada missa pelo seu eterno descanso agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

R. I. P.

AGENCIA SALGADO

«A MUNDIAL»

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital: Escudos 40 000 000\$00

Sede: Largo do Chiado, 8 — Lisboa

São convocados os Senhores Accionistas da Companhia de Seguros A MUNDIAL para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária no dia 30 de Março corrente, pelas 19 horas, na sua sede, Largo do Chiado n.º 8, em Lisboa, a fim de:

- 1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1969;
- 2.º — Proceder à eleição da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho de Administração, do Conselho Fiscal e da Comissão referida na alínea a) do Artigo 15.º dos Estatutos, para o triénio 1970/1972.

Lisboa, 3 de Março de 1970

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) Dr. Tito Castelo Branco Arantes

«A MUNDIAL»

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital: Escudos 40 000 000\$00

Sede: Largo do Chiado, 8 — Lisboa

São convocados os Senhores Accionistas da Companhia de Seguros A MUNDIAL para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária no dia 30 de Março corrente, pelas 18 horas e 15, na sua sede, Largo do Chiado n.º 8, em Lisboa, a fim de deliberar sobre a substituição total dos Estatutos.

Lisboa, 3 de Março de 1970

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) Dr. Tito Castelo Branco Arantes

EXCURSÕES

«Fallas de Valência» e
Semana Santa em Madrid, Sevilha, Lourdes e Andorra

Comunica-nos a C. P. que vai organizar, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, durante o mês de Março, excursões a «Fallas de Valência» e Semana Santa em Madrid, Sevilha, Lourdes e Andorra, com partidas de Lisboa (Santa Apolónia) utilizando os comboios Lisboa-Expresso «TER» e Lusitânia-Expresso, até Madrid, e excursões, em autocarro, de Madrid às outras citadas localidades.

Preços desde 1100\$, a 2600\$, consoante as localidades a visitar, dias de duração da excursão e a categoria do Hotel.

Para melhor elucidiação peça programas descritivos:

- Nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia);
- Na Empresa Geral de Transportes, R. do Arsenal, 124;
- Nas Agências de Viagens autorizadas;
- Nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro.

Onde se encontram à venda os respectivos bilhetes

Sociedade
de Empreendimentos
Turísticos
Central da Nazaré

(S. A. R. L.)

SEDE EM NAZARÉ

ASSEMBLEIA GERAL
ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade para reunir no dia 21 de Março de 1970, pelas 15 horas, na sede social, a fim de:

- 1.º — Deliberar sobre o relatório, o balanço e as contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, referentes ao exercício do ano de 1969.
- 2.º — Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1970-1972.
- 3.º — Deliberar sobre quaisquer outros assuntos de interesse para a Sociedade.

Nazaré, 2 de Março de 1970.

O Presidente
da Assembleia Geral
Serafim Augusto Bravo
Quadrado



**Dr. Amílcar Santos
de Araújo Branco**

Missa do 2.º Aniversário

Sua mulher e filhos participam que amanhã, dia 6, às 12,30 horas, na Igreja paroquial do Lumiar, será rezada missa pelo seu eterno descanso.

FESTAS DA PASCOA

Horário dos comboios

Comunica-nos a C. P. que por motivo das Festas da Páscoa efectuar-se-ão os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem necessários.

Além destes comboios de desdobramento, realizar-se-á, também, nos dias 25, 26, 27 e 28 do corrente, um comboio especial, com partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 23-55; paragem em Entrancamento e Coimbra-B, com ligação na Pampilhosa às 4-45 para a linha da Beira Alta.

O pormenor destes horários consta do aviso afixado nas estações.

DINHEIRO

SOBRE
AUTOMÓVEIS E
PROPRIEDADES

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44602 - 536569

ITÁLIA

A C. P. oferece condições vantajosas para o transporte de mercadorias de e para Itália ao abrigo de uma tarifa especial recentemente posta em vigor entre aquele país e Portugal.

Os nossos clientes poderão obter informações sobre esta tarifa dirigindo-se ao Serviço de Promoção do Tráfego da C. P. — Estação de Santa Apolónia.

Fundação Calouste

Em observância de uma norma que regularmente vem sendo praticada desde o início da Fundação, publica-se em seguida um resumo das suas principais actividades durante o ano de 1969.

A) — PORTUGAL

1 — ARTE

a) SUBSIDIOS

1. — Para aquisição de obras de arte, exposições, inventários e edições de arte e outras formas de patrocínio a artistas contemporâneos e a instituições prosseguindo actividades artísticas, incluindo os sectores de teatro e cinema, e ainda para viagens de estudo ao estrangeiro, foram concedidos subsídios no valor de 4 522 150\$50.

2. — Para restauro de monumentos e de espécies destinadas a museus, subsídios totalizando 358 805\$50.

3. — Para manutenção de centros de educação artística infantil e aquisição de equipamento destinado aos mesmos centros, subsídios no valor de 216 200\$00.

4. — Para assegurar o prosseguimento de trabalhos arqueológicos, subsídios totalizando 213 000\$00.

5. — Pelo Serviço de Belas-Artes foram concedidas 65 bolsas para prosseguimento de estudos no País e 46 para aperfeiçoamento artístico, das quais 30 no estrangeiro e 16 no País, com o encargo de 3 508 128\$20.

6. — A diversos estabelecimentos de ensino de música, sociedades promotoras de concertos, bandas de música cívicas e grupos corais de amadores, para aquisição de instrumentos e de material didáctico, incremento de actividades artísticas e, ainda, a outras instituições, para fins de educação, cultura e difusão musical, subsídios totalizando 1 936 087\$70.

7. — A título de contribui-

ção para o desenvolvimento da ópera em Portugal, subsídios no valor de 213 000\$00.

8. — Para restauro do órgão da capela da Universidade de Coimbra, um subsídio de 980 000\$00.

9. — Para a encomenda de obras originais a compositores portugueses e estrangeiros, dotações totalizando 401 322\$00.

10. — Pelo Serviço de Música foram concedidas 86 bolsas de estudo, sendo 51 para prosseguimento de estudos no País e 35 para aperfeiçoamento artístico no País e no estrangeiro, com o encargo total de 1 665 236\$10.

b) INICIATIVAS PRÓPRIAS

1. — A Fundação organizou as seguintes exposições: — em Paris, no seu Centro Cultural Português, «Le Portugal dans l'œuvre de Francis Smith»; de pintura e escultura de artistas anónimos, em colaboração com a «Association d'Art Thomas Roslin»; de pintura do artista Vasco Costa; «Voltaire et la Culture portugaise»; «A Gravura portuguesa contemporânea», com a colaboração da Sociedade Cooperativa do Gravador Português, de Lisboa; em Lisboa, na sua galeria provisória, «Aquisições da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris», que incluiu obras de Columbano, Sousa Lopes, Francisco Smith, Souza Cardoso e Vieira da Silva. Organizou, ainda, em colaboração com a Secretaria de Estado da Informação e Turismo, a representação portuguesa à X Bienal de São Paulo.

2. — Ainda pelo Serviço de Belas-Artes, foram promovidos um Curso e um Seminário dedicados ao Teatro, a

cargo do encenador argentino Adolfo Guitkin, e diversas conferências por especialistas estrangeiros.

3. — No decurso de 1969, prosseguiram os trabalhos de inventário artístico do país, continuou a publicar-se regularmente o «Colóquio», revista de artes e letras da Fundação, e prosseguiram os trabalhos relativos à preparação dos volumes do «Corpus de Azulejaria Portuguesa», tendo ficado concluída a impressão do volume terceiro.

4. — Foram editados os oito primeiros volumes da colectânea «Documentos para a História da Arte em Portugal», além do volume-espécime de apresentação, tendo prosseguido os trabalhos de recolha e selecção, em bibliotecas e arquivos, dos documentos destinados a futuros volumes.

5. — Prosseguiram, em ordem a ser ultimados, os estudos do programa de trabalhos para a Carta Arqueológica de Portugal, a realizar em colaboração com o Ministério da Educação Nacional.

6. — O Serviço de Museus participou em exposições nacionais e internacionais — Lisboa e Amsterdão — com a apresentação de algumas das obras de arte da Coleção Calouste Gulbenkian; com a colaboração de entidades nacionais e estrangeiras e de centros de restauro, prosseguiram os trabalhos de tratamento de algumas espécies de pintura, escultura, tapeçarias, cerâmica, azulejos, livros e outras peças das suas colecções. O especialista consultor da secção de numismática deslocou-se a Londres, a fim de recolher elementos destinados à elaboração do catálogo de numismática da Coleção. Foram editados, o álbum «Objets d'Art Français» de peças existentes na Coleção Gulbenkian, os roteiros do Museu, cartazes, postais e slides. Com a colaboração do Serviço de Projectos e Obras, procedeu à montagem, nas novas instalações da Fundação, do Museu Calouste Gulbenkian, solenemente inaugurado em 2 de Outubro e aberto ao público a 15 do mesmo mês. Desde essa data e até ao final do ano, verificou-se uma afluência de 31 345 visitantes.

7. — O XIII Festival Gulbenkian de Música decorreu de 16 de Maio a 7 de Junho, em Lisboa e dezoito outras cidades do Continente e das Ilhas Adjacentes. O programa do Festival incluiu espectáculos de ópera e ballet, concertos sinfónicos, corais-sinfónicos e de música de câmara, recitais, conferências e exposições. Os temas principais do Festival foram Haendel, Berlioz e Messiaen. Deste último autor, foi dada em edição mundial a Oratória «A Transfiguração», encomenda da Fundação Gulbenkian em homenagem à memória do Fundador, no primeiro centenário do seu nascimento. Em comemoração do primeiro centenário do nascimento do compositor Francisco de Lacerda, incluíram-se obras de sua autoria em diversos concertos e organizou-se uma exposição documental e iconográfica.

8. — A Orquestra de Câmara Gulbenkian, além da sua actuação no XIII Festival, realizou a sua habitual série de concertos públicos de Janeiro a Março no Tivoli,

e de Outubro a Dezembro já no Grande Auditório da Fundação. Participou na Semana Americana em Lisboa e efectuou uma tournée às Ilhas Adjacentes, a Espanha e ao Norte do País, e apresentou-se na Rectoria da Universidade de Lisboa e na Escola do Magistério Primário de Portalegre.

9. — O Grupo Gulbenkian de Bailado realizou, em Lisboa, uma temporada de 20 espectáculos e efectuou uma tournée a Angola e Moçambique, e o Coro Gulbenkian realizou 15 espectáculos. Por falecimento da Directora titular e fundadora do Coro Gulbenkian, Senhora D. Olga Violante, foi o cargo de Director artístico do Coro confiado ao Maestro Michel Corboz. Estes dois agrupamentos tomaram parte importante no XIII Festival de Música.

10. — O Coro e a Orquestra Gulbenkian tiveram a seu cargo o concerto inaugural do Grande Auditório da Fundação, realizado em 3 de Outubro de 1969, no decurso do qual interpretaram em primeira audição moderna o «Te Deum» de Sousa Carvalho.

11. — Pelo Serviço de Música foram promovidos vários cursos, dos quais se destacam os seguintes: 1.º Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Educação Musical do Ensino Secundário, organizado em colaboração com o Ministério da Educação Nacional, o qual foi frequentado por mais de 300 professores de música de todos os pontos do país, e que decorreu nas instalações da Biblioteca Nacional de Lisboa; o 6.º Curso de História da Música Europeia; o 3.º de Introdução à Música Contemporânea; diversos Cursos de Aperfeiçoamento para Instrumentistas Profissionais e Professores de Música; e vários Cursos de Iniciação Musical Infantil, pelos métodos Orff e Willem, quer na Sede da Fundação quer, noutras instituições de Lisboa e da Província.

12. — Procedeu-se à gravação da «Pátria» de Almeida Mota, e de várias obras para orquestra de câmara, de autores portugueses do passado, que vão ser publicadas em 4 discos incluídos na série «Portugal e Música», sob a etiqueta Deutsche Grammophon Archiv Production.

13. — Foram publicadas a ópera «La Spinalba», de Francisco António de Almeida, O Livro de Obras de Orgão, «Penélope» (Abertura), de João de Sousa Carvalho, «Ouverture» e «Sinfonia», de Carlos Seixas, e «Nocturno», de António Fragoço. Prosseguiram os trabalhos de inventariação e catalogação dos fundos musicais das Bibliotecas Nacional e da Ajuda e dos Arquivos da Sé de Lisboa e da Sé de Évora.

14. — Dentro do plano de ressurgimento da cultura organística, a Fundação efectuou, na Sé de Lisboa, uma série de recitais de órgão.

15. — Foram apresentadas em Paris, no Théâtre des Nations, as óperas «La Spinalba», de Francisco António de Almeida, e «Alcina», de Haendel, na semana de 17 a 21 de Junho de 1969, com um elenco internacional de cantores, sob a direcção do Maestro Gianfranco Rivoli, e a colaboração da Orquestra do Coro e do Grupo de Bailado Gulbenkian.

II — CIÊNCIA

a) SUBSIDIOS

1. — A diversos centros de estudo do Instituto de Alta Cultura (Centro de Estudos Geográficos e Centro de Estudos Históricos, ambos na Faculdade de Letras de Lisboa, e Centro de Estudos de Bioquímica, na Faculdade de Farmácia do Porto) para encargos de manutenção, programas de investigação, publicações e equipamento, subsídios totalizando 3 344 833\$50.

2. — A diversos serviços universitários: Lisboa: Faculdade de Farmácia; Instituto de Botânica da Faculdade de Ciências e Instituto de Anatomia Patológica, Serviços de Obstetrícia, Pneumologia e Patologia Médica, todos da Faculdade de Medicina; Porto: Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina e Instituto de Botânica da Faculdade de Ciências; Coimbra: Laboratório de Química da Faculdade de Ciências, para equipamento, bolsas e material de consumo, subsídios no valor total de 1 884 191\$50.

3. — Ao Instituto de Neurologia do Hospital de Santo António, do Porto, para bolsas, bibliografia e material de consumo, um subsídio de 474 000\$00.

4. — Ao Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral, para bolsas a investigadores durante dois anos, um subsídio de 280 000\$00.

5. — Ao Laboratório de Citologia do Instituto Português de Oncologia, para bolsas e material, um subsídio de 608 400\$00.

6. — Ao Departamento de Fisiologia Vegetal da Estação Agronómica Nacional, para bolsas a um grupo de investigadores, a fim de realizarem um determinado programa, um subsídio de 72 000\$00.

7. — Ao «Grupo de Física de Transformações de Fases nos Minerais», no Laboratório de Técnicas Físico-Químicas Aplicadas à Mineralogia e Petrologia da Junta de Investigações do Ultramar, para bolsas, material de consumo e bibliografia, subsídios totalizando 613 500\$00.

8. — Ao «Grupo de Geocronologia Absoluta», na Faculdade de Ciências de Lisboa, para bolsas e material de consumo, um subsídio de 1 080 000\$00.

9. — Ao «Grupo de Bolsas de Investigação», no Gabinete de Investigações Sociais do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, para bolsas e materiais de consumo, um subsídio de 360 000\$00.

10. — A diversas sociedades científicas, serviços hospitalares e universitários e a investigadores independentes, para organização e frequência de cursos, alguns com a colaboração de cientistas estrangeiros, para participação em reuniões científicas, para actualização de bibliotecas, equipamento e edição de trabalhos realizados, além de outros fins de carácter científico, subsídios totalizando 1 572 079\$60.

11. — A diversos investigadores para assegurar a realização de programas de trabalho, no País e no estrangeiro, bem como para estágios nos Centros do Instituto Gulbenkian de Ciência, sub-

sidios e bolsas no valor total de 1 511 074\$60.

b) INICIATIVAS PRÓPRIAS

(Instituto Gulbenkian de Ciência)

1. — Centro de Estudos de Economia Agrária

O Centro publicou em 1969 os seguintes trabalhos: «O Crescimento Regional em Portugal, Análise da sua Distribuição», «Introdução ao Estudo dos Modelos Gravitação», «Sua Aplicação na Análise Regional», «Consumo Privado e Consumo Alimentar em Portugal», «Mobilidade Geográfica da População de Portugal (Continente e Ilhas Adjacentes)», «Migrações Internas 1921-1960». Ao mesmo tempo, concluiu e tem já no prelo: «Estudo Económico da Exploração Agrícola numa região da Beira Litoral» e «Princípios e Técnicas de Organização do Trabalho na Empresa Agrícola». Entretanto, encontra-se em vias de conclusão: «O Mercado Nacional das Frutas (1.ª parte)», «Estrutura e Mobilidade socioprofissionais da população activa com profissão, na Metrópole», «As soluções da "Agricultura de Grupo" no quadro da sua génese e das perspectivas do interesse da sua adopção», «Estudo dos factores condicionantes da dimensão e do grau de polivalência de unidades cooperativas», «Compliação da legislação de diversos países sobre cooperativismo agrícola», «O método do censo crítico e as suas aplicações na Economia Agrária», «Limites de rentabilidade da exploração agrícola numa região de Trás-os-Montes», «Estudo sobre a economia da exploração de bovinos numa região do Norte-Litoral», «Inquérito às explorações agrícolas do Baixo Alentejo», «Inquérito às condições de vida de famílias rurais do Baixo Alentejo», «Estudo da Influência do factor distância no fenómeno da atracção urbana», além de outros que se encontram em curso interessando várias regiões do País. De acordo com os seus programas de trabalho, o Centro prestou colaboração a várias entidades públicas, colaboração que se alargou ao nível internacional, participou em diversas reuniões internacionais, designadamente na que foi organizada pelo Instituto Agronómico Montpellier para a constituição de um «pool» internacional de documentação em economia e sociologia rural e na da Fundação Europeia de la Culture referentes ao «Plano Europa 2000». Diversos colaboradores do Centro visitaram organizações agrícolas italianas, a Feira Internacional de Agricultura e o Salão de Máquinas Agrícolas, em Paris. Por outro lado, estiveram no Centro 1 técnico brasileiro, 3 finalistas do Instituto Superior de Agronomia, 7 finalistas do curso de regente agrícola, 3 regentes agrícolas e um finalista da Escola Superior de Medicina Veterinária. Foi atribuído o Prémio Calouste Gulbenkian a um diplomado com o curso de agronomia classificado com 19 valores e foram prestadas outras formas de apoio à Sociedade de Ciências Agrícolas de Portugal e ao Centre International de Hautes Etudes

Importantes benefícios concedidos ao nosso País

(Continuação da 1.ª página)

da nacional. Essa acção construtiva, benemerita, concretizando em notáveis realizações a ideia altruística de Calouste Gulbenkian, traduz-se não apenas nos valores positivos aos quais correspondem volumosos subsídios pecuniários, quer dizer o patrocínio que se deve à Fundação, mas, também, nos auxílios, nos estímulos, nas iniciativas que propulsionam obras de largo alcance social e mas suas próprias efectuações de planos superlativamente organizados — e pode acentuar-se o extraordinário complexo das novas instalações —, tudo isso com um amplo, e alto significado no conjunto da obra inestimável que o magnato de Gulbenkian proporciona e cada vez mais avulta na extensão do mundo português.

Não é demais insistir, quando se referem estes clarificações e notáveis documentos de prestimosa instituição, no poderoso auxílio que nos é concedido, com as doações, a colaboração, as realizações das quais resultam os progressivos avanços na ciência e na técnica moderna. E ainda os activadores incitativos, a par do apetrechamento, no

que respeita, por exemplo, a investigação; os subsídios, as bolsas de estudo, além de outras não menos valiosas cooperações, igualmente nos mais diversos campos de actividade, com rasgado espírito de iniciativa e de modernidade — o que permite o conhecimento e o contacto com a vida moderna para além dos nossos acanhados limites. De encarecer, a par das preocupações humanitárias, da acção benemerita, o que essa obra representa, ainda, no panorama educativo e cultural e no vasto horizonte das artes — artes plásticas, música, teatro, bailados —, neste capítulo se devendo, também à Fundação Gulbenkian o mais justo e caloroso tributo de reconhecimento.

Completa elucidação nos dará, contudo, o minucioso descritivo do comunicado, que noutro lugar se publica, do conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian, cuja obra, sob a orientação superior do seu presidente, o dr. Azeredo Perdigão, ilustra jurisconsulto e figura de relevo na sociedade portuguesa, corresponde ao espírito e aos elevados propósitos do patrono, os quais constituem a norma inalterável da magnífica instituição.

Gulbenkian

Relatório das principais actividades em 1969

Agronómicas, Mediterrâneas.

2. — Centro de Cálculo Científico

A actividade do Centro de Cálculo Científico, durante o ano de 1969, desenvolveu-se segundo linhas de trabalho já definidas em anos anteriores. Na Secção de Estudos Matemáticos e Físico-Matemáticos do «Arquivo do Instituto Gulbenkian de Ciência» foram publicados dois fascículos: «La variation de pression au niveau de la mer en tant qu'advection pondérée» e «On some properties of the isobaric field». Nas séries «Estudos de Programação e Análise Numérica» e «Cursos e Seminários» foram editados os seguintes trabalhos: «Aspects of Interpolation and Approximation of Functions», «Expansion of determinants of polynomials on a small digital computer» e «Curso de Programação FORTRAN II». Ao trabalho sobre Aerodinâmica foi atribuído pela Sociedade de Geografia de Lisboa o Prémio Almada Gago Coutinho — 1968. Entretanto, prosseguiram os estudos no domínio da Análise Numérica e das linguagens de programação, dos métodos de observação e compensação das redes geodésicas, das funções de variável complexa não holomorfas, da programação dinâmica e da teoria dos grafos. Foi intensificado o apoio de cálculo automático a outros Centros e Serviços da Fundação, bem como a entidades externas. Como preparação para utilização do novo equipamento foi ministrado um curso de programação FORTRAN e ALGOL. Começou a ser construído em Oeiras o edifício destinado à instalação definitiva do Centro.

3. — Centro de Biologia

Os quatro departamentos de investigação básica do Centro de Biologia prosseguiram durante o ano de 1969 os seus projectos próprios, tendo sido durante este período publicados ou aceites para publicação em revistas nacionais e estrangeiras 17 trabalhos. Ao mesmo tempo, foram ainda feitos 8 comunicações em reuniões científicas. O número de bolsiros que trabalharam nos vários laboratórios subiu para 38, incluindo-se neste número 6 cientistas estrangeiros, 14 licenciados por Universidades portuguesas e 18 alunos de Universidades e Escolas Técnicas nacionais. O Biotério forneceu, em 1969, um total de 16 669 animais de experiência, sendo 11 124 utilizados pelos Laboratórios do Centro nos seus trabalhos e 5545 enviados a 10 Laboratórios de Investigação das Universidades e Institutos de Lisboa, Porto e Coimbra. A actividade formativa que os Laboratórios têm vindo a exercer acolhendo para a realização de estágios licenciados e alunos finalistas juntou-se no decorrer do ano e por iniciativa do Laboratório de Biologia Celular a realização dos «Seminários de Biologia para Jovens». Estes Seminários que se destinam a permitir a jovens estudantes contacto directo com algumas técnicas e métodos fundamentais e modernos da Biologia tiveram a frequência de 151 estudantes universitários. Durante o ano de 1969, sob a designação de «Estudos Avançados de Oeiras», foi

iniciado, nas instalações do Centro de Biologia, em Oeiras, um projecto de ensino pós-graduado. O programa realizado em 1969 consistiu em cinco cursos intensivos de 4-6 semanas cada, com lições teóricas diárias e trabalhos laboratoriais durante o dia inteiro. Os cursos, que foram regidos por especialistas de Universidades e Institutos nacionais e estrangeiros, versaram, respectivamente, os seguintes temas: Genética Molecular (Dr. L. Archer, da Universidade do Porto, e Prof. Dr. A. Sicaud, da Universidade de Toulouse); Fisiologia Celular (Prof. Dr. A. P. de Carvalho, da Universidade de Coimbra, e Prof. Dr. L. Packer, da Universidade da Califórnia); Enzimologia (Dr. K. Tipton e Dr. B. Middleton, da Universidade de Cambridge); Ultraestrutura Celular (Dr. J. F. David Ferreira, do Instituto Gulbenkian de Ciência, e Dr. B. Afzelius e Dr. A. Maunsbach, da Universidade de Estocolmo); e Diferenciação Celular (Dr. I. Gibson e Dr. M. Balis, da Universidade de East Anglia). Os «Estudos Avançados de Oeiras» destinaram-se a licenciados e finalistas de Portugal, Espanha e Brasil que já iniciaram ou pretendem iniciar uma carreira na Universidade ou num Instituto de Investigação, tendo participado em 1969 um total de 70 alunos inscritos, na sua maioria jovens cientistas com funções em Universidades ou Institutos em Lisboa, Porto, Coimbra, Sacavém, Oeiras, Luanda, Nova Lisboa, Lourenço Marques, Salamanca, Pamplona, Brasília, Curitiba e Porto Alegre.

4. — Centro de Economia e Finanças

O Centro de Economia e Finanças deu continuidade aos seus projectos de investigação nos domínios da Economia e das Finanças Públicas, alguns dos quais em colaboração com entidades estrangeiras. Entre estes, deve mencionar-se um projecto sobre custos de educação e desenvolvimento económico, em que têm participado os Profs. J. Valzey, da Universidade de Brunel, P. Lynch, da Universidade de Dublin, e dois bolsiros estrangeiros. Realizaram-se, durante o ano, várias reuniões de estudo com investigadores estrangeiros. Pelo que se refere a publicação, o Centro tem em curso de impressão as seguintes: «Aspectos regionais da demografia portuguesa» e «A elite industrial portuguesa». Este último trabalho foi elaborado para obtenção do grau de Ph. D. na Universidade de Columbia por um bolsiro norte-americano que estagiou no Centro. Estão também ultimados dois volumes sobre os custos de educação. Estagiaram no Centro, durante o ano, sete bolsiros, três dos quais estrangeiros.

5. — Centro de Investigação Pedagógica

Não se verificaram neste ano alterações sensíveis na actividade do Centro, podendo entretanto salientar-se alguns aspectos das suas actividades. Assim, no departamento de Psicopedagogia continuaram os trabalhos de construção, adaptação, validação e aferição de técnicas psicológicas tendo-se, para tanto, e além dos trabalhos de gabinete, para montagem

das experiências e seu tratamento, realizado alguns milhares de aplicações de vários testes, sendo de referir especialmente os trabalhos realizados no âmbito da Telescola, assim como a observação psicológica, para fins de comparação, de 250 alunos do ensino primário das classes de matemáticas modernas e respectivos grupos de controle. Ao mesmo tempo, continuaram as actividades de clínica psicológica, tendo sido realizadas, nos respectivos serviços, algumas centenas de exames a pedido de pais, encarregados de educação ou directores de estabelecimentos de ensino, tendo sido prestada assistência psicológica a diversas instituições oficiais e particulares. Por intermédio deste departamento, o Centro esteve representado num seminário sobre «Factores Humanos e Ergonomia», realizado em Palermo, por iniciativa da NATO. Por seu turno, o departamento de Pedagogia prosseguiu os estudos acerca do pensamento pedagógico em Portugal, no século XIX, e concluiu os trabalhos de preparação de uma antologia desse pensamento, cujo 1.º volume se encontra no prelo. Continuou o estudo das estruturas do ensino escolar em Portugal. Prosseguiu a aplicação escolar de uma experiência-piloto da modernização da iniciação matemática no ensino primário, bem como de uma outra da modernização da análise gramatical, informada pela lógica simbólica, no ciclo preparatório do ensino secundário. Continuaram, igualmente, os trabalhos relativos aos temas: aquisição escolar de vocabulário e psicolinguística, avaliação do rendimento escolar. Alguns dos estudos em referência foram comunicados em publicação do Centro. No departamento de Documentação e Informação é de assinalar, pelo inventário respectivo, a existência de cerca de 500 periódicos (títulos) e de 4256 obras, depois da aquisição de cerca de 700 novos livros em 1969. Encontram-se à disposição do público 10 ficheiros, na sua maioria actualizados, para os quais foram produzidas mais de 30 000 fichas, e um arquivo de recortes de noticiário jornalístico nacional, parcialmente reorganizado. O número de leitores a utilizarem os serviços da biblioteca, nas modalidades de leitura de presença, de leitura domiciliar e de leitura interna, ultrapassou, até 30 de Novembro, 3500 (média mensal de 324 leitores, diária de 16), não estando incluídos neste número os indivíduos que procuram e obtêm notícias de carácter biográfico. Prosseguiu o levantamento da Bibliografia Pedagógica Portuguesa tendo-se alargado a Coimbra e ao Porto as tarefas de pesquisa, com a produção de cerca de 2500 fichas.

NOTA: O orçamento do Instituto Gulbenkian de Ciência, para 1969, elevou-se a 38 258 000\$00.

III — EDUCAÇÃO

a) SUBSIDIOS

1. — A diversos estabelecimentos de ensino superior (de entre eles se destacando

os concedidos a Faculdade de Direito de Coimbra, à Faculdade de Letras de Coimbra, à Faculdade de Medicina de Lisboa, à Faculdade de Ciências de Coimbra), para a realização de cursos, aquisição de bibliografia, publicação de teses de doutoramento de alguns dos seus membros e realização de outros dos seus fins, subsídios no total de 1 540 720\$00.

2. — Para equipamento didáctico de diversos estabelecimentos de ensino e para a realização de programas de promoção de regentes escolares e de estágios no estrangeiro para professores de línguas vivas, subsídios no valor de 2 106 854\$60.

3. — A várias instituições, de entre as quais se destacam a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, o Centro Cultural e Juvenil de Vila Nova das Infantas, o Instituto Missionário Salesiano de Manique do Estoril, o Centro de Produção do Livro para o Cego, o Instituto de Meios Audio-Visuais de Educação (programa realizado com o apoio do Centro de Investigação Pedagógica) e Instituto de Cegos de S. Manuel da Santa Casa da Misericórdia do Porto, a Diocese de Beja, a Cruz Vermelha Portuguesa, as Direcções Gerais da JEC, JOC e JARC, o Círculo David Lopes, o Núcleo Cultural da Horta, o Centro de Recreio Popular do Bairro da Calçada dos Mesures, o Instituto de Serviço Social da Coimbra, o Grémio Literário de Lisboa, a Casa de S. José de Ponta Delgada, o Lar-Escola de Santo António de Viseu, a Sociedade Filarmónica União Samoreense a Casa do Gafo de Setúbal, a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, a Junta Distrital de Beja, a Escola de Educadoras Paula Frassinetti, para a realização de iniciativas culturais de índole diversa, subsídios que totalizaram 3 446 620\$90.

4. — A diversas instituições, de que se referem nomeadamente o Centro de Promoção Social Rural de Lamego, a Obra do Bem Estar Rural de Baião, a Direcção-Geral da Liga Agrária Católica, o Gral de Portalegre, o Centro Paroquial de Assistência da Pareira, a Escola de Educação Familiar Rural de Leiria, para a realização de programas de educação familiar rural, subsídios que totalizaram 1 295 754\$50.

5. — A diversas associações e organismos académicos, designadamente o Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra, a Associação de Estudantes do Colégio Universitário Pio XII, o Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra, o Orfeão Universitário do Porto, o Grupo Cénico da Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa, o Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra, a Associação Académica do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, os Serviços Sociais da Universidade de Lisboa, a Associação de Estudantes da Faculdade de Farmácia do Porto, a Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa, o Teatro Universitário do Porto, a Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico, o Instituto D. Ernesto Sena de Olivieira, o Cine-Clube Universitário de Lisboa (cinema, nas es-

colas), a Academia Militar (actividades culturais dos alunos), a diversas câmaras universitárias e numerosos grupos de finalistas universitários, para intensificação das suas actividades, especialmente as culturais e artísticas, subsídios no total de 2 218 041\$10.

6. — A estudantes do ensino superior, secundário e equiparado, e a diplomados foram concedidas 1240 bolsas de estudo e atribuídos 32 subsídios de viagem, com o encargo total de 17 992 842\$90.

b) INICIATIVAS PRÓPRIAS

1. — O Serviço de Bibliotecas continuou a ampliar a área da sua actuação, estando presente em funcionamento, no Continente e nas Ilhas Adjacentes (Madeira e Açores), 61 bibliotecas móveis e 160 bibliotecas fixas que, no seu conjunto, servem 3764 localidades, com uma população de 5 421 714 habitantes. O número de leitores a endos em 1969 foi de 1 540 384, tendo sido requisitados 5 242 675 livros; também no decurso do ano findo, e no seguimento da sua actividade cultural e de promoção social, o Serviço de Bibliotecas emprestou 40 063 livros escolares a leitores das suas bibliotecas, com reduzidos recursos financeiros; por intermédio da sua Biblioteca Central de Imprensa, que se destina especialmente a fornecer livros de cultura superior a leitores mais evoluídos, foram emprestadas 2051 obras; durante o mesmo período foram publicados mais 4 números do Boletim Informativo, publicação que é distribuída gratuitamente. A Comissão de Leitura apreciou 579 livros e originais, e o departamento de Inspeção e Fiscalização assegurou o bom funcionamento das Bibliotecas e a sua permanente ligação com a Sede do Serviço em Lisboa. No exercício das actividades referidas o Serviço despendeu 26 654 620\$00.

2. — Prosseguiu durante o ano de 1969 o programa de edições em curso no Serviço de Educação: na série de «Manuais Universitários» foram publicadas 4 novas obras e reeditadas 3 já esgotadas, encontrando-se actualmente no prelo 21 novas obras e 3 reedições; na série de «Textos Clássicos» encontram-se no prelo 3 obras. Estão em avançada fase de preparação as duas primeiras obras da série dedicada à «Cultura Portuguesa» e prosseguem os trabalhos relativos a outras.

3. — Durante o ano de 1969, concluiu-se o 5.º volume (I e II) tomos do «Guia de Portugal» relativo à província de Trás-os-Montes e Alto Douro.

IV — BENEFICÊNCIA

a) SUBSIDIOS

1. — Para participação na Campanha de Luta Contra as Helminthíases Transmítidas pelo Soto, que virá a ser extensiva a toda a região rural de Portugal europeu, e na Campanha-Piloto de Luta Contra a Diabetes no Distrito de Santarém, e ainda um reforço ao subsídio concedido para o Projecto-Piloto de Erradicação da Tuberculose nos Distritos de Leiria, Santarém e parte

do de Coimbra, subsídios totalizando 2 506 970\$00.

2. — A diversos Hospitais de que se destacam: o Hospital Geral de Santo António, do Porto, Hospitais da Universidade de Coimbra, Hospital Curry Cabral, de Lisboa, Hospital de Santa Maria de Lisboa, Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Portimão e hospitais sub-regionais de província, para a criação e expansão de serviços de tratamento para doentes renais crónicos, por intermédio da transplantação renal e da hemodiálise, e para aquisição de diverso equipamento e realização de obras nos seus estabelecimentos, subsídios totalizando, 8 942 697\$60.

3. — A outras instituições de saúde: — para a construção de uma Escola de Enfermagem em Viseu e de um anfiteatro na Escola de Enfermagem Calouste Gulbenkian, de Lisboa, (construção com um importante subsídio da Fundação), à Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, Instituto Português de Reumatologia e Associação de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais, para aquisição de diverso equipamento, subsídios no valor de 7 502 000\$00.

4. — A diversas instituições de assistência infantil, de que se destacam, entre outras, as Oficinas de São José, de Lisboa, Associação Protectora da Criança Contra a Crueldade e Abandono, do Porto, Lar de Santa Estefânia, de Guimarães, Casa da Infância Dr. Elyseu de Moura, de Coimbra, Patronato de São Sebastião, de Lisboa, Casa de Trabalho de Santa Quitéria, de Pelagotas, Centro de Caridade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, do Porto, Franciscanas Missionárias de Maria e Instituto da Sagrada Família, da Paredes, para aquisição de equipamento, realização de obras de remodelação ou de ampliação dos respectivos edifícios, comparticipação das despesas de funcionamento de 60 colónias de férias em que tomaram parte cerca de 11 000 crianças, subsídios totalizando, 8 012 066\$10.

5. — A diversas instituições de assistência à velhice e à invalidez, de entre as quais se destacam a Cruz Vermelha Portuguesa (Lar dos Inválidos Militares), Albergue dos Inválidos do Trabalho, de Lisboa, Asilo do Crianças e Velhos da Obra da Figueira, da Figueira da Foz, Asilo Nobre Freire, de Beja, para aquisição de diverso equipamento e realização de obras de construção, remodelação ou ampliação dos respectivos edifícios, subsídios no valor de 3 976 416\$10.

6. — A várias instituições de assistência social de que se destacam, entre outras, a Fundação Salazar, o Pequeno Plano de Assistência Rural do Governo Civil de Coimbra, Câmara Municipal de Santarém, Fundação D. José da Cruz Moreira Pinto, Serviços Sociais das Forças Armadas, Instituto Nossa Senhora Rainha da Paz, do Porto, Associação de Socorro e Amparo, de Lisboa, para a construção de casas destinadas a famílias com poucos recursos económicos, para obras de conservação e ampliação dos edifícios e para aquisição de diverso equipamento, subsídios totalizando 33 565 306\$80.

7. — A 208 instituições de

(Continua na página seguinte)

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

RELATÓRIO DAS PRINCIPAIS ACTIVIDADES DURANTE O ANO DE 1969

(Continuação da pág. anterior)

assistência para distribuição de donativos por ocasião da quadra do Natal de 1969, subsídios no valor de 1 029 000\$00.

8. — Ainda para outros fins beneficentes não qualificados, subsídios totalizando 5 159 020\$60.

V — ULTRAMAR PORTUGUÊS

SUBSÍDIOS

1. — Para manutenção da Campanha contra a Cegueira Curável, em Moçambique, e para alargamento da Campanha de Erradicação do Paludismo, em curso na mesma Província, subsídios totalizando, 4 428 000\$00.

2. — Para aquisição de diverso equipamento hospitalar, ambulâncias, etc., destinados nomeadamente a hospitais na Guiné e ao Hospital Rainha D. Amélia, da Beira, subsídios no valor total de 2 115 611\$50.

3. — A Instituições de assistência, para construção de instalações e aquisição de apetrechamento e para outros fins de protecção social, subsídios no valor total de 1 884 038\$00.

4. — Para construção de aldeamentos para populações deslocadas na Província da Guiné, um subsídio no valor de 2 500 000\$00.

5. — A Instituições de carácter artístico e cultural geral, para aquisição de equipamento, organização de cursos de educação musical, etc., subsídios totalizando 370 730\$00.

6. — Para realização de um curso de Teatro na Universidade de Lourenço Marques, para apresentação do Grupo Gulbenkian de Bailado nas Províncias de Angola e Moçambique e para outros fins de carácter artístico, subsídios no valor total de 1 582 753\$90.

7. — A Instituições de carácter educativo, para aquisição de equipamento didáctico e científico, organização e melhoramento de bibliotecas, construção de instalações, subsídios totalizando 1 716 581\$20.

8. — Para construção e instalação de Lares para estudantes, em Angola e Moçambique, subsídios no valor de 1 385 704\$00.

9. — Bolsas de estudo, em número de 120, a estudantes e diplomados, para realização de estudos no país e no estrangeiro, no valor de 4 801 932\$50.

VI — BIBLIOTECA GERAL

A Biblioteca Geral foi criada em 15 de Outubro de 1968 e aberta ao público em 9 de Outubro do ano seguinte, por ocasião da inauguração das novas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian.

Durante esse período continuou-se a catalogação dos seus fundos e procedeu-se à sua transferência para a nova Sede. Do Palácio de Oeiras transitaram a importante biblioteca pessoal de Calouste Gulbenkian e numerosas obras e revistas, antigas e modernas, respeitantes à Arte em geral e em particular às colecções do Museu Calouste Gulbenkian. Da an-

tiga Biblioteca Geral veio um vasto núcleo de estudos sobre Literatura, História e Cultura Portuguesa, e da Biblioteca Internacional, por um lado, um número considerável de obras de autores estrangeiros sobre Portugal em todos os domínios, publicados em Portugal mas sob o pretexto do estrangeiro, e, por outro lado, as traduções e estudos de autores portugueses impressos no estrangeiro. O conjunto destes fundos eleva-se presentemente a 50 000 espécies.

Durante o período compreendido entre 9 de Outubro e 31 de Dezembro, passaram-se 872 cartões de leitor. As espécies consultadas foram em número de 1919, requisitadas por 1637 leitores.

Na data da inauguração, foram publicados dois catálogos sobre «Alguns Livros da Biblioteca de Calouste Gulbenkian» e «Obras de Autores Estrangeiros sobre Portugal», encontrando-se no prelo o catálogo completo das obras sobre Pintura. Durante dois meses esteve patente no átrio da Biblioteca Geral a exposição das publicações editadas pela Fundação Calouste Gulbenkian.

B) — REINO UNIDO E COMUNIDADE BRITÂNICA

SUBSÍDIOS

I — ARTE

A diversas entidades de que se destacam: The Tate Gallery, University of Newcastle upon Tyne, Recordings of Modern Music, University of Manchester, Contemporary Ballet Trust, Glyndebourne Touring Opera, Yorkshire Arts Association, Victoria and Albert Museum, para patrocínio de diversas actividades artísticas, subsídios no valor de £ 552,845.

II — EDUCAÇÃO

A diversas entidades, de entre as quais se mencionam: University College, de Cambridge, St Antony's College, de Oxford, University of Exeter, Institute of Education, St Catherine's College, de Oxford, Bureau of Literacy and Literature, de Johannesburg, University of Botswana, Lesotho and Swaziland, subsídios no total de £ 127,896

III — BENEFICÊNCIA

A diversas instituições filantrópicas e de auxílio social, designadamente o Shelter (Family) Housing Aid Centre, Standing Conference of Societies Registered for Adoption, British Association of Settlements, University of Edinburgh, Department of Social Administration, subsídios no valor de £ 157,190.

C) — MÉDIO-ORIENTE SUBSÍDIOS

1. — A diversas entidades do Iraque e de outros países

do Médio-Oriente, para a realização de fins educativos, culturais e científicos, subsídios no total de US\$ 1.926.377.

2. — A outras várias instituições do Iraque e de diversos países do Médio-Oriente, para patrocínio de actividades artísticas, subsídios totalizando US\$ 81.900.

3. — A instituições e associações filantrópicas e de auxílio social do Iraque e de outros países do Médio-Oriente, para vários fins assistenciais, subsídios no total de US\$ 699.915.

4. — Para a concessão de bolsas de estudo a diplomados e estudantes iraquianos, para estudos em Portugal, Reino Unido, Estados Unidos da América do Norte e para frequência de estabelecimentos de ensino universitário no Iraque e noutros países do Médio-Oriente, e também para a atribuição de bolsas a estudantes de outros países do Médio-Oriente, uma dotação de US\$ 582.480.

D) — OUTROS PAÍSES

SERVIÇO INTERNACIONAL

(África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Camarões, Canadá, Ceilão, Checoslováquia, Chile, China, Colúmbia, Coreia do Sul, Costa Rica, Cuba, Dinamarca, Egipto, Equador, Espanha, Estados Unidos da América do Norte, Etiópia, Finlândia, França, Holanda, Indonésia, Itália, Japão, Marrocos, México, Nicarágua, Noruega, Peru, Suécia, Suíça, Turquia, Uruguai e Venezuela).

a) SUBSÍDIOS

1. — Para auxílio na realização de projectos de intercâmbio cultural; oferta de bibliotecas a universidades e instituições culturais; reuniões internacionais; exposições científicas e artísticas em Portugal; comparticipação na publicação de teses sobre assuntos portugueses de carácter histórico ou literário; bolsas de estudo a pós-graduados estrangeiros interessados em especializar-se ou proceder a investigações destinadas à elaboração de teses sobre temas portugueses; bolsas de estudo também a estrangeiros para frequência de cursos em Portugal promovidos pelas Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa e Coimbra; e, finalmente, bolsas de estudo para pós-graduados de vários países estrangeiros com vista à preparação de teses de doutoramento ou à preparação de obras literárias ou científicas, subsídios no total de 15 233 559\$20.

2. — Ao Instituto Ernest Oppenheimer de Estudos Portugueses da Universidade de Witwatersrand, para elaboração de um volume, referente ao período 1800-1875, da História da Acção Portuguesa no Sudeste de África, um subsídio de 259 440\$00.

3. — Ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil, para a continuação da realização do projecto de cooperação entre este Laboratório e as Universidades de Brasília e da Bahia, um subsídio de 600 000\$00.

4. — Ao Centro de Estudos de Citopatologia da Universidade Federal da Paraíba,

para aquisição de equipamento científico, um subsídio de 432 407\$40.

5. — A Obra de Assistência aos Portugueses do Rio de Janeiro, para terminar a construção do seu hospital, um novo subsídio de 1 000 000\$00.

6. — Ao Professor Yoshitomo Okamoto, da Universidade da Ásia em Tóquio, para estudo da Arte Namban, um subsídio de 201 250\$00.

7. — A Universidade Pontificia de Comillas, para a nova biblioteca, em Madrid, um subsídio de 249 000\$00.

8. — A Organização dos Estados Americanos, para atribuição de bolsas de estudo para estágio no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, um subsídio de 420 000\$00.

9. — A Eisenhower Exchange Fellowships para concessão de uma bolsa de estudo nos Estados Unidos, um subsídio de 287 500\$00.

10. — A Fundação Europeia da Cultura — «Plano Europa 2000», para promoção de estudos básicos, à escala continental, relativos a alguns grandes problemas que se apresentarão à nossa sociedade no futuro, um subsídio de 5 000 000\$00.

11. — A Union Internationale Contre le Cancer, para a publicação do seu jornal, um subsídio de 287 500\$00.

12. — Ao Departamento de Estudos Hispânicos da Universidade da Colúmbia Britânica (Canadá), para concessão de duas bolsas de estudo, com a duração de três anos, a filhos de emigrantes portugueses, de fracos recursos económicos, um subsídio de 258 750\$00.

b) INICIATIVAS PRÓPRIAS

1. — No decurso do ano de 1969 foram publicados o n.º 4 do volume IX (1968) e os três primeiros números do volume X (1969) do Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, que incluem as habituais secções e subsecções do Registo Bibliográfico, Bibliofilia, Fundos de Manuscritos e índices de revistas e de miscelâneas. No Registo Bibliográfico incluíram-se cerca de 4000 obras e artigos recentes, de autores portugueses e estrangeiros. Na Bibliofilia continuou-se, por um lado, a publicação dos opúsculos da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra e dos folhetos da Literatura de Cordel pertencentes à importante colecção da Fundação Calouste Gulbenkian, e foram dados a conhecer, por outro lado, alguns dos fundos da Biblioteca Geral da Fundação e vários impressos raros sobre a economia brasileira do século XVIII. Nos Fundos de Manuscritos figuraram a publicação em edição crítica e fac-similada de «Um Livro de Marinharina Inédito», que se encontra na Bodleian de Oxford, e um estudo sobre «A Inquisição no Pará». Entre os índices salientam-se o da miscelânea «Centenário do Descobrimento da América (1892)» e o da revista «Brasília». Encontram-se no prelo a impressão da segunda parte da «Bibliographie de l'Histoire des Grandes Routes Maritimes», respeitante aos Estados Unidos da América, e o catálogo das obras sobre Brúghel e Rembrandt existentes na Biblioteca Geral da Fundação.

2. — O Centro Cultural Português de Paris continuou a desenvolver as suas actividades, tendo levado a efeito as seguintes manifestações culturais e artísticas: realizou, nas suas salas, 13 conferências e 7 concertos e recitais de canto e de piano por especialistas, músicos e cantores portugueses e estrangeiros; e organizou 5 exposições, também de artistas nacionais e estrangeiros, abrangendo os sectores de pintura, escultura, desenho, gravura e bibliografia. No domínio editorial publicou as seguintes obras: «Arquivos do Centro Cultural Português», vol. I. «Le Portugal dans l'oeuvre de Francis Smith», «Catalogue de l'Exposition Vasco Costas», «Voltaire et la Culture portugaise» e «La Gravure portugaise contemporaine», estas quatro últimas publicações referentes a exposições realizadas no Centro.

Na série «Publications du Centre Culturel Portugais, Fondation Calouste Gulbenkian», constituída por obras de autoria de especialistas franceses sobre assuntos portugueses, vieram a lume «La Critique et la Satire de D. Francisco Manuel de Melo» e «La Lyrique de Camões» e, na série «Mémoires et Documents para a História Luso-Francesa», publicaram-se «Manuscritos Portugueses, ou referentes a Portugal, da Biblioteca Nacional de Paris», «Documents des Archives Communales de Grenoble, concernant la Légion portugaise, 1808-1811», «A Embaixada em França de Brás de Alvide, 1548-1554» e «Bourgeoisie pombaline et noblesse libérale au Portugal. Iconographie d'une famille franco-portugaise». Durante o mesmo período o número de leitores da Biblioteca do Centro, sem contar com os meros visitantes, com as consultas e estudo de ficheiros e os empréstimos de microfilm, foi de aproximadamente 1203 e o Inventário Geral foi enriquecido com 1876 títulos. Continuou o trabalho de ficheiro — ideográfico, onomástico, toponímico e cronológico — das revistas e publicações da Biblioteca, executado segundo as modernas regras de catalogação, atingindo presentemente 220 000 fichas.

3. — A despeito das perturbações que continuaram a verificar-se na Cidade Universitária de Paris, como reflexo forçoso de uma crise que abrange todas as universidades francesas, a Residência dos Estudantes Portugueses naquela Cidade Universitária pôde ainda cumprir, em 1969, a dupla função que lhe está consignada. Além de ter proporcionado excelentes condições de estadia a cerca de duas centenas de estudantes, artistas e investigadores de mais de trinta países diferentes, a Residência constituiu um local privilegiado de encontro, um importante factor de entendimento recíproco entre intelectuais portugueses e estrangeiros que frequentam a Universidade de Paris. Exceptuando os cursos audiovisuais de línguas, que funcionaram normalmente, e a Biblioteca privativa, já com uma existência razoável e uma frequência constante, as actividades culturais foram inevitavelmente reduzidas. Em contrapartida, o Desporto mereceu os favores das camadas mais jovens de residentes, valendo

à Residência a conquista do Campeonato de Futebol da Cidade Universitária.

E) — COMUNIDADES ARMÉNIAS NO MUNDO

SUBSÍDIOS

Com vista ao desenvolvimento cultural, educativo e artístico das Comunidades Arménias espalhadas pelo Mundo, e também para fins de assistência, foram atribuídos subsídios que atingiram um valor de US\$ 1 517 360.

F) — PROJECTOS E OBRAS

1. — Os edifícios da Sede e Museu da Fundação, conforme oportunamente se noticiou, foram solenemente inaugurados em Outubro de 1969, com a presença do Chefe do Estado, tendo-se iniciado as actividades do Museu e do Grande Auditório depois da instalação dos Serviços. As obras de construção do Auditório ao ar livre e o arranjo definitivo do Parque, na zona de influência deste auditório, devem concluir-se no Verão do corrente ano, passado o período de Inverno.

2. — O Palácio dos Marqueses de Pombal, em Oeiras, foi desocupado das obras de arte, que ficaram instaladas definitivamente no novo edifício do Museu em Lisboa. Está-se a proceder ao estudo de adaptação daquele Palácio e do conjunto das construções denominadas Antigas Instalações Agrícolas da Quinta, a Serviços complementares do Instituto Gulbenkian de Ciência.

O desenvolvimento das actividades do Centro de Biologia motivou a criação, em regime experimental, de um serviço pedagógico, para o qual foi montado um novo laboratório, concluído em Junho de 1969 e destinado à realização dos Estudos Avançados de Oeiras.

Iniciou-se a construção das novas instalações para o Centro de Cálculo Científico, que ficará integrado no «Campus» de Oeiras.

3. — O Serviço de Projectos e Obras apoiou ainda tecnicamente as múltiplas actividades culturais da Fundação (música, ballet, exposições, cursos e outras), tendo projectado, dirigido ou acompanhado as obras da Fundação ou por ela subsidiadas, de entre as quais se destacam: o Conservatório Regional de Aveiro, cujo edifício já se encontra concluído, o Conservatório Regional de Braga, as Residências para Estudantes dos Liceus de Bragança — inaugurada oficialmente em Novembro de 1969 — de Castelo Branco e da Guarda, a Residência para Estudantes da Universidade de Coimbra, as habitações destinadas às vítimas das inundações de Novembro de 1967, a Associação Portuguesa de Paralísia Cerebral, Cantina da Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, Hospital Infantil de S. João de Deus, de Montemor-o-Novo, Oficinas de S. José, de Lisboa, e o Centro de Reabilitação do Hospital Curry Cabral.



HOJE PODE VER...



Gene Barry e Charles Boyer são os protagonistas do episódio «O Emissário» da série «O Jogo da Vida»

«O EMISSÁRIO»

Mais um episódio da apreciada série «O Jogo da Vida» é apresentado na emissão de hoje. Intitula-se «O Emissário» e tem Gene Barry e Charles Boyer nos protagonistas. Neste episódio, cuja história se desenrola em Paris, «Glenn Howard tenta ser mediano numa reunião frustrada, em que intervém uma delegação chinesa que abandona a sala. Glenn contacta com Henri Jarnoux, com quem combateu na Resistência, e convence-o a falar com o delegado chinês, de quem é amigo...»

ESTREIA DA SÉRIE JUVENIL
A LENDA
DO «MEIAS DE COURO»

Estreia-se, na emissão de hoje, pelas 19 e 45, uma nova série juvenil intitulada «A Lenda do Meias de Couro».

II PROGRAMA
ALFREDO
É SÓ FADO

Toda a emissão do II Programa é preenchida pela repetição da rubrica «Alfredo é só fado» uma produção de Carlos do Carmo e Henrique Mendes. Realização de Luís Andrade.

O primeiro episódio «Caçador de Gampos» conta como «Nat Bumpo, conhecido por Caçador de Gampos, se torna amigo de uma tribo de índios moicanos. A noiva de Chingapook, seu grande amigo, é raptada pelos índios Mingos e Nat e Chingapook partem à sua procura...»



PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 20 e 15: Série Juvenil; 20 e 45: Totabola; 21: Crítico; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: «O Jogo da Vida»; 23 e 30: Marcha do Mundo; 28 e 40: Fecho

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: «Alfredo é só fado»; 24: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 14 e 40: Círculo Preparatório TV; 9: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Reportagem do exterior; 21: Casa, com uma Feticheira; 21 e 30: Telejornal; 22: «Dr. Marcus Welby»; 23: Bi-cenário do nascimento de Beethoven; 23 e 30: Marcha do mundo; 23 e 40: Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal, 22. Norte de Cinema; 23 e 40: Fecho.



Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSION — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da Tarde — Condições do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre Augusto Maio; 18 e 40: Música e sonho; 19: Cartaz dos espetáculos; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 1.º Episódio do Folhetim «Resurreição», de Machado Assis, adaptado por Ema Paul; 21 e 05: Conjuntos ligeiros; 21 e 20: Transmissão de Cadiz do resumo da 1.ª parte e relato da 2.ª do desafio de futebol de juniores «Espanha-Portugal»; 22 e 10: Variedades; 22 e 58: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: 1.º e 2.º atos da ópera «Luisa» (Charpentier); 18: Música do Século XX; 18 e 51: O pianista Samson François; 19: Concerto n.º 6 em Ré Maior Op. 7 (Albinoni) Orquestra Virtuosi di Roma, dirigida por Renato Fasano; 19 e 10: Folclore Português — Música da Ilha Terceira (Açores), recolhida por Artur Santos; 19 e 25: A pianista Ingrid Haebler — Sonata n.º 78, em sol maior «Fantasia» (Schumann); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música instrumental; 20 e 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia, sob a direcção de Friedrich Wilhelm Verner, e realizado na Igreja de S. Roque, em Lisboa; 20 e 46: Música de Mozart, para piano e orquestra; 21: Música de câmara; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Azeiteiro; 21 e 50: Recital de piano, por Caio Pagano; 22 e 10: Música de Max Reger para órgão; 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 23: Música de fecho; 23 e 30: Festival da Holanda de 1969 (em gravações cedidas pela Rádio Nederland); Parte de um concerto pela Orquestra de Câmara Holandesa, sob a direcção de Bart van Beinum; 0 e 6: Stabat Mater (Rossini); 11: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Abertura; 19 e 15: A Universidade e a Nação; 19 e 35: Noticiário; 19 e 45: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 16: Ela e o seu mundo; 18 e 20: Rubrica TAP; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo acontece; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diário; 21 e 08: Tempo-Notas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando a telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 02: Talmá.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa de G8-G8; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 05: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudo 64; 20 e 10: Norte dia o dia; 21 e 02: Orques-

tras; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrossel-3; 28 e 04: Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 293,2 m — 1026 kc/s — As 16: Radiograma; 18 e 05: Claque; 18 e 30: Terça e bânção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esque-ma; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: variedades; 21 e 30: Carta Adriano Correia de Oliveira; 21 e 45: Conjuntos da Europa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 28: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação de Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terça da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Chamadas Musicais; 21 e 30: Nova Dimensão; 22: Auditório; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Península — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30: Rádio Vox de Lisboa — Das 10 e 12 e das 19 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2; Rádio Graça — Das 14 e 30 às 19 e 30.



O senhor Steed e a sua nova colaboradora Tara King preparam-se para árduas lutas contra o crime

«OS VINGADORES» REGRESSAM

Em 1961 a cadeia independente de televisão inglesa, a ATV, realizou uma série de programas em «videotape» com o título genérico de «Os Vingadores», cuja duração não excedia uma hora de emissão. Tratava-se então de uma série de relatos baseados no estilo que popularizou Alfred Hitchcock e Ian Fleming, criador de James Bond, mas procurando cobrir essas aventuras com pinceladas humorísticas, bem à maneira britânica. Foi esse o primeiro programa que explorou esta fórmula em televisão, aliando a comédia aos elementos característicos do género policial clássico e mo-

derno. O guião da primeira série apresentava um jovem médico (protagonizado por Ian Hendry, que trocou posteriormente a TV pelo cinema) obcecado pela ideia de vingar a morte da noiva, assassinada numa rua de Londres por uns foragidos, implicados em obscuros «assuntos» de espionagem. A luta do doutor contra os assassinos implicou a presença de um agente dos Serviços Secretos Britânicos, o senhor John Steed (o nosso conhecido Patrick McNee). Esta primeira versão em «videotape» teve 26 episódios.

A partir de então, muito mudou nesta série. Fama e fortuna impressionaram alguns actores que abandonaram o fiel Patrick McNee pela tela de maiores dimensões. O primeiro foi Ian Hendry e para o substituir criou-se uma ajudante para Mr. Steed, uma mulher, Honor Blackman, que interpretou o papel da atraente viúva Catherine Gale. A sua interpretação foi tão realista, tão natural que marcou um novo tipo de mulher no mundo do celulóide. Após o final desta série, o produtor Broccoli, o criador do mito James Bond, convidou-a para o filme «Goldfinger». A interrupção desta série na TV inglesa provocou uma avalanche de pedidos de continuação a que os produtores não puderam resistir. Surgiu assim nova série, a primeira aliás a ser vendida à R. T. P. e ao resto do mundo, desta vez filmada em episódios de uma hora.

Tara vem aí
Diana Rigg (a senhora Emma Peel) criou então uma personagem fascinante, cômica e elegante. Se Emma representava o futuro de Inglaterra, Steed simbolizava o melhor do passado. Eles incarnavam as boas tradições inglesas, tal como o resto do mundo as vê: uma casa em Londres cheia de recordações e antiguidades, um esquisito gosto pelas bebidas e estranhas ementas, comidas de cavalos, o «cricket», o golfe, o polo... e um «savoir faire» que apelidamos de «classe». Pois também Diana Rigg passou para o cinema, e também num filme de James Bond (ao que parece sem o mesmo encanto...!)

Agora, na nova série a apresentar, uma nova figura de mulher será criada por Lind Thorson, no papel de Tara King, uma jovem graduada pela escola de espíes a quem o chefe dos Serviços incumbe de acompanhar, passo a passo, o seu mais inteligente colaborador. Tara considera o senhor Steed como um herói e depende dele muito mais do que a senhora Peel jamais dependeu. Patrick McNee pensa que os produtores modificaram um pouco a própria «história», tornando-a mais uma comédia de aventuras do que em histórias de espíes. Acha também que, ao introduzirem uma maior «intimidade» com Tara King, tornaram estes episódios mais aliantes aos olhos dos milhões de espectadores que seguem estas aventuras de «Os Vingadores».

canal da crítica

A TV-OESTE NADA DE NOVO

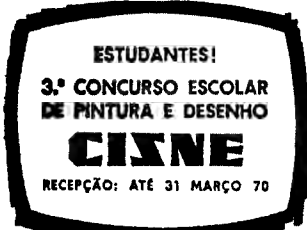
Não sei se vocês conhecem o pintor francês Jean Le Moal. Eu também não. Um grande pintor, um tipo formidável, um artista que! A apresentadora fartava-se de dizer cobras e lagartos do Jean Le Moal, o que aumentava o meu complexo cultural. Imaginem só, não saber quem era Le Moal, da Escola de Paris! Busquei no Larousse, no Grande. E Larousse também não sabia quem era Le Moal. E então compreendi que o pobre bicho de mim não podia alimentar pretensões de ser mais papista có Larousse. E sosseguei.

A ignorância não envergonha ninguém. O que envergonha é fugir ao saber. Por isso fiquei muito quieto.

não foi nada fácil, kék pensar. O mais concreto que dele ouvi foi que era «o arqueólogo da sua própria noite». O mais, foram palavras. Obras, poucas. Quase nada. De maneira que foi assim. Não sabia quem era, não sei quem é. Passem bem.

Tudo, a seguir, foi esperar que visse o futebol. Também isso não foi fácil. A 20 minutos do começo do desafio, a Televisão portuguesa estava livre de compromissos. Eis em cam-

(Continua na página seguinte)



Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS OU MORADIAS A J. PIMENTA S. A. R. L. EM CASCAIS E PAÇO D'ARCOS

RENDIMENTO DE 6 A 10%, GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito. Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

Preços dos Apartamentos mobilados: 150, 175, 180, 185, 190, 195, 200, 215, 225, 230, 250, 255, 265, 305, 325, 350, 470 e 600 contos

» » Andares: 4 assoalhadas 300 contos; 5 ass. 380 contos; 6 ass. 440 contos; 9 ass. 750 contos e 12 ass. 880 contos

Locais onde possuímos andares e apartamentos: Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos (Espargal), Parede, Cascais e Lisboa.

Moradias Luxuosas: 9 divisões assoalhadas, 3 casas de banho, cozinha, garagem quintal e Jardim. Magnífica vista de mar e serra situadas na R. José Ferrão Castelo Branco, em Paço d'Arcos. Facilita-se parte do pagamento

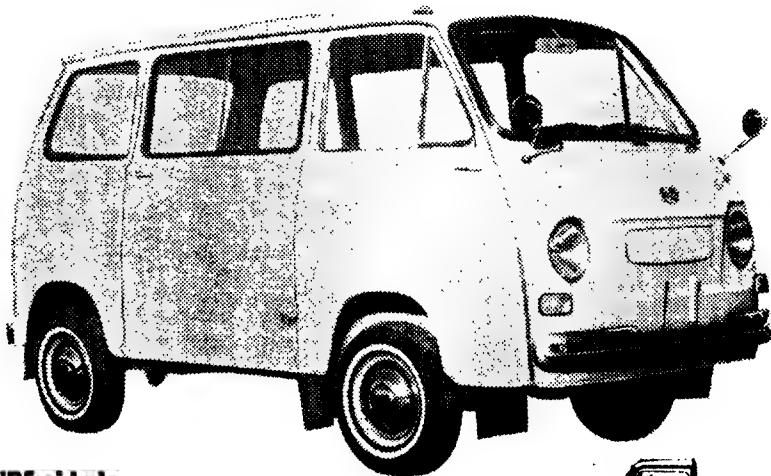
Apartamentos em exposição nos seguintes locais: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — R. D. Dinis; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (rectaguarda do Hotel Baía)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º — Telefones 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telef. 952021/22; AMADORA-REBOLEIRA — Telef. 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

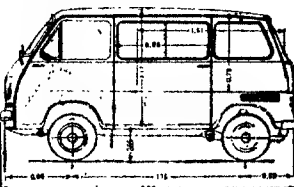
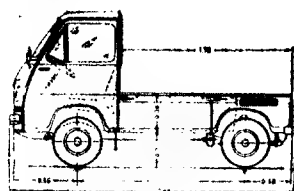
SUBARU SAMBAR



na GRANDE cidade
a PEQUENA entrega
da GRANDE empresa

A capacidade de carga da SUBARU é realmente surpreendente. Quase não se acredita!
E o consumo? Apenas 4 a 5 l. aos 100 kms.
4 amplas portas. 4 velocidades.
Uma concepção mecânica avançada e, o seu preço — cerca de 50 contos — fazem da SUBARU-SAMBAR, a carrinha ideal no seu género.

um produto da **FUJI HEAVY INDUSTRIES LTD.**



Representante:

SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC · LISBOA
TEL. 56 0156

JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS

DELEGAÇÃO DE LISBOA

VENDA DE PELES DE OVINOS

Pelas 15 horas do dia 10 do corrente mês, iniciar-se-ão os leilões de peles de ovinos a abater pela Lavou- ra no Matadouro Municipal de Lisboa, os quais prosse- guirão nas terças-feiras se- guintes, à mesma hora.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Respon- sabilidade Limitada
Sede — Calçada do Duque, 20 LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

Relação de 180 obrigações da Antiga Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães, 4 1/2% — 1905, 2.ª Emissão, retiradas da circulação para efeito da amor- tização do ano de 1969.

N.º	6 903	a	6 906	=	4
	6 959	a	6 960	=	2
	7 041	a	7 044	=	4
	7 383	a	7 384	=	2
	7 423	a	7 425	=	3
	7 676	a	7 680	=	5
	7 703	a	—	=	1
	7 917	a	—	=	1
	7 986	a	7 989	=	4
	7 991	a	7 996	=	6
	8 011	a	8 014	=	4
	8 125	a	8 127	=	3
	8 262	a	8 264	=	3
	8 285	a	8 286	=	2
	8 290	a	8 291	=	2
	8 352	a	8 359	=	8
	8 457	a	8 461	=	5
	8 472	a	8 473	=	2
	8 483	a	8 494	=	12
	8 523	a	8 526	=	4
	8 687	a	—	=	1
	8 689	a	8 691	=	3
	8 729	a	8 736	=	8
	8 762	a	8 786	=	25
	9 311	a	9 313	=	3
	9 314	a	9 320	=	7
	9 331	a	9 340	=	10
	9 537	a	9 540	=	4
	9 791	a	9 794	=	4
	9 812	a	9 818	=	7
	9 855	a	9 882	=	28
	10 052	a	10 054	=	3
TOTAL					180

Todas estas obrigações estão devidamente anuladas e deixaram de representar encargo da Com- panhia.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Em BENAVENTE o «DIA- RIO DE LISBOA» vende-se na Casa Leitão, Rua da Índia Por- tuguesa, 13.

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

po uma desoladora falta de imaginação e de organiza- ção. Nada mais havia para nos dar senão números de circo sabidos de cor e sal- teados, de mistura um fa- dinho para dar a cor local.

E o futebol. Pela primei- ra vez, que nos recorde, Al- vos dos Santos, carne e osso, em fato de camp- nha. De notar a imagem nitidíssima, das melhores que entre nós se tem visto claramente visto.

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Oferta excepcional

15 VOLUMES ENCADERNADOS A ESCOLHA
PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 52\$50

Entrega das obras contra o primeiro pagamento

obras encadernadas em balacuir de

ALEXANDE HERCULANO

AQUILINO RIBEIRO

CAMILO CASTELO BRANCO

CHARLES DICKENS

JÚLIO DINIS

STEFAN ZWEIG

WALTER SCOTT

e mais de uma centena de autores — cerca de 300 vo- lumes — constam de uma lista que remeteremos a quem a solicitar á

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Recortar este cupão
e remeter a

LIVRARIA

CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires
de Gouveia, 27
PORTO

D. L. — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição

Nome

Morada

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇOS DE AQUISIÇÕES

CONCURSOS PARA O ANO DE 1970

2.º TRIMESTRE

N.º 23 —	Fornecimento de HORTALIÇAS
N.º 24 —	» » CARNES DIVERSAS, MIUDEZAS e seus derivados
N.º 25 —	» » BATATAS
N.º 26 —	» » FRUTAS
N.º 27 —	» » ERVILHAS DESCASCADAS e em conserva ou congeladas.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 16 do corrente para os mencionados concursos.

Os concorrentes devem pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, das 9 às 11 e 30 horas e das 14 às 16 horas e aos sábados das 9 às 12 horas, as respec- tivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 2 de Março de 1970.

O Chefe do Serviço
a) Alexandre Pinheiro

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de abso- luta necessidade em praxe, pro- tocolares para pessoas de distin- ta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Se tem automóvel

realize dinheiro s/hipotecar, ou s/ transferir, s/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 8, 3.º, Dt.º — Telef. 40049 - 563751. Aguarda sua visita e telefonema.

Q U I M B A

O LEÃO BRANCO DOS ELECTRODOMÉSTICOS

JOSÉ NOBRE

E

LOURDES GUEDES

Estes artistas estarão presentes neste Estabe- lecimento no próximo sábado, dia 7, das 17 às 19 horas, para oferecerem Fotografias Autografadas

RUA BARÃO DE SABROSA, 250-A — TEL. 713971

* CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

O Expresso de Istambul — no POLITEAMA
Jogo Sujo — no ROMA

* SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Panavision Technicolor
3.ª SEMANA
Steve McQueen em
OS RATONEIROS
segundo a novela de William Faulkner no seu romance «THE REVERES» vencedora do Prémio PULITZER
com Sharon Farrell
Um filme invulgar

* ALVALADE

(Adultos) Tel. 327180
As 15.45 e 21.45
3.ª SEMANA
Uma obra-prima da moderna literatura
OS RATONEIROS
c/ Steve McQueen
Um filme excepcional

* EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Os desejos inconfessáveis de um jovem de 40 anos
Ugo Tognazzi e Isabella Rossellini
A REBOLONA

* RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
Um conflito de grande dramatismo na intimidade de dois jovens. Um filme de excepção categoria e realismo
ISTO ACONTECEU
c/ Sabine Sinjen e Bruno Dietrich

* VOX

(M. 17 anos) Tel. 720808
As 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª semana de lotações esgotadas
Rod Steiger, Judy Geeson e Claire Bloom num filme de apaixonante interesse
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
TECHNICOLOR
Apresentado no XIX Festival Internacional de Berlim

* CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) As 17 e 21.30
A VINGANÇA DO CONDENADO
Thomas Hunter e Dan Duryea

* ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 21.45 — ESTREIA
Um filme intransigente e denunciante!
JOGO SUJO
com Michel Caine
Technicolor — Panavision

* MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
Geraldine Page e Ruth Gordon
Um filme que nos diz até onde pode ir o sadismo de uma mulher...

* A GOVERNANTA

Produção de Robert Aldrich
TECHNICOLOR

* MONUMENTAL

(M. 17 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Até onde é capaz de ir uma mulher?
AQUELE DIA FRIO NO PARQUE
com Sandy Dennis

* QUINZENA WESTERN

Amanhã — adultos — 18.30 h.
UM HOMEM
de Martin Ritt
com Paul Newman, Frederick March, Richard Boone e Diane Cilento

* DIA 9 — (M. 12 anos)

BANDOLERO

* LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937583
As 21.30
Emocionante! Violento! Espectacular! Inesquecível!

* A QUADRILHA SELVAGEM

no ecran gigante — 70 mm.

* ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30
4.ª SEMANA SENSACIONAL DO FILME PORTUGUÊS
O DESTINO MARCA A HORA

com Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva e Nicolau Breyner

ATENÇÃO — BILHETES A VENDA PARA OS DIAS SEGUINTE

* AVIS

(M. 17 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
90 minutos de angustiante «suspense»
ASSALTO A CIDADE
com Michel Constantin e Daniel Verne
COR DE LUXE

* SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153-4
15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme de François Truffaut

* A SÉRIE DO MISSISSIPI

com Jean-Paul Belmondo e Catherine Deneuve

* ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
16.ª SEMANA
DIVÓRCIO A ITALIANA
com Marcello Mastroianni

* CONDES

(M. 17 anos) T. 522523-326710
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
8.ª SEMANA
O filme-choque da temporada
A LIÇÃO PARTICULAR
com Nathalie Delon e Renaud Verley
COLORIDO

* IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
2.ª SEMANA
As 15.15 e 21.30
Eu... tu... ela... nós... vós... elas...

* AS MULHERES

Eastmancolor

* ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA — Uma obra-prima
A obra máxima de Carl Th. Dreyer
DIA DE CÓLERA

* LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
A PRIMEIRA NOITE RAPARIGAS MODERNAS

* IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
GANGSTERS 70
HOMENS... É COMIGO

* POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, AS 21.30 — ESTREIA
Um filme de espionagem! Suspense! Perigo! Arrojo
O EXPRESSO DE ISTAMBUL
com Gene Barry e Senta Berger
TECHNICOLOR

HOJE, AS 18.30 (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

* TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 58595
As 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

* 3.ª SEMANA

DEBORAH KERR e DAVID NIVEN
numa comédia sensacional que reflecte todo o momento actual

* SARILHOS CONJUGAIS

* EDEN

(M. 17 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Techniscope — Eastmancolor
Um quinteto explosivo: dois homens, duas mulheres... e o diabo

* OS 5 AVISOS DE SATANÁS

MADALENA IGLESIAS
AMÉRICO COIMBRA
CRISTINA GALBO
ANTERO FERNANDES

* CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) As 21 horas
A LOUCA DE CHAILLOT
com Katharine Hepburn e Charles Boyer

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno A

(Ver pelos bairros das imediações e telefonos entre parênteses)
ALCANTARA — Bairro, R. Prior do Crato, 25 (661321)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (424531)
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (711780) * São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A e -B (725 40)
AMOREIRAS — Britânica, Travessa Léguas da Póvoa, 5 (689250)
ANJOS — Renascença, R. Dom Bosco, 104-A-B (831504)
AREIRO — Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) * Garante, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) * Imperial, Av. Guerra Junqueiro 30-B (726860)
ARROIOS — Veral, R. Marais Soares, 09 (40632)
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. Republica, 74-A (71379)
* Vale, Av. Marques de Tomar, 45-49 (773043) * Dália, Av. Duque d'Avila, 125 (45225) * S. Sebastião, Largo S. Sebastião, 9 (48642)
BAIRRO ENCARNADA — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216)
BAIXA — Teixeira Lopes, R. Aurora, 54 (324816) * Oliveira, R. Prata, 240 (321415)
BELÉM — Moura, T. da Memória, 55 (630944)
BENFICA — UNIAO, Est. Benfica, 592 (700092) * Alegria, Est. Benfica, 80-A-B (780511)
CAMBES — Barreto R. Loreto, 30 (327284)
CAMPO DE OURIQUE — Label, R. Infante Santo, 16, 98-B (688807) * União, R. Saraiva Carvalho, 9 (663643)
CAMPOLIDE — Salutar, R. B. 15, A-B (Bairro da Liberdade) (683694) * Pinto, R. Campolide, 11 (682610)
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468)
ESTEFANIA — Mundial, L. D. Estefania, 9 (45578)
ESTRELA E LAPA — Andreia Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (666971) * Palva da Costa, R. Lapa, 05 (664414)
GRACA — Zifer, R. de S. Tomás, 54-56 (862835)
LUMIAR — Central, R. Lumiar, 77 (790480) * Ouro, Al. Lúrias Torres, 93-A-B (791131)
OLIVAIS — R. Alves Gouveia, 19 (311237)
Nascimento, Costa, 16-A (728395 e 720703)
REGO — Baptista, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 (771873)

* OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

ABC — As 20.45 e 28: «Pego de caras» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacuta» (17 anos).
VILLARET — As 21 e 45: «O vision voador» (17 anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45: «A relíquia» (17 anos).
LAURA ALVES — As 21 e 45: «A forja» (17 anos).
MARIA VITORIA — As 20 e 45 e 45: «Esperteza saloia» (17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45: «Pobre milionário» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «Os comediantes» (17 anos).
OBRAS — OBRAS — CINE — As 21: «O que elas querem é casar» e «A mão armada» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e 45: 21 e 30: «A vingança do condenado» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSE — As 21 e 30: «Guerra à TV» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «Submarino X-1» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21: «O vilão do Arizona» e «Tortura diabólica» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «O homem do golpe perfeito» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «O Diabo à solta» e «Invasão secreta» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «Três quartos em Nova York» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «Kiowa» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIAO ARTISTICA — As 21 e 15: «Espectáculo de variedades Beng Beng» (17 anos).

TEATRO MONUMENTAL

Um excelente elenco rodeia Laura Alves

Vasco Morgado, ao proporcionar ao público de Lisboa o retorno de Laura Alves numa comédia francesa («Pobre Milionária»), rodeou a popular actriz de um elenco de que fazem parte Paulo Renato, Rui de Carvalho, Canto e Castro, Armando Cortez, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Fernanda Alves, Carlos Paulo, Alice Carla e António Semedo.

Laura Alves arranca das multidões que todas as noites esgotam a lotação do Teatro Monumental as mais saborosas gargalhadas.

Todas as noites, pelas 21 e 45 horas, «Pobre Milionária» é o íman que conquista as atenções de quantos pretendem divertir-se sem fronteiras.

BOM APETITE

* RESTAURANTE CASTANHEIRA

E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

* CHURRASCO

ABERTO ATÉ AS 3.30 H.
Rua das Portas St. Antão, 83
Telef. 323059

* RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES
DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
Maiores de 15 anos
PREMIADO PELO SNI

* CERVEJARIA E RESTAURANTE

SERVICO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ AS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

SERVÍCIOS URGENTES

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 * Companhia dos Gases, 537011 * Gásclida, 538821 * Gásclida, Idem e feridos, 382069.

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soro, 771168 e 771169 * Transfusões, soro e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (Informativo), 767777, 761176 e 763450.

POLICIA e G. N. R. — Serviços de emergência, 115 * Segurança Pública, 866141 * Judicaria 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viagem e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos de ferro, (C. F.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril) 861121 * Estação Municipal (T. Paga), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima de Rocha, 672445 * Estação Municipal (Belém), 638511.

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 Voluntários, 538524.

496

QUE ALMOÇO
FANTÁSTICO, LASZLO!
NÃO É ALTURA DE
ME DIZER PORQUE
ME CONVIDOU?

PENSA QUE
TENHO AL-
GUMA PAZ-
ESPECIAL FA-
RA O FAZER,
CAROL?

VAMOS, LASZLO
CONHEÇO O MUNDO BEM.
PORQUE NÃO DIZ DO
QUE SE TRATA? OU
ESTA COM RECEIO?

FRANCAMENTE
LASZLO, SE NÃO TI-
VESSE DECIDIDO
QUE EU HAVIA DE
AJUDÁ-LO, ESTÁ-
RIAMOS AQUI
COM ESTE PROBLEMA.

O POVO

1964

LUCAS

E DISTRIBUIÇÃO POR AGÊNCIA DIA DA VIDA

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL,
a) Josué de Oliveira

POESIA E LINGUAGEM

por José Augusto Seabra

NOS ESTUDOS sobre a poesia procedentes da linguística, isto é, que procuram aplicar os modelos da ciência da linguagem ao fenómeno específico do discurso poético, tem-se partido, quase sempre, da hipótese de que este constitui apenas um caso particular da estruturação da «fala» (em sentido saussuriano), ao qual ha simplesmente que ajustar as categorias e os métodos de análise.

Se a contribuição da linguística estrutural para a libertação das gangas filológicas em que se confinava a poética — após o longo eclipse a que fora votada a retórica — abriu sem dúvida novas perspectivas à consideração do objecto irreductível que constitui o poema, enquanto mensagem centrada em si mesma e só como tal comunicante, a verdade é que no seu desenvolvimento posterior algumas das tendências da teoria estruturalista impuseram por sua vez uma hegemonia da linguística. Para dar um exemplo signifi-

cas funções da linguagem» (1).

Os limites a que leva este pressuposto começam no entanto a ser ressentidos pela própria investigação linguística mais recente, em especial a que segue na esteira da gramática generativa de Noam Chomsky (2). Mas ele continua a inspirar a maior parte das pesquisas que se reclamam do estruturalismo, mesmo quando a linguagem poética é considerada como um «desvio» da linguagem normal (3).

A ideia subjacente, duma forma mais ou menos explícita, a esta teoria, é a de que a língua pré-existe como uma condição à poesia, enquanto meio de comunicação, não sendo a linguagem poética senão um dos tipos de estrutura, entre outros, em que se articula a mensagem. As palavras constituiriam, para o poeta, meros elementos de combinação do discurso, que ele agenciaria segundo regras diferentes daquelas em que se organiza, comumente a

tualização no discurso? Será, na verdade, a poesia subsidiária das mesmas estruturas de linguagem que são o objecto da linguística? O facto de que o poeta se serve para a criação do poema de uma (ou de várias) das línguas naturais, será só por si bastante para concluir-se pura e simplesmente pela identidade da língua do poeta e da dos outros sujeitos comunicantes — isto independentemente do que entre elas possa haver de comum? Haverá, em suma, uma relação de hierarquia que faça decorrer a poesia por derivação, de uma «linguagem-norma»?

A resposta a estas perguntas não pode evidentemente situar-se no plano exclusivo da linguística, que se trata precisamente de pôr à prova. Ela remete para o problema primordial da essência da poesia e da linguagem, que a elaboração de uma poética não deve começar por eludir.

Em vez de procurar o fundamento da poesia nas estruturas da linguagem, como se o sistema da língua aparecesse já dado, mais fecundo será ver em que medida a origem da linguagem e da poesia se confundem. Indo mais longe, poderá mesmo deslocar-se o problema: não será antes a poesia que funda a própria linguagem?

Escutemos um dos poucos filósofos que sobre a poesia reflectiram num plano que supera as simples categorias estéticas, descendo até ao amago do poema — referimo-nos a Heidegger:

«Jamais a poesia recebe a linguagem como uma matéria a trabalhar e que estaria à sua disposição, mas é ao contrário a poesia que começa por tornar possível a linguagem. A poesia é a linguagem primitiva de um novo portento. É necessário portanto que inversamente a essência da linguagem a partir da essência da poesia» (4).

Que quer dizer Heidegger quando afirma que é a poesia que torna possível a linguagem? A compreensão desta asserção tem de buscar-se na sua análise do problema do Ser (*das Sein*) que domina toda a sua filosofia.

Para Heidegger a linguagem é mais do que um meio de comunicação ou de expressão: ela é «a habitação do ser» (5). Só através da linguagem, ou melhor, só penetrando nessa habitação que é a palavra, o homem acede ao ente (*das Seiende*). Heidegger escreve, lapidariamente: «Quando vamos à fonte, quando atravessamos a floresta, atravessamos sempre já o nome «fonte», o nome «floresta», mesmo que não enunciemos estas palavras, mesmo que não pensemos na língua» (6).

Continua na pág. 2



SUPLEMENTO LITERÁRIO



Ramos Rosa com o poeta algarvio Emiliano da Costa

António Ramos Rosa e a Crítica

por Eduardo Prado Coelho

«Lire la littérature (...) c'est tenter de déchiffrer à tout instant la superposition, l'innombrable entrecroisement des signes dont elle offre le plus complet répertoire. La littérature demande en somme qu'après avoir appris à déchiffrer mécaniquement les caractères typographiques, l'on apprenne à déchiffrer l'intrication des signes dont elle est faite. Pour elle, il existe un second alphabétisme qu'il importe de réduire.»

JEAN RICADOU

«Et qu'on comprenne bien que nous disons: Jeux de mots, quand ce sont nos plus sûres raisons d'être qui sont en jeu. Les mots du reste ont fini de jouer. Les mots font l'amour.»

JEAN RICADOU

TODA A OBRA POÉTICA de Ramos Rosa tem um lugar importante na literatura portuguesa actual. Precisamos de ver até que ponto ela constitui um momento no percurso da Modernidade.

Não se trata aqui de jogar com a palavra «moderno» para provocar o medo ou a reacção. Não se trata da defesa da originalidade a todo o preço. Não se trata de valorizar o excêntrico ou o insólito. Deixemos essas pequenas comédias para quem acredita nelas.

Trata-se, sim, de saber que a literatura tem uma história, e que essa história existe em coexistência com outras. É que é preciso assinalar um determinado momento (fins do século XIX) em que as coisas rodaram. É a Modernidade que emerge para quem a sabe reconhecer. A literatura gira sobre si mesma, desloca-se. Ela trabalhou em tempos ao serviço dos deuses, submeteu-se à força do sagrado. Libertada dele, transpôs a glória que a ele cabia para o homem que a criava — o criador. É a época de uma arte «humanista» fundamentada na representação. Vivemos ainda nela, embora estejamos voltados para outra. Uma vez mais a libertação é lenta, a ruptura difícil. Nada se faz numa só decisão. Os desajustamentos, os reequilíbrios,

as sombras, os matizes, tudo se conjura para ocultar o processo.

Mas a Modernidade instaura-se no instante inexistente em que a arte se recusa a si mesma e começa a pensar-se. Por um demorado movimento de translação, tudo vai mudar. Há, evidentemente, as falsas sínteses, que pretendem mudar apenas o suficiente para que tudo permaneça — a Presença, contra-revolução, é uma delas. Mas a literatura iniciou um processo que nada poderá deter. Sobre tudo porque ela não está só. No momento exacto em que ela se volta para si mesma, para se reflectir e reflectir a sua reflexão. Marx, Nietzsche, Freud subvertem o campo da história e da política, da filosofia e da moral, da psicologia e da linguagem. São estes alguns dos nomes decisivos que se conjugam com os de Lautréamont, Mallarmé, Rimbaud, Hölderlin, Kafka, Rilke, René Char, Artaud, etc.. É este o momento em que a filosofia vai iniciar a sua crítica da representação e da identidade. A morte do Pai será a destruição do platonismo. O que explica, por exemplo, o título de um livro de um grande poeta do nosso tempo: Yves Bonnefoy, Cha-

Continua na pág. 7



Heidegger: linguagem, «habitação do ser»

cativo, as descobertas de um linguista pioneiro da chamada «poética estrutural», como Roman Jakobson, cujo modelo da linguagem poética como projecção do plano paradigmático sobre o plano sintagmático permitiu uma análise mais rigorosa da poesia enquanto função da língua, traziam implícita uma anexação pela linguística de todo o âmbito da poética. Esta é, com efeito, por ele definida como «a parte da linguística que trata da função poética nas suas relações com as ou-

«fala». O poema não seria, pois, mais do que o produto dessa operação transformadora e nessa medida reconduzível (positiva ou negativamente) à sua estrutura linguística, que aparece deste modo como modelo explicativo ou de referência.

A questão que pode liminarmente pôr-se é a seguinte: por que razão privilegiar, como ponto de partida ou de chegada na análise da linguagem poética, o sistema codificado da língua, de que a poesia aparece como uma das possibilidades de ac-

DL
SUPLEMENTO
LITERÁRIO
N.º 602
5 • MARÇO • 1970



Os negros

OS FABRICANTES de prestígio literário e balternos vivem à grande e os processos utilizados para produzir pelo menor preço deixam a perder de vista outras ordens de concorrência comercial. O introdutor de fabulosas edições em Portugal não fez mais do que seguir iniciativas alienígenas, é certo, mas demonstrou audácia. Imprimem-se mil exemplares de uma obra; em cada grupo de duzentos coloca-se na capa a edição 1.ª, 2.ª, 3.ª, etc. edição. Resulta, e o génio do autor sai grandemente valorizado assim como a visão arguta do editor. Quanto a traduções, existem mil modos de explorar a negritude.

Quem possui influência nos meios editoriais saca o trabalho (que assinará, mais tarde, de modo tão destacado quanto possível) e paga a um «negro» uma parte do preço a receber. Triplo proveito: lucro, lazer e alguma fama.

No que diz respeito a discursos e artigos, também aí a matéria é fértil para a imaginação e usufruto dos negros.

Entenda-se por «negro» a sombra que se esfalta para glória do senhor literato, que não tem tempo sequer para traduzir do castelhano qualquer obra russa. Sei de várias eminências das nossas letras que têm possuído no negro a origem da sua celebridade e

que tão bem se deram com o método que vão alargando as suas empresas, alugando os bestunhos incapazes de fugir aos bastidores para que foram remetidos.

Poder-se-ia tentar uma análise mais profunda da de um problema que põe em causa a legitimidade dos «nomes» feitos, mas seria perigoso entrar num domínio cujo estado todos parecem interessados em manter, uns para defender privilégios, outros a côdea de que não podem prescindir, e perderão se acaso os padrões se lembrarem de movimentar as influências para eliminar os descontentes.

Existem, ainda, as badanas negróides, mas es-

sas são de autores que, por condescendência de capela, oferecem o elogio anódino ao amigalhão, à espera de uma retribuição futura do mesmo teor.

Tudo se passa em família, harmónica, como devem ser todas, segundo a lei e os bons costumes.

O negro tem, por vezes, a oportunidade de rebelar e tentar a independência. Mas é um caso tão raro, que a literatura só deve contar com ele como uma excepção que em nada afecta o ambiente.

O que é preciso é saber aproveitar as oportunidades. O negro paga tudo: a caneta, o papel, a tinta e a percentagem do literato instalado. É o



que se chama um verdadeiro pitau, ao serviço do ventre intelectual dos nossos homens de letras e espírito brilhante.

MANUEL DE CASTRO

O corridinho e a vanguarda

FEVEREIRO, dia 25. Os habituais concertos das quartas-feiras; à tarde. Décima-sesta dose. Prato GENTILMENTE elaborado pela Fundação Gulbenkian.

Programa (prego): vinte e cinco tostones. Delalande e Mozart na 1.ª parte. 2.ª Parte: moderno, *uma non troppo*.

Novidade: estreia mundial do Concerto n.º 3, para piano e orquestra, de MARCEL QUINET.

OPORTUNIDADE (necessidade? efeméride? coincidência? afinidade? etc.): ou o preenchimento de quinze minutos? Que justificação há para

a apresentação de uma obra feita AGORA (mais propriamente: em 1966) por um senhor lá de fora, e que pouco tem a dizer, em 1.ª audição mundial, em 1.ª audição mundial, para os senhores e senhoras habituais e habituados a um consumo COMEDIDO das novidades? Ou será isso mesmo? Ou?... Não há nada para dizer aqui, tudo funciona para vilhosamente no melhor dos mundos e o que é preciso é pôr ovos regularmente.

Nestas condições, realmente o que importa — e de que a referida obra é um exemplo e uma con-

sequência — é conservar o cozinhado e mudar-lhe os temperos. Permanece o mesmo tipo de organização sonora, o vigor é só exterior e o que lhe falta em peso sobra-lhe em velocidade — e vertiginosa. O corridinho sempre encantou muita gente!

Muito aplaudida, três vezes agradecimentos. Roras nas mãos duma senhora da fila atrás. Seguiu-se a OPUS 21 de WEBER e todo o seu maravilhoso JOGO de timbres e intervenções organizadas entre os 8 instrumentos. Obra de 1938. Um modo diferente de estruturação dos ele-

mentos sonoros. A sua famosa ideia da «melodia de timbres» em que a linearidade musical se obtém através de intervenções transversais. Uma atenção constante dos instrumentos entre si. As sequências todas elas feitas com o peso de cada momento.

— VIZINHA DO LADO: mas isto nunca muda?

Decididamente a nossa mentalidade ainda está impregnada do sentido da «esquerda para a direita» e das normas «clássicas» de compreender a sequência sonora em função do que está atrás e do que se segue.

Os instrumentos ou os elementos da estrutura sonora funcionam todos paralelamente, cada um lê na partitura o que tem para dizer, às vezes frases bonitas, ora agora-tu-ora-agora-toco-eu, e desenvolvendo-se como blocos em interacção. Este tipo de organização sonora compreende-se dentro dum contexto tonal em que os desenvolvimentos horizontais ou melódicos, etc., derivam ou estão em relação com uma estrutura vertical, de natureza harmónica.

De espreitar o equilíbrio muito mal na obra em estreta absoluta, em que as

sequências se desenvolvem (apenas) umas a seguir às outras, e quanto mais depressa melhor, e se possível fazer contrastes «emotivos» que é para se não cair na monotonia. Uma obra assim é exactamente uma banana sem caroço.

Sobremesa: «Le tombeau de Couperin», de RAVEL.

— VIZINHA DO LADO (placidamente): Ah! Isto é outra coisa.

«E assim se fazem as coisas» — Gil Vicente.

JOSÉ ALBERTO GIL

NOVIDADES LITERÁRIAS

José Régio

Três reedições de Poesia nas Obras Completas:

AS ENCRUZILHADAS DE DEUS

(6.ª ed.) — 50\$00

MAS DEUS É GRANDE

(3.ª ed.) — 45\$00

FILHO DO HOMEM

(2.ª ed.) — 35\$00

André Pieyre de Mandiargues

A MARGEM — Prémio Goncourt 1967

Pieyre de Mandiargues, já revelado ao público português com **A MOTOCICLETA**, atinge em **A MARGEM** as mais insuportáveis tensões do descejo, da solidão e da morte. Coleção Contemporânea — 55\$00

Jaime Cortesão

A COLONIZAÇÃO DO BRASIL

Consolida-se o invulgar esforço editorial que representa a publicação das Obras Completas de Jaime Cortesão: aparece agora o XVIII volume, **A Colonização do Brasil**. Obras Completas de Jaime Cortesão — 75\$00

Reinaldo Ferreira

POEMAS

Reedição de um grande êxito, com prefácio de José Régio. Coleção Poetas de Hoje (3.ª ed.) — 55\$00. Biblioteca dos Rapazes

Alexandre Dumas

ROBIN DOS BOSQUES

(2.ª ed.) — 40\$00

Stevenson

A ILHA DO TESOURO

(4.ª ed.) — 40\$00

Portugália Editora
AV. DA LIBERDADE 13 LISBOA

Poesia e linguagem

Continuação da pág. 1

Ora é a poesia que recupera precisamente essa essência inicial da linguagem (Heidegger aproximadamente, neste plano, da filosofia, mas é significativo constatar-se como o pensamento heideggeriano é atraído obsessivamente pela poesia, de que se nutre em grande parte, como os seus comentários de alguns poemas de Holderlin e de Rilke o testemunham). Tal recuperação implica, no entanto, uma libertação da linguagem dos vínculos da gramática (e da lógica) com vista a uma articulação mais original (7). Esta articulação é pois irreduzível à articulação linguística. Mais do que isso: ela precede-a, dado que a poesia é ela mesma «o fundamento que suporta a História» (8).

No verdade, as origens da linguagem identificam-se com as da poesia, que se contunde, nos seus primórdios, com a linguagem oral e popular. A prosa aparece numa fase posterior da evolução da língua, como resultado de uma codificação do discurso, supondo um domínio normativo da palavra. A prosa é a poesia que se desdobra e não da qual, como geralmente acontece. Neste sentido, importaria falar preferentemente da prosa como «antipoesia», em vez de definir a poesia como «antiprosas» (9). É de resto sabido que o que poé-

ticamente surge como criação de linguagem é absorvido e generalizado pelo sistema linguístico, enquanto «moeda» de comunicação: assim acontece, por exemplo, com as chamadas metáforas de uso.

Mas se a poesia é a matriz da linguagem, se dela se alimentam no seu desenvolvimento e diversificação as linguas naturais, acontece que estas surgem subsequentemente ao poeta como um conjunto de signos significantes, em que a palavra não é já apenas o receptáculo inicial do ser, envolvendo-se num objecto de troca social. Construído inexoravelmente de palavras, o poema não pode entretanto retomá-las como simples signos. Na poesia estabelece-se uma nova relação entre o significado e o significante, que transcende a da linguagem comum, embora dela participe. Como escreve Octávio Paz, «o poema é linguagem — e linguagem original, virgem, antes de ser submetida à mutilação da prosa ou da conversação —, mas é algo mais também. E esses algo mais é inexplicável pela linguagem, ainda que só através dela possa ser alcançado. Nasceu da palavra, o poema desemboca em algo que a ultrapassa» (10).

Esta imanência-transcendência da poesia à linguagem abre-nos ao cerne do problema que nos ocupa: será a linguagem do poeta a mesma que a do sistema linguístico geral? Quais

as relações existentes entre a linguagem poética e a linguagem comum?

Enquanto criador, o poeta repete por assim dizer a génese da língua: em rigor, poderia considerar-se que cada poeta, ao dar vida aos seus poemas, cria a sua própria língua. No fundo, na poesia, não há verdadeiramente uma diferença entre língua e fala: código e mensagem confundem-se. É no poema, e para além dele no todo da obra do poeta, que terá de buscar-se a chave da sua leitura. Seria necessário, à la limite, reconstituir exhaustivamente a língua de um poeta (o seu léxico, o seu sistema de conotações e figuras, a sua gramática, etc.).

Na medida no entanto, em que participa simultaneamente da língua da comunidade, a linguagem do poeta estabelece com ela uma multiplicidade de contactos. Há como que uma transusão recíproca de elementos, através da capilaridade e do diálogo contínuo das duas linguagens. Deste modo a poesia vivifica e alimenta a linguagem comum, procedendo a uma reelaboração criadora da língua.

Numa palavra: irreduzível ao sistema linguístico, enquanto linguagem originária, a linguagem poética está antes e para além dela, situando-se ao mesmo tempo no seu centro.

Em conclusão, pode dizer-se que a simples transposição para a poe-

sia dos modelos estruturais válidos no plano da linguística geral não permite, por si só, uma apreensão da complexidade do discurso poético, apesar de metodologicamente ter ajudado a abordá-lo a delimitá-lo. A linguística deverá continuar-se no seu âmbito de instrumento precioso, mas apenas auxiliar, da poética.

JOSÉ AUGUSTO SEABRA

(1) «Linguistique et Poétique», in: *Essais de Linguistique Générale*, Ed. de Minuit, Paris 1963. (O sublinhado é nosso).

(2) Cf. Nicolas Ruwet, «Limites de l'analyse linguistique en poésie», *Langages*, 12, déc. 1968, pág. 57.

(3) Cf. Jean Cohen, *Structure du langage poétique*, Flammarion, Paris, 1966.

(4) *Approche de Holderlin*, Gallimard, Paris, 1962, pág. 55.

(5) e (6) «Pourquoi des poètes?», in: *Chemins qui ne mènent nulle part*, Gallimard, Paris, 1966, pág. 253.

(7) *Lettre sur l'Humanisme*, Aubier, Paris, 1963, pág. 29.

(8) *Approche de Holderlin*, pág. 54.

(9) É o que faz Gérard Genette, em crítica ao livro de Jean Cohen acima citado. Cf. «Langage poétique, poétique du langage», *Figures II*, Ed. du Seuil, Paris, 1969.

(10) *El Arco y la Lira*, Fondo de Cultura Económica, Mexico, 1956, pág. 105.

O HOMIEM AUSENTE

por Rocha de Sousa

A GALERIA JUDITE DACRUZ, recentemente formada, é neste momento dona de uma actividade cuja orientação se pode julgar positiva, quer do ponto de vista do mercado, quer nos aspectos da exigência artística. Isto quer dizer que não pode ser ignorada e que se situa no plano dos organismos deste género mais responsáveis. A exposição apresentada no dia 12 de Fevereiro, do pintor e gravador João Navarro Hogan, prolonga a justifica a anterior actividade, podendo ser sublinhada com legítimo apreço.



JOÃO HOGAN
Galeria
Judite Dacruz

O caso de João Hogan, para além da sua verificação histórica e do contexto de geração a que pertence, é singular na medida em que nele coexistem a experiência e a densidade de uma visão realista do mundo com o mergulho, descomprometido e plásticamente indagador, num sonho nocturno carregado de presságios. Esta segunda vida do pintor faz-se e prolonga-se no domínio da gravura — nesse mundo precioso e autónomo, ao mesmo tempo aberto e encerrado na sua definição, campo de experiência que tem servido a muitos artistas para uma reconversão dos seus apetites e para uma reflexão que a prática de outras linguagens já não lhes permitia. Esta circunstância não é tão rara como isso e há exemplos eloquentes entre nós. Nesses casos, a gravura assume o papel de processo disciplinador da invenção e de certas derivações especulativas em torno da linguagem pictórica. Em relação à gravura, para além das possibilidades de investigação nela implícitas, as coordenadas técnicas pressupõem regras difíceis de iludir, constantes de oficina que permanecem no corpo da obra, e o jogo tem limites que legam ao trabalho uma dignidade muito nítida. É justamente por essa via que grande parte dos artistas que à gravura se dedicam, num tempo próprio da sua actividade criadora, logram alcançar uma coerência, linguística determinada, reformulando de maneira mais apropriada os problemas debatidos ao nível da pintura, descobrindo assim novas potencialidades expressivas e uma visão diferente das coisas abordadas.

A GRAVURA

Em Hogan, esta questão põe-se com particular nitidez: a sua actividade como gravador, que na Cooperativa de Gravadores Portugueses se divide entre a criação e um notável compromisso docente, leva-o a uma descoberta onírica cuja densidade poética se inscreve num mundo subterrâneo e nocturno, habitado pela mente do homem mas raramente pela sua corporeidade, traído em um corte dramático gufocante e do mesmo passo sedutor. A primeira vista

dir-se-ia tratar-se de uma produção de autor diferente, de uma espécie de heterónimo, de tal modo se acentuam as diferenças de forma e o aspecto imediato da disciplina técnica. Percorrendo um horizonte próximo de formas abstractas, fechado diante do espectador à maneira de um muro trucidado pelo tempo e marcado pela memória ou

aberto contra o rosto de uma noite povoada pelos nossos fantasmas e pelos nossos sonhos, João Hogan não se limita portanto ao exercício e à ilustração das técnicas, antes as supera no plano de uma exigência de expressão que é simultaneamente consciência dos elementos significativos e do seu poder de afirmação. Mas as suas gravuras, pela organização que comportam e pela mobilidade crítica que apesar de tudo permitem, oferecem ao espectador um campo de sugestões pluralmente definidas que facilitam uma leitura a diferentes níveis. Essa é, sem dúvida, uma das suas virtudes. Mas podemos verificar que a pin-



Pintura de Hogan: um sonho nocturno carregado de presságios

tura de Hogan, pelo contrário fiel à permanência de um clima e ao retrato cénico do mundo urbano ou suburbano, consegue aprisionar o espectador num esquema de leitura mais fixo sem por isso se degradar na crise do imobilismo. Exteriormente

muito diferente da gravura, podemos do mesmo modo verificar que lhe é paralela no clima, semelhante na surda aparência das formas, idêntica no dramatismo que nasce no interior do seu corpo e que ultrapassa o simples reconhecimento dos perfis, da terra e do céu.

A PINTURA

Há muito que João Navarro Hogan se tornou fiel a um paisagismo particular, denso, melancólico e goturno. Lenta conquista de uma visão aparentemente neutra do mundo natural ou urbano, essa pintura fez-se de forma indirecta representativa de um certo humanismo na medida em que o homem está de todo ausente dos seus espaços, como numa paisagem de fim do mundo. Curiosamente, essa ausência confere uma insignificância às coisas, mesmo quando elas parecem conservadas e utilizáveis, e lega ao homem desaparecido uma irremediável e urgente significatividade, angustiosamente pressentida e só metaforicamente definida.

Não há qualquer espécie de levandade pictórica nos quadros de Hogan, agora traduzidos numa escala de maior recorte cenográfico. Neles o autor parece ter possuído uma consciência muito nítida de que o homem ausente se pode e deve afirmar e a melhor forma de o aceitarmos terá de ser decidida no rigor com que o seu mundo abandonado se retrata, no manuseamento sentido e grave dos materiais. Céu, terra, estruturas, aterros, colunas de betão aparecem lenta e laboriosamente assumidas no plano, coisificadas, esculptóricas, definitivas, como uma realidade petrificada e inalterável, sobejante para a eternidade de um tempo de civilização. Mas a civilização consumiu-se, permaneceu dela um reflexo sem utilização, ruínas da memória, padrões do tempo perdido, silêncio e futuro. Simplesmente um futuro sem homem, um futuro absurdo porque o homem não existe para o fecundar e transformar. Mas, ligada, densa, precisa, sombria, a pintura de João Hogan aparece assim carregada de uma verdade poética dramática, torna-se abstracta pela inutilização das figuras e das suas cidades,

respira um clima de melancolia e de sonho que, metafisicamente se identifica com a já referida densidade e significação da gravura. Nisso o autor é indiscutivelmente o mesmo, no plano da sua memória e da saudade que o habita. Roçando a permanência desgostante das formas e do modo, Hogan consegue sempre legar à pintura uma dor e uma monumentalidade que a dignificam para a descoberta da leitura e que a intemperalizam na corajosa acentuação do conteúdo.



VITOR POMAR
Galeria
Quadrante

A gravura tem constituído nos últimos tempos, e dentro do quadro artístico português, um dos polos de interesse de mais acentuado desenvolvimento. Muitos artistas de obra confirmada no domínio da pintura têm-lhe dedicado parte do seu tempo de criação e outros deram-lhe mesmo preferência absoluta, seduzidos por um campo de experimentação de contornos muito claros e por uma disciplina plástica que convida a um trabalho sempre fundamental.

Da Sociedade Cooperativa de Gravadores tem saído o melhor da nossa produção no âmbito da gravura e aí se têm formado os nossos artistas mais significativos desse «métier». Por seu turno, muitos jovens integram no organismo em referência a sua formação correspondente, obtendo resultados que se referem com toda a justiça num plano de modernidade. Vitor Pomar, que expõe agora individualmente na Galeria Quadrante, identifica com essa experiência e é um dos elementos da nova geração com personalidade mais segura, em vias de se definir no compromisso demorado de uma atitude estética moderna. Com esta sua exposição, primeira individual, ele confirma o humor e a densidade do seu temperamento, enquanto ensaia uma gravura serial, deliberadamente feita e refeita a partir dos seus meios elementares e de sinais isolados. Completamente, Vitor Pomar faz breves amonestações irónicas que decorrem da desmontagem do processo naturalista e da alegoria mordente.

AUTORES HOJE

João Hogan

JOÃO NAVARRO HOGAN nasceu em Lisboa em 1914. Depois de uma breve passagem pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, tornou-se autodidacta. Dedica-se presentemente à pintura e à gravura. Foi dos primeiros bolseiros da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, e, desde então, tem-se dedicado à orientação do ensino da gravura na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses.

Expôs individualmente na Sociedade Nacional de Belas-Artes em 1951, 1959, e 1964. Na Galeria de Março, em 1953. Na Galeria Domingues Alvarez, em 1955, no Porto. Na Galeria Diário de Notícias, em 1960, 1961 e 1963.

Participou em diversas exposições colectivas, no País e no estrangeiro. A sua participação no quadro da vida artística portuguesa é vastíssima e de enumeração esgotante. Além disso, esteve representado nas seguintes exposições: 1953 — II Bienal de S. Paulo, 1957 — IV Bienal de S. Paulo, I Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian. 1961 — Segunda Exposição de Artes

Plásticas daquela Fundação. 1967 — Exposition de l'Art Portugais du Naturalisme à nos jours, presente também em Paris e Madrid, depois de Bruxelas. 1968 — Exposição «Bianco e Nero», em Lugano, Itália, VI Bienal de Tóquio, Primeira Bienal Internacional de Gravura em Buenos Aires. 1969 — Primeira Bienal Internacional em Liège, Bélgica, Exposição Internacional de Gravura em Ljubiana, Primeira Trienal de Xilografia Contemporânea em Capri, Pintores Portugueses Contemporâneos, no King's College e na Casa de Portugal, em Londres, Gravura Portuguesa Contemporânea, organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian.

João Hogan está representado no Museu Nacional de Arte Contemporânea, no Museu Soares dos Reis, no Porto, no Museu de Angola e em inúmeras colecções particulares. Obteve o Primeiro Prémio na Primeira Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, onde está representado.

A vasta produção de João Hogan cobre um longo período de actividade difícil de enumerar no espaço desta nota de divulgação. A sua obra de pintor distingue-se, à primeira vista, do seu trabalho como gravador. Mas em ambos os domínios o artista consolida um clima dramático de sinal semelhante e a probidade técnica de um trabalho persistente e profundamente honesto. A sua produção pertence desse modo a um plano histórico da arte portuguesa contemporânea e nele se constitui como um dos valores mais significativos. Se a modernidade da sua experiência como gravador se determina com maior evidência, nem por isso a sua obra de pintor perde a densidade e a originalidade que legitimamente a consagrou. Nela se desenvolve um paisagismo simplificado e monumental, de atmosferas surdas, dramáticas, melancólicas e desabitadas. Numa espécie de definição metafísica, esses espaços acusam angustiosamente a ausência do homem para melhor o significarem. Fiel a esta fórmula, João Hogan tem conseguido impor o seu pesadismo e a dignidade persistente da sua visão como pintor.





«De poema em riste»

Vinte e quatro poemas distribuídos por 70 páginas, formato de bolso, paginação cuidada (com a assinatura de Tóssan): eis «De poema em riste», o último livro de José Carlos de Vasconcelos, sua quarta obra no espaço de onze anos. A edição é do autor e tem distribuição das Publicações Dom Quixote.

Embora ressaltando a viabilidade e até a necessidade de um caminho experimental, o jovem poeta de 28 anos, também jornalista (do «Diário de Lisboa») e advogado, afirma na nota prévia: «cada vez mais sinto a minha (e defendo) poesia participante e de comunicação directa». Aliás, José Carlos de Vasconcelos tem dito poesia para milhares de pessoas, em recitais onde o acompanhador mais frequente se chama (só) Carlos Paredes, e algumas composições deste «De poema em riste» vão ser brevemente incluídas num disco.

Entretanto a Inova tem em distribuição a antologia de Cavafy feita por Jorge de Sena, a que oportunamente nos referimos, e as Publicações Dom Quixote seleccionaram um original de Egito Gonçalves, «Fóforo na palha», reenviado já para o Porto a pedido do autor, que pretende incluir alguns poemas inicialmente não previstos. Ainda no domínio da poesia registre-se o aparecimento dos «Poemas datados» de Irenéu Cortes.

Teatro para encenar?

A Galeria Panorama, que nos dera há tempos um original dramático de Natália Correia, lança agora a peça em três actos «O paraíso reencontrado», de Miguel Barbosa (antetítulo: «A mulher que pariu a França»). Barbosa, revelado como ficcionista em 1955, experimentou o teatro oito anos depois com «O palheiro», para publicar de rajada (1964) «Os carnívoros», «O piquenique», «O insecticida», «Uma flor na Morávia» e «Muro Alto». Teatro para encenar, apesar da recente experiência negativa de Natália Correia? Tudo se conjuga para que isso possa acontecer mais depressa em relação, por exemplo, a «O preço», de Arthur Miller, cuja versão portuguesa (Sérgio de Andrade) acaba de vir a lume em lançamento da editora portuense Civilização.

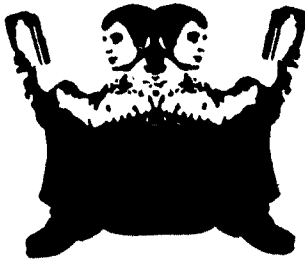
Outros livros, outras gentes

Outros livros (alguns francamente com interesse), outras gentes (de fora parte) para registar.

Aí está o grande sonhador-arquitecto Le Corbusier com «Maneira de pensar o urbanismo» (coleção Saber, da Europa-América); também da editora de Mem Martins-Algueirão, e a iniciar uma série prometedora, o I volume da «História das ideias políticas» de Jean Touchard, com tradução de Mário Braga. «Du côté de chez Moraes» dois novos volumes para a colecção O Tempo e o Modo: «Uma civilização dos tempos livres», ou o problema dos lazes res visto por Georges Hourdin, enfim a «Psicossociologia do trabalho» — quase um contraponto — de Pierre Jaccard.

Do Porto chegam-nos «A economia dos países subdesenvolvidos», do indiano Jagdish Bhagwati (a tradução é de Armando Castro, o que constitui só por si uma garantia), recente achega da Inova para a sua Biblioteca Universal; e com a chance da Civilização mais três livros, a saber: «Erros judiciais», do advogado francês René Floriot (Maitre Floriot, o nacionalista), «Condução de empresas», de H. R. Light, e uma curiosa «Sociologia das histórias e aos quadradinhos», de Jacques Mamy, que para ser mais curiosa tem prefácio de René Goscinny («Astérix»).

Anotámos ainda, vinda da Argentina, a «Historia del Club Português de Buenos Aires», por José Mendes Pereira e José Dias Rato, «con motivo de celebrarse el cincuentenario de su fundación».



Ficção estrangeira

Mandargues (André Pieyre de) seria sempre notícia mesmo sem o Goncourt que lhe deram há três anos. Pois foi o romance de Goncourt, «A margem», que a Portugal incluiu há dias na sua colecção Contemporânea, propondo à circulação uma obra «onde vibram as mais insuportáveis tensões do desejo, da solidão e da morte» (apud François Nourissier).

Com todo o ar de surpresa a Civilização publicou também de fresca data mais uma tradução do japonês Kobo Abe, que revelara ao público de língua portuguesa com «A mulher de areia». Agora coube a vez ao premiadíssimo «A máscara», entretanto cinematizado por Hiroshi Teshigahara.

Papel científico

Vimos igualmente nos escaparates «Perdão para um inimigo», de Max Catto (Publicações Novo Mundo), «Na casa da morte», de Edgar Smith (Publicações Europa-América, com uma cinta a classificar o autor de «um novo Chessman»), «Operação Cáceres», de L. C. Moysich (Edições Dêgá), e o livro de contos «Mar, amor e morte», de Zilda Candelas Varandas («enfim... quer o leitor neles se deleite ou não, eu encontrarei nos meus contos consolação»). Dois policiais para os entendidos — «Teste para um espão», de Roderick Child (Edições Dêgá), e «Perseguição diabólica», de Rex Dolphin (idem) — fazem guarda de honra a «O assassínio de Sharon Tate», ou as revelações da tão falada Susan Atkins a Lawrence Schiller (Editorial Minerva), enquanto a Galeria Panorama nos oferece, «elaborado em PAPEL ESPECIAL, opaco e de cor, preparado cientificamente para leitura nocturna», um policial de Leonard Holton com o título (sugestivo) «O segredo do falso santo».

Balanço da semana: encerradas as contas de 1969 as nossas editoriais rompem logo com todas as peças, notando-se como tendência dominante um grande volume de traduções em detrimento dos originais portugueses. Ou: como do antecedente sem alteração.

UM BICO DE ORELA A CRISE DA CRÍTICA

Os organizadores da antologia «Teatro e Vanguarda» (ed. Presença), que foi publicada, no número 600 (19/2) deste Suplemento, pelo nosso colaborador Carlos Porto, enviaram-nos o texto que a seguir reproduzimos.

O PROPOSITO desta res-
posta, muito menos do
que a obediência a esta
ou aquela intenção sub-
jectiva (já que se critica
à base de intenções), é o
de servir a informação e
a formação de um públi-
co. Quer a critica publi-
cada, quer aquela que ex-
põe algo a consideração
de um público, e por tan-
to de uma critica, intro-
metem-se nesse processo
de informação e forma-
ção. Dai que os seus acer-
tos ou desacertos venham
a reflectir-se nesse pro-
cesso. Ora, assim como o
critico entendeu fazer pú-
blicamente alguns repa-
ros à organização de de-
terminada antologia,
também nós, os seus or-
ganizadores, porque achá-
mos que a critica enfer-
ma por sua vez de vícios
que em nada contribuem
para o esclarecimento de
um público, nos sentimos
no dever de assinalar es-
ses vícios.

Passemos pois a comen-
tar a «critica» que Carlos
Porto move à antologia
intitulada «Teatro e Van-
guarda», procurando ex-
trair dela os esclareci-
mentos que se impõem.

A primeira preocupação
do critico incide sobre o
título da antologia. Acha-o ambiguo, desfasa-
do do conteúdo, infeliz.
Começamos por duvidar
da importância desta
questão. Não nos custa
até concordar que outros
títulos poderiam encabe-
çar a antologia, na medi-
da em que admitimos que
a relação entre um título
e um texto é necessári-
amente frágil. Se com um
título pudéssemos revelar
toda uma obra, então tal-
vez nem fosse necessário
escrever a obra. Para nós
um título não é mais do
que uma tabuleta, uma
seta a apontar um dado
percurso. Entre ele e a
obra há um campo ines-
gotável de ambiguidades.
Até mesmo quando o des-
gosto acerca do título é
deduzido das suas rela-
ções com o texto — como
foi o caso presente — não
vemos que as considera-
ções de Carlos Porto se-
jam satisfatórias. Ele de-
clara que não sabe «que
vanguarda» se procura
definir na antologia e, no
entanto, acaba por encon-
trar «as mais estimulantes
possibilidades de um
auténtico teatro de van-
guarda» no teatro bre-
chtiano — precisamente
aquele teatro a que dedi-
cámos as citadas 91 pági-
nas nas 179 do volume.
Não servirá isto de indi-
cativo de uma dada no-
ção de «vanguarda»?
Também não reparou o
critico num texto de Ber-
nard Dort intitulado «A
vanguarda em suspenso»,
onde se procura definir
um conceito de vanguar-
da, e cuja relação com os
outros textos selecciona-
dos não é abstracta nem
arbitrária. Se tivesse ha-
vido um a preocupação
menos apriorística, me-
nos «suspeitosa» por par-
te de Carlos Porto, talvez
se pudesse ter dispensado
de formular questões ocio-
sas. Mais ainda, quando
Carlos Porto alvitra que
possivelmente os adeptos
do teatro do absurdo não

dância nas profundas de-
ficiências metodológicas
ou até numa ausência de
qualquer metodologia cri-
tica em Carlos Porto. Mas
disso ocupar-nos-emos
adiante.

Por agora, parece-nos
legítima e não excessiva-
mente infeliz a escolha da
epigrafe «Teatro e Van-
guarda», ainda que pouco
dispostos a empenhar-nos
numa improficua guerra
de cabeçalhos.

Passando a um ponto
seguinte da sua «critica»,
aceitamos que nem todos
os ensaios tenham igual
nível — seria pedir mul-
to! Mas o que admitimos
é uma relativa unidade
na organização desses
textos que, até surgir



issilva

por Alexandre O'Neill

rodrigo pereira	issilva
soares constante	issilva
alves bandeira	issilva
simões quintino	issilva
macedo bastos	issilva
sotto mayor	issilva
rosado rosado	issilva
nunes fernandes	issilva
vieira tavares	issilva
rebelo teixeira	issilva
madeira romão	issilva
vicente cabral	issilva
noqueira guerra	issilva
espírito santo	issilva
de maldonado	issilva
de lacerda	issilva
de moraes	issilva
nunes valente	issilva
i. lacombe	issilva
domingues magalhães	issilva
m. athayde	issilva
monteiro pires	dassilva

UNIVERSITÁRIO/A

Dinâmico, com espírito de iniciativa e boas relações pessoais, para actuar em sector de programação e contróle de actividades de investigação de orga-
nismo público em Lisboa.

Remuneração global que pode atingir cerca de 8 700\$00.

Enviar curriculum, indicando curso, data da sua conclusão, idade, lugares e funções que tem desempenhado, anos em que ocupou esses lugares e qual-
quer outras informações.

Resposta a este jornal, ao n.º 446.

BRA: TICA

uma crítica pertinente em contrário, continuaremos a reivindicar. Nem nos contenta o breve comentário impressionista alegando que alguns textos parecem excessivamente circunstanciais. É preciso nomeá-los e estabelecer criticamente a sua circunstancialidade.

Também estamos de acordo quanto à referência à incompletude da antologia. Para além de uma incompletude inerente ao próprio processo antológico que o crítico reconhece, há ainda a incompletude determinável a partir da definição do critério perfilhado. Mas a limitação de uma referência vaga à incompletude, o crítico permanece silencioso, precisamente no ponto onde lhe era exigido pronunciar-se: acerca do critério que presidiu à selecção dos textos.

Quanto à alusão sobre a falta de um texto preliminar, a que o crítico dá tanto relevo, pertence ainda ao tipo das observações fáceis. Basta ele lá não estar, para que se diga que não está. Mas, em lugar de uma crítica de rodeios, salta pocinhas, que nunca se defronta seriamente com o seu objecto, muito mais nos importava a todos — leitores e organizadores — saber se o conjunto dos textos não apresenta uma unidade de informação capaz de desempenhar o papel a que a sua organização se propôs: definir uma linha de vanguarda dentro do teatro contemporâneo. Se esse objectivo tiver sido alcançado, a eloquência da própria antologia pode dispensar um prefácio redundante.

Quanto à «descoberta» de que «a organização do volume releva mais de



carácter comercial do que de uma intenção pedagógica, nada mais é do que uma pirueta acritica de Carlos Porto. Bem gostaríamos de saber em que indícios assentou tão sagaz «descoberta». Mais certos andariamos nós, tendo como indício a arbitrariedade do crítico, em interpretar tal «descoberta» como uma manifestação de má-fé. Mesmo quando uma antologia falha metodologicamente — o que neste caso ainda está por discutir — passar da análise dessa falha para a aplicação de um rótulo — no nosso caso o de propósitos mercantis — é descer da crítica para a acusação gratuita. E isto é uma séria deficiência, que não podemos deixar de assinalar.

Até mesmo a referência à omissão de um texto sobre o «happening» cai na acusação, já feita por Carlos Porto de incompletude; mais uma vez seria sua obrigação, no caso de ser sua intenção o esclarecimento do público, justificar objectivamente a dimensão de tal ausência no conjunto da antologia.

Antes de mudarmos a orientação da nossa resposta, formularemos uma última pergunta: será que uma definição de vanguarda que parta de Brecht conferindo-lhe um plano de relevo primordial, articulando-a de seguida com a estética de Artaud, passando criticamente para as experiên-

Cnótina na pág. 6

Resposta de Carlos Porto

EU TAMBÉM ACREDITO no discernimento do público: deixemos, pois, que ele leia a antologia e, se entender necessário, a minha nota crítica. Sou de opinião (peço desculpa por ter opiniões) que o título do volume não é

suficientemente elucidativo (poder-se-ia dizer, brechtiano) * e continuo a pensar que um texto preliminar ajudaria o leitor não iniciado a melhor apreender as intenções da Antologia. O que me levou a pensar que aquela denunciava um carácter mais comercial do que didáctico foi ter admitido a hipótese da ausência do texto em questão ser motivada mais por razões editoriais do que culturais. Admito estar enganado.

O meu artigo foi, de facto, remunerado. Espero que a Antologia também o tenha sido.

Quanto à crise da crítica, no caso que me diz respeito, é sinal de que estou vivo, obrigadinho.

CARLOS PORTO

* Perante o título «Teatro e Vanguarda», o leitor saberá de que vanguarda se trata? Não é, normalmente, uma vanguarda antibrechtiana que se identifica com a vanguarda?

Colaborador(a)

Editora admite em part-time pessoa culturalmente actualizada e com conhecimentos de idiomas p/ constituir comité de orientação de colecção de livros culturais (arte, sociologia, política, etc.). Resposta com referências, idade, tempo disponível e remuneração a este jornal ao n.º 446.

LISBOA EM VIAS DE SALVAÇÃO

Folhetim artístico de José-Augusto França

A O deixar a presidência da Câmara Municipal de Lisboa, o general França Borges fez aprovar um diploma que protege, enfim, legalmente esta cidade em que vivemos — e que há longos anos vem sendo vítima de especulações e negociações, num extenuante canibalismo cultural definido ao nível de construtores incívicos e de ainda piores proprietários.

A importância da legislação agora aprovada (e que será necessário analisar pormenorizadamente em outro local) não me parece ter sido sublinhada pela Imprensa; trata-se, porém, no domínio lisboeta (com possibilidades de irradiação), de um documento do maior valor — e de uma data histórica na protecção ao património nacional, considerada de modo lato, em todo o País, e em função de um processo de salvaguarda que passou a ser entendido dentro de critérios modernos.

QUERO dizer de critérios que passavam do plano da morfologia para o da semântica, das formas para o seu sentido.

Assim se define a «imagem» dos quarteirões, das ruas, dos bairros e das zonas — aspecto de cada uma destas unidades tomada como uma unidade orgânica constituída por elementos estruturais, físicos e morais. Daí que seja necessário considerar a organicidade e a estrutura do conjunto observado para lhe definir visivelmente a imagem.

«Uma cidade (afirmei eu num Congresso de Salvaguarda de Valores Urbanos, em Lisboa, em Setembro de 1968) é ao mesmo tempo um facto cultural e consciencial ou, se quisermos (e se não tivermos medo das palavras) um «facto de almas». Como o dizia, em 1924, um dos criadores do urbanismo moderno.»

Este congresso teve importância e dele aqui falei, em folhetim. A minha participação foi feita por encargo camarário — e em outra comunicação expus o que para a mesma Câmara estudara e propusera, em matéria de preservação de bairros históricos e de outros valores. Estudo e proposta que vejo agora genericamente e com força de lei.

PERDÔE-ME o leitor a autocongratulação, mas ela não me diz respeito só a mim. De parabéns está o general França Borges, e todos os munícipes, um pelo que fez (e poderá dizer: ousou fazer) e os outros pelo que disso vão beneficiar. Eu, por mim, limitei-me a estudar o assunto — e a receber algumas má-criações telefónicas, em vozes de inimitável sotaque de mestre-de-obras; ou de mais fino «accent» de proprietários desiludidos...

Na verdade, o problema ultrapassa o plano imediato e lucrativo em que uns e outros individualmente se movem, para passar a outro, em que colectivamente todos nos movemos. A cultura é, precisamente, um caso da colectividade. Que agora foi protegida.

Em bom tempo o foi; mas em melhor tempo o teria sido, se a legislação agora promulgada tivesse entrado em vigor vinte anos atrás. O que de crimes contra o bem-comum de Lisboa, se não teria evitado!

Realistamente, porém, consideremos que mais vale tarde do que nunca, e a ter ficado na gaveta este diploma, por mais um ano ou dez, seria muito pior — ou irremediável.

PROTEGER as zonas de estrutura urbana anterior ao terramoto; as zonas de definição (embora nem sempre de construção) pombalina; as zonas românticas, lentamente edificadas ao longo do século XIX, e então fixadas no «imaginário» de Lisboa (como a Lapa, a Politécnica, a Graça); as zonas periféricas semi-autónomas da Junqueira, das Laranjeiras ou de Benfica; as zonas periféricas autónomas, do Paço do Lumiar, da Charneca, da Ameixoeira, dos Olivais-velho, da Luz-Carnide (tão avidamente ameaçadas, todas!) — é o princípio básico do diploma, extensivo a unidades imobiliárias de carácter especial — algumas das quais a Câmara está acertadamente comprando.

Lembro-me de ter terminado o estudo-proposta para a C. M. L. com umas palavras dactilografadas em maiúsculas propositadas. Diziam assim: É PRECISO ACABAR COM O MASSACRE DE LISBOA!

COM este massacre se terá acabado agora. Haverá um ou outro «golpe» em nome de direitos provavelmente (mal) adquiridos, obras em curso (como esta, agora acabada, que destrói, por vizinhança abusiva, o notável prédio de azulejos historiados a norte do Largo Rafael Bordalo Pinheiro, ao Chiado — edifício único em Lisboa que teria merecido uma zona de protecção) — o diabo, ainda! Mas que não haja «coisas novas», por portas-travessas a anular, subrepticamente o efeito da legislação. Que esta seja criteriosamente aplicada pela comissão a nomear — comissão de responsabilidade burocrática, técnica e também no campo da história urbana — para não ficarem dúvidas e haver discussões ociosas com perdas de tempo e prejuízo para todos.

Assim se defenderá a Lisboa que é de nós todos, porque é um elemento da cultura nacional — que ou se defende ou não.

ANDRÉ
PIEYRE DE
MANDIARGUES:
um genial
romancista



dois grandes
livros:
A MOTOCICLETA
A MARGEM
(Prémio Goncourt)

“Repeti-lo-el, como já disse duas ou três vezes: Pieyre de Mandiargues é o nosso maior romancista. Mandiargues é o ‘número 1’ da nossa época, se ela quiser passar à posteridade.”

E.-M. ALBÈRES
Les Nouvelles Littéraires

“Das três obras de Mandiargues mais conhecidas pelo público, Le Lie de Mer é a mais perfeitamente desenhada, A MOTOCICLETA a mais enfeitadamente sensual e, sem dúvida, A MARGEM é o romance do autor onde vibram as mais insuportáveis tensões do desejo, da solidão e da morte.”

FRANÇOIS NOURISSIER
Les Nouvelles Littéraires

Coolecção Contemporânea

A MOTOCICLETA 50\$00
A MARGEM 55\$00

PORTUGÁLIA EDITORA



CINEMA QUE VEMOS

	AC	APV	DL	EG	JCM	JVP	LA	MML	SS	VST
Os Ratoneiros (Mark Rydell)	1	—	—	1	2	—	3	2	—	—
O Destino Marca a Hora (H. Campos)	—	0	—	0	0	—	0	0	0	0
A Rapariga do Auto-Stop (Peter Hall)	2	—	2	—	2	—	3	2	2	—
Erotissimo (G. Pires)	—	—	1	2	0	3	3	2	—	3
Dia de Cólera (Carl Th. Dreyer)	5	5	5	5	5	4	5	5	5	4
Marido Velho, Mulher Nova (A. Lattuada)	—	—	—	—	0	—	—	1	0	—
A Sangue Frio (Richard Brooks)	—	1	4	2	—	4	4	4	—	3
Aquele Dia no Parque (R. Altman)	—	—	—	(*)	(*)	(*)	(*)	(*)	(*)	(*)
As Mulheres (Jean Aurel)	—	—	—	—	0	—	0	0	0	—
Os 5 Avisos de Satanás (J. L. Merino)	—	—	—	—	—	—	0	—	—	—
A Sereia do Mississippi (F. Truffaut)	—	5	—	4	5	—	—	2	3	—
A Lição Particular (Michel Boisrond)	—	—	—	1	—	1	1	1	—	—

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: AC (Adelino Cardoso, Rádio e Televisão); APV (António Pedro Vasconcelos, Jornal de Letras e Artes); DL (David Lopes, ABC Cine Clube de Lisboa); EG (Eduardo Geada, A Capital); JCM (João César Monteiro, O Tempo e o Modo e D. L.); JVP (José Vaz Pereira, Diário Popular, Seara Nova e D. L.); LA (Leandro António, O Leste e o Oeste); MML (Manuel Machado da Luz, Seara Nova e D. L.); SS (Seixas Santos, Diário Popular) e VST (Vitor Silva Tavares, D. L.).

(*) Declara que só viu o filme em Lisboa e recusa-se a dar classificação

Um bico de obra: a crise da crítica

Continuação da pág. 5

das do Living e do teatro de Grotowsky, para terminar nessa «vanguarda» bem caracterizada que nos propõe o texto de R. G. Davis, será que este critério não merece uma crítica que supere o debicar de minúcias e lugares-comuns em que o comentário de Carlos Porto se fixou?

Chegamos, assim, a um ponto fulcral de toda esta questão: o de saber se uma «crítica» que deixa tantos senão todos os problemas no mesmo sítio, releva dessa intensão pedagógica que tão facilmente denega nos outros. É um inventário do próprio texto «crítico» de Carlos Porto que nos permite descobrir essa curiosa metodologia estruturada num puzzle de apreciações empíricas, pessoais e inconclusivos, suspensas e floreos de informação.

Procedamos, assim, ao inventário e respectiva classificação:

a) APRECIACÕES EMPÍRICAS E PESSOAIS - MOS NÃO CONCLUSIVOS:

«Pela minha parte não vejo nisso inconveniente» (referência à predileção de Brecht), pois é nele que encontramos possibilidades de um autêntico teatro de vanguarda. É certo que os

adeptos do chamado teatro de absurdo ficarão um tanto perplexos e não aceitarão, possivelmente, a vanguarda aqui proposta». (Em que ficamos: na preferência do crítico ou na perplexidade dos adeptos do teatro do absurdo?).

«Eu diria que o título é infeliz (embora com boa carga publicitária)...



(Por que é que diria que o título é infeliz?).

«É certo que nem todos os ensaios tem igual nível: alguns parecem-me excessivamente circunstanciais». (Por que lhe parecem tal?).

«É certo que o volume é desequilibrado». (Seu certo para o crítico, mas para os outros... Não basta impingir essa certeza pessoal do crítico).

«É certo que é bastante incompleto (mesmo admitindo que nunca poderia ser completo)». (Outra vez as certezas do crítico, como se bastasse a sua palavra para a certeza de comunicar ao mundo; nem se preocupa em articular o que afirma fora dos parentesis com o que está dentro deles).

«Contudo o que nele me parece mais criticável é a ausência de um texto preliminar, em que os coordenadores guiassem os leitores através das aventuras do teatro contemporâneo que se reflectem nos textos antologados». (Parece-lhe? E porquê? Quais são as lacunas e os problemas que a matéria antologada deixa em aberto para se impôr o esclarecimento preambular? Silêncio! Apenas a apreciação descuidada, o lugar-comum).

b) O ADJECTIVO E A SUSPEITA:

«Parece-me ter havido a exclusiva preocupação de misturar uma dúzia de textos com mais ou menos interesse tocando assuntos mais ou menos candentes». Porquê? Parece-lhe e, uma vez mais, fica-se por aí. Não terão os coordenadores tido um critério, qualquer que fosse, na selecção? Em que medida o objectivo foi, mesmo que parcialmente, atingido? Mais uma vez Carlos Porto fica mudo. Apenas a suspeita do crítico lançada gratuitamente no papel. Desde quando os «pareceres» de uma crítica esclarecem o que quer que seja? «Por isso, a organização deste volume revela mais de um carácter comercial do que de uma intenção pedagógica». (Por que releva? Onde estão as provas dessa acusação? Como seria fácil concluir da crítica de Carlos Porto que ela releva mais de uma intenção de colaboração (e em uma nerada) num suplemento de jornal, do que de uma to-

mada de consciência da sua responsabilidade de crítico...).

«E foi pena, porque os textos aqui reunidos, com outros que os completassem dentro do possível, poderiam ter proporcionado uma visão esclarecedora do caminho, muitas vezes fascinante, percorrido pelo teatro dos nossos dias. Já não me refiro à desactualização em relação a certos movimentos mais recentes...» (MAGISTER DIXIT. Mas porque é que a antologia não proporciona essa visão? Onde está a desactualização dos textos? Silêncio)

c) FLOREOS DE INFORMAÇÃO: os últimos períodos do parágrafo final.

Quando a um referencial do crítico, é-nos completamente desconhecido. Para além de uma simpatia por Brecht que recela as perplexidades dos adeptos do teatro de absurdo, e de um reconhecimento da importância de Artaud, o resto são as imprecisões e confusões entrevistas. Não admira que com tais «instrumentos» não se possa ir além de um eterno mastigar

de prosa a encher páginas de jornais. É isto que não nos serve e que tem de ser arredado para a instauração entre nós de uma verdadeira prática cultural.

Para finalizar, queremos ainda notar que o inventário que fizemos atrás em nada obedece

aquele esquema de montagens que desvirtua a unidade e a verdade de um texto. Fizemos os possíveis por respeitar tudo quanto o texto de Carlos Porto contém e não é da nossa responsabilidade — mas unicamente da responsabilidade do crítico — que esse texto nada

contenha para além do que inventariamos. Remetemos os leitores, a fim de tirarem a contraprova do que asseguramos, para o próprio texto de Carlos Porto intitulado «Teatro e (que) vanguarda».

LUZ CARY,
J. JOSÉ MOURA RAMOS



O TEATRO DE Oa5

	AB	CP	FM	JB	JSM	MM	MA	MHDM	ON	UTR
Dias Felizes (Samuel Beckett)	3	4	4	4	5	5	4	4	4	4
CASA DA COMÉDIA										
Pobre Milionária (Marcel Mithols)		1	2			2	2	1		1
TEATRO MONUMENTAL										
Pega de Caras (P. Fonseca, C. Oliveira e Rogério Bracinha)		0	0	0		0	0	0	0	0
TEATRO A B C										
A Relíquia (Eça de Queirós)	3	3	3		3	4	4	4	3	3
TEATRO MARIA MATOS										

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

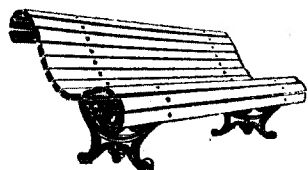
OS VOTANTES: AB (Alexandre Babo, Jornal de Notícias), CP (Carlos Porto, Diário de Lisboa e Notícias), FM (Fernando Midões, Rádio & Televisão), JB (Joaquim Benito, Impacto), JSM (Jorge da Silva Melo, Jornal de Letras e Artes), MM (Manuel Magro, Diário Popular), MA (Manuela de Azevedo, Diário de Notícias), MHDM (Maria Helena da Mesquita, A Capital), ON (Orlando Neves, República e Sul-Expresso), UTR (Urbano Tavares Rodrigues, O Século e Seara Nova).



as máquinas de pensar decidem?



Metálicas, dinâmicas, electrónicas, exactas — exactamente: exactas — as máquinas de pensar colaboram com a nossa tradicional experiência bancária. O actualíssimo computador electrónico que maneja os nossos dados e transmite — num tempo record — as decisões dos nossos funcionários especializados, que olham o seu caso com o mais humano e positivo dos interesses. Assim, servido pela nossa técnica moderna, você dispõe, da nossa tradicional segurança e experiência, e, ainda dos mais modernos e eficientes métodos de trabalho.



BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente



EXPO 70 OSAKA

Homens como Você não podem faltar em Osaka!

EXPO 70 — «Progresso e harmonia para a humanidade». É este o tema do grande certame internacional. Não falte à Feira Mundial de Osaka! O Japão espera-o... Preparámos uma esplêndida viagem para si. Ao seu nível: Hotéis de 1.ª classe (1/2 pensão), excursões, visitas guiadas, etc. Um preço de viagem aliciente e um sistema de crédito com que pode contar! Partida: 25 de Abril. Em colaboração com a KLM (peça-nos programa detalhado)

ORGANIZAÇÕES MULTITUR

LISBOA:
SOC.COM. OREY, ANTUNES & C. LDA.
R. DUQUE DA TERCEIRA, 4/T. 32271, 369346
E. PINTO BASTO & C. LDA.
R. DUQUE DA TERCEIRA, 20-26/T. 36181, 364639
SOC.COM. GARLAND LAIDLEY, SARL
RUA DO CAIS DO SORE, 24/T. 33191-3, 330411-6
AGÊNCIA DE TURISMO MOÇAMBIQUE
R. A. AUGUSTO AGUIAR, 9/T. 47115-4, 533018
PORTO:
TAT & C. LDA.
R. INFANTE D. HENRIQUE, 19/T. 21007, 27296
PARIS:
EVA — VIAGENS TURISMO
R. INFANTE D. HENRIQUE, 76/T. 23025

António Ramos Rosa e a Crítica

Continuação da pág. 1

ma-se o livro *Anti-Platon* e diz no poema primeiro. «Ce rire couvent de sang, je vous le dis, trafiquants d'éternel, visages symétriques, absence du regard, pèse plus lourd dans la tête de l'homme que les parfaites idées, qui ne savent que déteindre sur sa bouche.»

Quando a literatura se volta sobre si mesma, ela não se afasta do mundo (mas de um certo mundo, destinado, pelo trabalho da história, velha toupeira, a desaparecer). Pelo contrário, nunca esteve tão próxima dele. Porque ela vai pensar pela primeira vez o que nunca até aí pensou: a distância que do mundo a separa, a diferença que a constitui. A literatura terá agora o encargo de transportar com ela as grandes questões: porque, ao reflectir sobre o seu estatuto sobre a essência que a distingue, ela sabe desde agora que vive numa só e imensa e desesperada utopia. Ela sabe que o verdadeiro escritor é sempre o que procura o que está para além dum (precário) saber: o que sempre é o lugar outro onde se afirma a dança, o riso, a liberdade, o erotismo, o jogo, a festa. Assim, rodando a arte sobre si a revolução da arte é agora a verdade extrema da revolução.

A Modernidade tem portanto um sentido preciso. Podemos ver que, depois de ter cumprido duas funções, a religiosa e a «humanista», a arte abre-se agora no seu próprio espaço. E sabemos que esse espaço é o não-lugar que subverte a estabilidade dos lugares. E que, como espaço que é, ela aceita e exclui. A Modernidade tem a sua Lei (que é talvez a da Transgressão).

Não se trata aqui propriamente de juízos de valor. Há obras que, situando-se antes dela, Modernidade, embora escritas depois, podem ter o seu próprio inegável valor. Simplesmente, reservemo-nos o direito de dizer que elas não nos interessam.

Na poesia portuguesa, é possível traçar com certa clareza uma história (ainda vaga) da Modernidade (onde Ramos Rosa tem um lugar importante). É isso o que começa a fazer, com uma ou outra hesitação e alguma timidez, o ensaio de Fernando Guimarães, *A poesia da Presença e o aparecimento do neo-realismo*. Nele se valorizam, numa certa pré-história, nomes como os de Garrett e Nobre (Cesário parece esquecido) ou movimentos como o do simbolismo. E Fernando Guimarães nota que a aventura proposta por Fernando Pessoa e pelo primeiro grupo modernista português só parcialmente foi assimilada pelos «presencistas», que estavam enredados numa tradição lírica reforçada pelo subjectivismo romântico. E se, como excelentemente observa Fernando Guimarães, um dos aspectos da radicalização da Modernidade é a exigência que nela se cria duma leitura nova, então há que reco-

nhecer, como o ensaísta o faz, que, «mau grado uma aparente originalidade, a linguagem de Régio ou Torga cabe dentro daqueles códigos ou moldes de leitura que se usaram tradicionalmente, ao contrário do que aconteceu com o nosso simbolismo e modernismo.» (pp. 80-81).

Partindo duma análise dos textos críticos dos «presencistas», Fernando Guimarães observa que o seu metafisicismo, que leva à criação dum sujeito absoluto, implica que não cheguem «a tocar o solo da sua linguagem.»

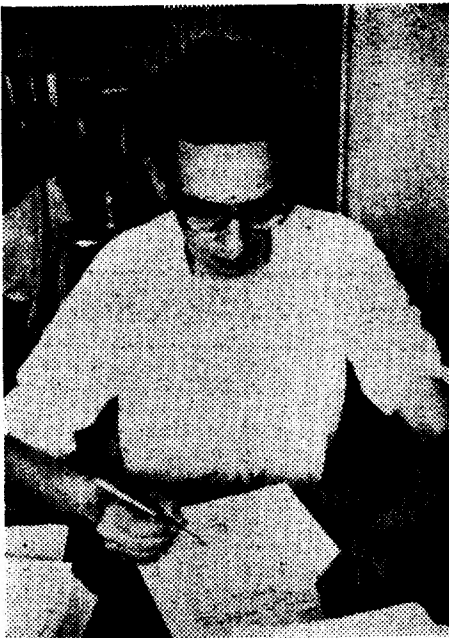
Mas não há apenas ausência dum tipo de reflexão, há recalçamento. Daí a desvalorização do maior poeta que, duma forma ou doutra, se pode ligar à Presença: Vitorino Nemésio. E a diminuição da importância de Mário Saa, António de Sousa e Adolfo Casais Monteiro.

Este recalçamento é o ponto axial que explica que a Presença, embora aceitando certos aspectos de Modernidade exterior, e tendo até o mérito de os ter divulgado e propagandeado, recuse internamente o processo efectivo dessa Modernidade. Esta é a questão essencial, que o livro de Fernando Guimarães aponta com inteligência e pertinência, para depois quase atenuar.

É Gaspar Simões quem, num texto sobre Nemésio, que Fernando Guimarães cita, nos dá em fórmulas concisas o mecanismo do recalçamento: «anteriormente às formas verbais da poesia têm de existir sentimentos poéticos», «há na poesia um elemento que tem de se ir buscar não às formas verbais, mas à sua estrutura psicológica»; «a poesia é anterior à expressão em que se traduz». Como já vimos também, em relação a Régio, a linguagem aparece como um mal necessário.

Inútil recorrer aqui à psicolinguística. Inútil ler Freud, que no entanto diz na *Metapsicologia*: «a representação de objectos conscientes cindem-se em representação da palavra e em representação da coisa... estas duas representações não são inscrições diferentes, nem estados de investimento funcional diferentes no mesmo lugar: a representação consciente da coisa compreende a representação da coisa mais a representação da palavra que lhe pertence.»

Inútil repetir como Mallarmé a Degas que a poesia se não faz com ideias mas com palavras. Inútil observar como Valéry o faz a propósito desta frase que as ideias e sentimentos de Degas eram também palavras e que por isso a poesia é uma «linguagem na linguagem». Inútil tudo isso. Há sempre a substância poética da alma, a riqueza da vida interior — noção pré-marxista, pré-freudiana, pré-fenomenológica. Seria preciso uma longa psicanálise, e, como Freud o notou, em última instância, interminável. Não há nada a fazer: é um recalçamento.



Ramos Rosa: lugar na modernidade

Simplesmente, os sintomas agravam-se. E a evolução do caso tem consequências, sobretudo quando a crítica de poesia em Portugal tende a desaparecer. É vermos o que sucedeu ao último livro de Ramos Rosa, é lermos a crítica de Gaspar Simões. Perante uma obra de valor, os sintomas referidos tornam-se mais agudos.

É curioso ler a crítica de Gaspar Simões porque nela se condensam, com feliz concisão, muitos equívocos em voga. Diz-se, por exemplo, que Ramos Rosa estabeleceu que em Portugal a era da poesia «clássica» acabou em 1960. Estranha afirmação, é evidente, a que o crítico replica com uma argumentação extremamente cerrada: não há clássicos nem modernos, pela simples razão de que o moderno com talento já é clássico. Independentemente da afirmação atribuída a Ramos Rosa, estaremos nós a brincar às escondidas?

Descobre então o crítico que os mestres da nova idade moderna são Rimbaud e Mallarmé — franceses. Esclareçamos que o crítico tem horror aos franceses — reflexo que lhe deve ter ficado do tempo das invasões. Mallarmé foi mestre (digo crítico) desta poesia que define o poema como totalidade aberta ao contrário das obras anteriores que eram totalidade fechada. Seria aqui importante lembrar o que nota Fernando Guimarães: a Modernidade implica uma nova leitura, mas essa leitura estende-se a aqueles que a precederam: a Modernidade implica uma história outra, que não é absoluta, mas se reconhece histórica como as outras.

Observa Gaspar Simões que, a partir de agora, o poema parte do nada, o que nos angustia. E depois de considerações sobre se o poeta infunde ou não infunde qualquer conteúdo psíquico ou anímico no poema, o crítico passa para

Rimbaud. Notemos, também, de passagem, que seria estranho que um poema feito de palavras não tivesse «conteúdo» psíquico. É estranho também que sendo a linguagem especificamente humana ela conduza à desumanização. Adiante.

Quanto a Rimbaud, vamos ficar a saber que era um visionário, que procurou tornar visível uma realidade a que só têm acesso os visionários. Deixemos no entanto esta interpretação de compêndio, para lermos aquele período inesquecível em que Mallarmé aparece como um pobre diabo. É logo de entrada, «modéstissimo professor de inglês», e não sabemos nós se o «modéstissimo» se refere apenas a ausência de vaidade, se alude a pobreza de recursos (problema grave, mas aqui um pouco deslocado) ou se vai mais longe e num golpe de audácia pretende insinuar que se tratava de um homem intelectualmente mediocre.

Depois de dizer que Ramos Rosa pretende que Fernando Pessoa é um poeta «ultrapassado», o crítico entra no comentário do livro de Ramos Rosa, o que já começa a tardar, para dizer que aquilo da «construção do corpo» é uma construção «humanamente pobre».

Aqui há um episódio saboroso. O crítico leu o livro, mas, partindo do seu método e da sua teoria, ele não o pode ler. Acontece assim que lê o livro e não lê nada. Transfere então o crítico a pobreza para o autor, processo conhecido. E não se inquiete: se antes do poema não há nada, então diz logicamente Gaspar Simões, no poema não há nada. É caso mesmo para perguntar se o livro existe.

Sabemos hoje que sim. Porque, em determinado instante crítico, que andava à deriva, vê terras de Espanha e areias de Portugal: descobre em Ramos Rosa «o fresco sensualismo da sua infância algarvia». Inesquecível este momento em que o crítico avista o Algarve! Momento histórico! É interessante porque se trata de um poema («Aqui mereço-te») que em nada se distingue dos outros, a não ser por duas referências que apareceram ao crítico como tábuas de salvação: «aqui», que, pressupondo-se a origem geográfica de Ramos Rosa, deve ser o Algarve em dia de bom tempo, e «minha filha». Eis duas coisas que o crítico muito profunda e certamente suspeitou serem anteriores ao poema. E a alegria que isso deu a todos nós compensa-nos das provações sofridas.

Trata-se de uma evidente incapacidade de ler. Recorrendo à efégrafe (francesa), podemos mesmo falar em segundo analfabetismo. Ora, se somos contra um analfabetismo, devemos ser contra todos: então o que for o vosso trabalho será também sob a forma de luta. Não a maior, mas uma — «escrevo com a seriedade com que uma criança brinca» (Jorge Luís Borges).

EDUARDO PRADO COELHO

Resposta a dois objectores

Continuação da pág. 8

(...)
Europa, minha terra, aqui te encontro
e à nossa humanidade assim translicida
e tão de pedra nos pilares sombrios.
(Chartres ou as pazes com a Europa,
in *Peregrinatio ad Loca Infecta*)

e sabe também, afinal, que só um contexto intensamente elaborado poderá defender e retirar o carácter acessório a uma adjectivação inicialmente colocada na mais absoluta dependência dos substantivos:

PRIMAVERA NO WISCONSIN

Na limpidez tranquila da manhã aliana
em que as despidas árvores imóveis
são como nervos ou expectantes velas
no corpo transparente do azulado ar,
as águas quietas, mas não tanto que
nelas se espelhe mais que a concentrada cor
do ar tranqüilo, nem tão menos que
pareçam gelo perto as águas mais distantes,
pousam na margem delicadamente
como na mesma terra infusas se dispersam
dos ramos e dos troncos sombras confundidas.

A terra se amarela de anteverde
e, seca, espera, entre a neve que foi
e o ténue estremecer da selva que desperta.

Por isso, mais estranhas me parecem as debilidades de um poema como *Frigido*

Vento; e mais me surpreende que o redactor dos *Ecos* possa considerar admirável o fragmento reproduzido.

Assim termina o seu apontamento: A verdade é que a restituição da palavra à nascença, as extrapolações líricas mais belas e mais fortes dão-se não só por via de uma pesquisa formal mas pelo encontro do escritor com as suas raízes mais profundas. Em suma, o problema é infinitamente mais complexo do que o esquema formalista a que Gastão Cruz o reduz. Isto sem prejuízo do apreço que nos merece a luta teimosa pela verdade da literatura como aventura e descoberta no domínio da linguagem. Mas a linguagem é um ser, é também o ser. O meu esquema formalista (quando se compreenderá, de uma vez para sempre, que o termo formalista, embora podendo ser pouco adequado ao que em verdade designa, nada implica de pejorativo e que são formalistas algumas das mais importantes e fecundas correntes da crítica literária moderna?), o meu esquema formalista, diz, não abarca, segundo o autor dos *Ecos*, toda a complexidade do problema. A separação por ele estabelecida entre pesquisa formal e encontro do escritor com as suas raízes mais profundas elucida-nos de que nos encontramos perante mais uma metafísica do conteúdo.

O encontro do escritor, etc., se é que é possível atribuir algum sentido a essa expressão, não é realizável senão através de uma pesquisa no domínio do material, à qual preside um princípio construtivo (as relações entre o material e o princípio construtivo são estudadas no ensaio *A Noção de Construção* de J. Tymanov (1), a quem esta terminologia pertence). Portanto, a separação entre pesquisa formal e aquilo a que o redactor dos *Ecos* metafisicamente chama encontro do escritor com as suas raízes mais profundas parece-me uma daquelas falsas dicotomias que só dificultam a compreensão do fenómeno poético. Neste sentido escrevia eu recentemente, num artigo sobre a poesia de Ruy Belo, que a autenticidade do poeta é a autenticidade da sua linguagem.

Em resumo, penso: a) que com uma linguagem cristalinamente (!!!) habitual não é possível conseguir poemas estruturalmente perfeitos (mesmo aceitando um termo tão equívoco como este último); b) que as extrapolações líricas que se derem não por via de uma pesquisa formal mas pelo encontro do escritor com as suas raízes mais profundas não são belas nem são fortes, mas indigestas (como diz Ruy Belo (2)): Poema simples não é o poema acessível, directo, chato, incapaz da menor invenção,

mas sim o poema dotado da capacidade de surpreender num ápice, de provocar esse delicioso traumatismo que é a emoção estética. Se há uma poesia moderna é a poesia da surpresa, da aventura, do rigor. Porque não é lícita a aventura que não conduza ao rigor. E o rigor deve aglutinar, compendiar a aventura. (...) Poesia é complicação, é doença da linguagem, é desvio da sua principal função, que será comunicar: Só o poeta se fica na linguagem. Os outros passam por ela, servem-se dela, embora possam ser sensíveis a ela; c) que a busca do efeito estético de surpresa (que, como se vê, Ruy Belo também considera essencial) não pode conduzir a um barroquismo insignificante, porque conduz ao rigor.

GASTÃO CRUZ

(1) António Sérgio, *Ensaio*, Tomo VII, p. 205.

(2) *Arte Poética* - 2, in *Geografia*.

(3) Esta referência ao estrato das unidades de sentido não implica uma aceitação integral da teoria dos estratos de Roman Ingarden.

(4) In *Théorie de la Littérature*, textes des Formalistes russes, Aux Éditions du Seuil, 1966, pp. 114-119.

(5) *Da Espontaneidade em Poesia*, in *No Senda da Poesia*, 1969, pp. 147 e 148.

RESPOSTA A DOIS OBJECTORES

por Gastão Cruz

1. DA «DESFULANIZAÇÃO»

O MEU ARTIGO *Situação da Poesia Portuguesa*, publicado em 17 de Abril de 1969 neste Suplemento Literário provocou — e ainda bem — as previsíveis e esperadas indignações.

A mais recente, e já um pouco tardia, apareceu no mesmo Suplemento, em 29 de Janeiro último, no artigo de E. M. de Melo e Castro *A Crítica Literária* em 1969.

As objecções de Melo e Castro giram em torno do uso (indevido, na sua opinião) que naquele meu texto fiz da expressão de António Sérgio *desfulanizar*. Acusa-me, mais precisamente, de cometer um erro grave de interpretação de uma frase de António Sérgio: «desfulanizar as questões». E acrescenta: «É que, segundo creio, no sentido sergiano da frase «desfulanizar as questões» não é o de imprecisamente indicar as questões «deixando ao leitor a tarefa de identificar o poeta ou poetas a que me refiro», como diz Gastão Cruz no artigo citado».

Melo e Castro parece não ter compreendido (talvez porque eu não o sublinhei suficientemente) que a identificação das personagens do meu *entre-mez crítico* era uma parte secundária — a parte lúdica do caso, digamos. O mais importante consistia, exactamente em caracterizar determinados sectores — negativos ou positivos, mas sempre de algum modo relevantes — do panorama poético português e julgo que o não fiz tão imprecisamente como Melo e Castro pretende, pois vários dos pos-

síveis visados lá se reconheceram ou foram reconhecidos.

Mas não é o próprio Melo e Castro quem no seu artigo afirma que hoje sabemos que interessa mais falar de problemas do que de indivíduos, interessa mais entender o fenómeno criador dentro de uma estrutura que considerar a obra individual em seu carácter único e privilegiado, para, pouco depois, se contradizer, declarando que



Jorge de Sena: um dos maiores

é preciso fulanizar, personalizar a questão da crítica em Portugal?!

Quanto a mim, o fundamental não está em *desfulanizar* ou em *fulanizar*. O que importa é que, *desfulanizando* ou *fulanizando*, se atinjam os problemas autênticos da poesia portuguesa. Isto é, que, usando de novo palavras de António Sérgio, os casos sejam típicos e representativos.

Para que Melo e Castro se convença de que é inteiramente correcta a minha utilização do termo sergiano, aqui fica a transcrição da nota inserta entre parêntesis no final do ensaio *Explicações a um catequético de Direito sobre a doutrina ética dos meus «Ensaio»* (1): «Publicado na «Seara Nova» em Julho de 1925; suprimiu-se o nome do catequético para *desfulanizar* o caso que em si foi típico e representativo.»

2. A LINGUAGEM DA POESIA

A secção *Ecos* do «Diário de Lisboa», do passado dia 6 de Fevereiro, inseriu um reparo à minha crítica do livro *Peregrinação ad Loca Infecta*, de Jorge de Sena, publicado na «Seara Nova» do mesmo mês.

Começa o redactor dos *Ecos* por apontar um equívoco que ameaça gravemente generalizar-se entre nós: o de exigir ao poeta (...), uma permanente tensão estilística, com vista a evitar a adjectivação vulgar e a criar choques e fricções entre as palavras, dos quais há-de provir o efeito estético de surpresa. E acrescenta: Ora, se tal impacto, efectivamente, é condição importante da linguagem artística, a verdade é que a sua busca exaustiva pode conduzir a um barroquismo insignificativo. Por outro lado, com a linguagem mais nua, descascada e cristalinamente habitual consegue-se, por vezes, poemas estruturalmente perfectos.

Acontece, porém, que não existe, nem pode existir, relação entre a *permanente tensão estilística*, fruto de uma vigilância e um rigor extremos, exigida ao poeta, e o *barroquismo insignificativo* que o autor dos *Ecos* teme que ela conduza. Mesmo para prevenir esse perigo só haverá vantagem em que a adjectivação vulgar seja evitada e se criem choques e fricções entre as palavras, sinal de que elas não se amontoam momentaneamente e insignificativamente no poema.

A linguagem da poesia é sempre um desvio da linguagem comum e não creio que com a *linguagem mais cristalinamente habitual* (mas a linguagem habitual não é cristalina, é baça...) se consigam, alguma vez, poemas estruturalmente perfectos.

Linguagem nua, descascada, já é coisa bem diversa. Ainda não há muitos meses me referi, neste Suplemento, a alguns poemas do *Diário-X* de Miguel Torga, dizendo que lhes eram aplicáveis estas palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen (2): *E é da obstinação sem tréguas que a poesia exige que nasce o «obstinado rigor» do poema. O verso é denso, é tenso como um arco, exactamente dito, porque os dias foram densos, tenso como arcos, exactamente vividos. O equilíbrio das palavras entre si é o equilíbrio dos momentos entre si. Não há linguagem mais nua e descascada que a desses poemas de Torga — nada mais oposto a qualquer espécie de barroquismo, insignificativo ou outro. E, no entanto, como se sente neles a tensão estilística (o verso é denso, tenso como um arco, diz Sophia) que o redactor dos Ecos julgou ser o primeiro passo para esse barroquismo.*

Escreve ele, a seguir: *E o mais curioso é que Gastão Cruz cita precisamente uma passagem admirável de «Frigido Vento», para, exemplificando, a condenar.*

Temo que o eco em questão tivesse dado, a quem desconhecesse a minha crítica ao livro de Jorge de Sena, a impressão de que ela lhe era desfavorável, quando, afinal, eu penso (e afirmo) que *Peregrinação ad Loca Infecta* é uma obra de primeiro plano e o seu autor um dos maiores poetas portugueses de hoje. Vejamos, todavia, as passagens do poema *Frigido Vento* comentadas negativamente nessa crítica:



*Frigido vento
que não retorna
ah que saudades, tenho de ser jovem
quando como ele
passava gélido
queimando as faces
crestando as mãos
deixando em corpos
algo de mim
(...)
gélido vento
queimando as faces,
crestando as mãos,
deixando as sujas
de intimidade
despudorada, anónima e feliz.*

Creio bem que não será num poema como este que poderemos achar a tal *linguagem nua, descascada* que o redactor dos *Ecos* parece querer ver nele. Muito menos qualquer vestígio de tensão estilística. O que nós aqui lamentavelmente encontramos é pura verbosidade: excesso de palavras, adjectivação desnecessária e, principalmente, articulação banal dos vocábulos. Um verso como *ah que saudades, tenho de ser jovem* está irremediavelmente e irrecuperavelmente comprometido com os hábitos linguísticos mais corriqueiros. Adjectivos como *frígido* ou *gélido* não têm qualquer autonomia em relação ao substantivo *vento*, a que se ligam. O mesmo sucede com *suja* em relação a *mãos* e com *despudorada anónima e feliz* em relação a *intimidade*. Nada nos versos transcritos sai do domínio do plausível (os verbos *queimar* e *crestar*, exprimindo a acção do *frígido-gélido vento* sobre as faces e as mãos, etc.).

E, no entanto, essa autonomia da palavra (não me refiro, evidentemente, às palavras de ligação), que corresponde a um verdadeiro rigor imaginístico, podia perfeitamente achar-se num discurso nu e descascado, de facto, em que existisse um efectivo *equilíbrio das palavras entre si*. Estou novamente a lembrar-me de Miguel Torga (de algum Miguel Torga, sublinhe-se, que a maior parte dos seus poemas é de uma verbosidade insuportável). Não poderá, é claro, dizer-se que a escassa adjectivação de que ele faz uso nos seus melhores textos de poesia seja uma *adjectivação vulgar*. Em todo o poema *Lezíria*, (*Diário-I*) por exemplo, há um único adjectivo — humana: (...) *cantam baixo e parece/que na raiz humana dos seus pés/qualquer coisa apodrece*. Um adjectivo apenas, mas que não é um acessório. É uma palavra com autonomia, com valor imaginístico próprio, uma palavra que acrescenta ao substantivo algo que estava fora das suas vizinhanças semânticas mais chegadas. É, de resto, uma palavra-chave, acaso a mais importante de todo o verso, o autêntico cerne da metáfora que ele é.

Bom seria que pudéssemos prosseguir com este assunto, que se me afigura fundamental, mas não é esta a ocasião oportuna para o fazer. Assimile-se, entretanto, o seguinte: que não existem em poesia (pelo menos quando a encaramos segundo o estrato das *unidades de sentido*) (3) palavras acessórias, a não ser as conjunções, os determinativos, as preposições, etc., isto é, aquilo a que, em linguística, se chama monemas gramaticais ou morfemas, em oposição aos monemas lexicais ou lexemas.

O adjectivo qualificativo é um ponto particularmente perigoso do discurso poético. E Jorge de Sena é, na larga maioria dos casos, um mestre nessa arte difícil de adjectivar. Ele sabe usar o adjectivo com valor autónomo:

Continua na pag. 7

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

UMA ENCICLOPÉDIA PARA TODA A GENTE



O melhor e mais útil presente
40 VOLUMES
profusamente ilustrados

adquira-a
hoje mesmo

EDITORES
EDITORIAL
ENCICLOPÉDIA,
LDA.

R. ANTÓNIO MARIA
CARDOSO, 33-35
LISBOA
Preencha o devoto
aos EDITORES
o boletim no lado

Todo o saber humano
numa só obra!
A PRONTO OU
A PRESTAÇÕES (pagamentos
mensais)

Queiram enviar-me sem compromisso
da minha parte as condições para a compra da GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA por pagamentos suaves.

NOME
MORADA
LOCALIDADE